



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CAROLINA BENTES DE OLIVEIRA SALES

**REDE DE APOIO AO PARTO HUMANIZADO: UM ESTUDO SOBRE AS
APRENDIZAGENS E SABERES DAS MULHERES EM UM GRUPO DO
FACEBOOK**

**FORTALEZA
2017**

CAROLINA BENTES DE OLIVEIRA SALES

REDE DE APOIO AO PARTO HUMANIZADO: UM ESTUDO SOBRE AS
APRENDIZAGENS E SABERES DAS MULHERES EM UM GRUPO DO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em educação. Área de concentração: Tecnologias Digitais na Educação

Orientação: Professor Dr. Eduardo S. Junqueira Rodrigues

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S155r Sales, Carolina Bentes de Oliveira.
Rede de apoio ao parto humanizado : um estudo sobre as aprendizagens e saberes das mulheres em um grupo do facebook / Carolina Bentes de Oliveira Sales. – 2017.
124 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo S. Junqueira Rodrigues.

1. Cibercultura. 2. Redes Sociais Virtuais. 3. Aprendizagem. 4. Parto Humanizado. I. Título.

CDD 370

CAROLINA BENTES DE OLIVEIRA SALES

REDE DE APOIO AO PARTO HUMANIZADO: UM ESTUDO SOBRE AS
APRENDIZAGENS E SABERES DAS MULHERES EM UM GRUPO DO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em educação. Área de concentração: Tecnologias Digitais na Educação

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Santos Junqueira Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Miriam Struchiner
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me conquistou e direcionou todas as escolhas da minha vida me trazendo até aqui.

A minha mãe Zezé, quem primeiro me ensinou o amor e com seu olhar do céu, encoraja-me a ser firme e permanecer lutando mesmo quando tudo quer me desanimar.

Ao meu esposo, amigo, companheiro, motivador, admirador, que está ao meu lado e a quem amo imensamente e ao lado de quem quero conquistar muito mais, na vida pessoal e acadêmica.

Ao meu irmão Victor, que me ensinou o verdadeiro amor, que é dar a vida pelo outro até o fim.

À Comunidade Católica Shalom, meu lar, onde pude desenvolver os dons que Deus me deu, e onde dei os primeiros passos como educadora.

À Laura, mãe espiritual e amiga tão querida, quem é sinal visível do amor de Deus por mim.

À Equipe Maiêutica, amigas que admiro e com quem divido o sonho de mudar o mundo, mudando um nascimento por vez.

À doula Krys Rodrigues quem primeiro dividiu comigo as alegrias e angústias no caminho da luta pela Humanização do Parto.

Às mulheres que encontrei pelo caminho da pesquisa, àquelas que tiveram seus partos roubados, àquelas que tiveram seus partos conquistados. Seguimos todas juntas na luta por uma assistência ao nascimento digna e com respeito.

Às mulheres que me deram o prazer e a honra de acompanhá-las durante o trabalho de parto.

Ao meu orientador Eduardo Junqueira que foi como uma bússola. Por ter sido como um luzeiro que alumiu quando tudo estava nebuloso. Por ter tido cuidado com o meu trabalho e pesquisa.

Às minhas amigas tão amadas Laís Santos “Batatinha” e Tatiana Paz, amigas e anticompanheiras nas alegrias, aventuras e desventuras do mestrado.

“Para mudar o mundo é primeiro preciso mudar a forma de nascer” (Michel Odent)

RESUMO

Dentro do cenário de luta pela humanização do parto no Brasil, desde o final da década de 1990, vários grupos organizados viram nas listas eletrônicas um espaço eficaz de comunicação, articulação e divulgação dessa causa. Com a popularização da Internet e das redes sociais, o número de mulheres com acesso a esses espaços virtuais aumentou significativamente. Essas práticas foram renovadas pela cibercultura, que possibilita uma comunicação entre pessoas além do fluxo unidirecional, permitindo trocas mais horizontais que potencializam a coletivização dos saberes. Assim, é relevante investigar em que medida o ciberespaço se tornou território privilegiado para trocas entre pessoas interessadas no parto humanizado, sendo capaz de favorecer a agência das participantes. Para tanto, este trabalho documentou e analisou as interações tecidas no grupo Parto Humanizado no Ceará – PHC do Facebook. Realizou-se de um estudo qualitativo com observação participante, baseada nos estudos etnográficos no ciberespaço, tendo como principais ferramentas de pesquisa: a coleta de imagens de postagens relevantes, o diário de campo digital e a entrevista semi-estruturada. Desse modo, o Grupo PHC na rede social Facebook se revelou um espaço onde os participantes realizam ações e conexões que ligam diversos nós na rede, constituindo-se como uma rede de apoio emocional e informativa que gera aprendizagens e aglutinação de novos saberes, a partir de uma relação dialógica permeada pela afetividade entre as participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura. Redes sociais virtuais. Aprendizagem. Parto Humanizado.

ABSTRACT

Within the context of the struggle for humanized birth in Brazil, since the end of the 1990s, several organized groups have seen in the electronic lists an effective space for communication, articulation and dissemination of the cause. As Internet and social networks usage have become completely mainstream, the number of women with access to these virtual spaces increased significantly. These practices were renewed by cyberculture, which enables communication between people beyond the unidirectional flow, facilitating more horizontal exchanges and boosting knowledge sharing. Thus, it is relevant to investigate to what extent this cyberspace have become a privileged territory for exchanges among people who are interested in humanized birth as well as if it is able to reinforce the participants' agency. In order to do this, we have documented and analyzed the interactions among the participants on the Facebook page Parto Humanizado do Ceará (PHC). A qualitative research was carried out with participatory observation, based on the ethnographic studies on cyberspace and using, especially, the following research tools: the collection of pictures from some relevant posts, a record digital book and semi-structured interviews. In this sense, the PHC Facebook group has revealed itself as a space where the participants carry out actions and connections that link the several nodes in the network. This network provides emotional and informative support and generates learning, from a dialogical relationship permeated by affectivity among participants.

KEYWORDS: Cyberculture. Virtual social networks. Learning. Humanized delivery.

LISTA DE SIGLAS

CMC – Comunicação Mediada por Computador
MBE – Medicina Baseada em Evidência
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONG – Organização Não Governamental
PHC – Parto Humanizado no Ceará
PNF – Parto Normal Fortaleza
TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
UFC – Universidade Federal do Ceará
VBAC - Vaginal Birth After Cesarean

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1.	Breve histórico sobre assistência ao parto	11
1.2.	A humanização do parto no Brasil	13
1.3.	As redes e a luta pelo parto humanizado no Brasil	15
1.4.	Caminhos trilhados para a maternidade: meu encontro com o parto humanizado	16
2	UM GRUPO QUE DISCUTE PARTO HUMANIZADO EM UM SITE DE REDE SOCIAL VIRTUAL – PHC	20
2.1.	Novos fluxos comunicacionais e a discussão sobre Parto Humanizado	22
2.2.	Considerações sobre a interface e o Grupo PHC	23
3	REFERENCIAL TEÓRICO	29
3.1.	Comunidades Virtuais e Redes sociais digitais: expressão de sociabilidade contemporânea	29
3.2.	Espaços de aprendizagem em rede - Comunidades Virtuais e Redes Sociais Virtuais	32
3.3.	Filtrando e aglutinando conteúdos no dilúvio informacional – descolonização de saberes nas Redes Sociais Virtuais	38
3.4.	Agência e cibercultura	41
4.	PERCURSOS METODOLÓGICOS	48
4.1.	Alguns apontamentos sobre a Etnografia no ciberespaço	49
4.2.	Aproximação com o campo	52
4.2.1.	<i>Principais técnicas de pesquisa</i>	54
5.	Grupo PHC: espaço virtual de apoio, aprendizagens e afetos	60
5.1.	Discussões sobre redes de apoio e parto humanizado	60
5.1.1.	<i>Rede de apoio familiar</i>	61
5.1.2.	<i>Laços fortes e fracos na rede – influência nas tomadas de decisões</i>	64
5.1.3.	<i>Trocas informacionais e emocionais – o PHC como rede de apoio</i>	67
5.2.	Aprendizagens em rede	72
5.2.1.	<i>Tópicos fixos – apoio informacional que gera aprendizado</i>	73
5.2.2.	<i>A busca por informação em outros nós da rede</i>	79
5.2.3.	<i>Aprendizagens ampliadas: A descolonização de saberes sobre o parto no</i>	

<i>Grupo PHC</i>	84
5.2.4. <i>Diálogos no grupo virtual – a construção de novos saberes</i>	90
5.2.5. <i>Afetividade nos processos de aprendizagem para o parto humanizado</i>	104
5.3. Duas histórias sobre a busca pelo Parto Humanizado no PHC	106
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119

1 INTRODUÇÃO

1.1 Breve histórico sobre a assistência ao parto

A sociedade passou por imensas transformações ao longo da história, a exemplo da Revolução Industrial no século XVIII, e essas mudanças atingem todas as áreas da vida dos indivíduos, já que estão para além da relação econômica e de produção, sendo também culturais e sociais. As sociedades modernas se contrapõem à ideia de comunidades (LEMOS, 2013), pois estas são unidades de sociedades tradicionais, ligadas à vida doméstica, à economia da casa, às necessidades primárias e à religião, enquanto as sociedades modernas são fundadas na cidade, no comércio, na indústria e na ciência. Muitas foram as consequências do processo de construção das sociedades modernas. O parto, por exemplo, que era visto como puro ato fisiológico e que fazia parte da vivência do núcleo familiar, passou a fazer parte de uma lógica médico-hospitalar (ODENT, 2003).

Essa lógica médica que a modernidade traz para o universo do parto transfere os conhecimentos sobre essa área da sexualidade feminina das mãos das mulheres para mãos *especializadas* de homens médicos. Esse processo se constituiu também em uma transformação nos modos de operar a agência de cada sujeito dentro desses contextos culturais e tem relação com os vértices principais do conceito de agência apontados por Sherry Ortner (2006, p.68): 1. Perseguir projetos – “ideias de intenção, com projetos de pessoas (culturalmente constituídas) no mundo e com sua habilidade de iniciá-los e de realizá-los”, e 2. Exercer poder, “incluindo tanto dominação como resistência”. Houve, a partir desse ponto na história, sucessivas transferências de agência/protagonismo, não sem resistência, que conduziu ao que se conhece hoje como cultura cesarista e à luta pela humanização do parto.

Tornquist (2004) explica que no Brasil, a partir do século XIX, com a vinda da corte portuguesa, toda a saúde passou por um processo higienização e branqueamento. As parteiras tradicionais, geralmente índias ou negras escravas, eram vistas como sujas e até mesmo danosas para o atendimento ao parto. Os médicos passaram longo período reclamando para si a competência para o acompanhamento do parto e eram aclamados pelos jornais, literatura e poder público da época, que, aos poucos, foram criminalizando práticas que não se adequavam ao ideal médico e letrado. A consequência disso foi uma distinção preconceituosa entre os médicos puros e as parteiras impuras.

Em meados do século XX, a hospitalização do parto estava difundida em vários países, inclusive nos centros urbanos do Brasil. De forma quase definitiva, substituiu-se as parteiras tradicionais pelos médicos obstetras e o ambiente familiar foi abandonado em favor dos hospitais. Houve, assim, muitas mudanças no conceito sobre parto normal e uma rápida “expansão no uso de muitas tecnologias com a finalidade de desencadear, aumentar, acelerar, regular ou monitorar o processo fisiológico do parto, com o objetivo de torná-lo ‘mais normal’ e melhorar a saúde de mães e crianças” (DINIZ, 2001, p.1).

Isso acarretou muitas mudanças nos conceitos sobre o parto normal, que, no ambiente higienizado hospitalar, passou a ser visto como patológico. Nas discussões médicas, a dor do parto ganha uma enorme relevância. Parir passou a ser entendido como uma violência da natureza, provocada pelo pecado original, de modo que os profissionais de saúde tomaram para si a missão salvífica de livrar o corpo feminino desse tormento¹ (DINIZ, 2005). Desenvolveram-se novas tecnologias para a execução do parto ou extração do feto. Essa rápida expansão no uso de ferramentas e técnicas visava “desencadear, aumentar, acelerar, regular ou monitorar o processo fisiológico do parto, com o objetivo de torná-lo ‘mais normal’ e melhorar a saúde de mães e crianças” (DINIZ, 2001, p.1).

O que se viu em seguida foi o uso sempre aumentado da tecnologia em uma série de procedimentos instrumentais de rotina. Nada disso evitou a dor, mas essa dinâmica deu início a um processo que oportunizou intervenções médicas violentas e uma crescente alienação da mulher ante o processo de parto e o seu próprio corpo.

Segundo Michel Odent (2003), a concentração da assistência ao parto nos grandes hospitais tendeu à padronização, com rotinas e protocolos. O autor relata o surgimento de um parto industrializado, caracterizado tanto pelo número excessivo de cirurgias cesáreas, quanto por procedimentos de rotina problemáticos nas demais práticas médicas na assistência ao parto normal.

Hoje, no caso do parto normal, se adotam como procedimentos padrão a anestesia peridural, ocitocina intravenosa, monitoramento eletrônico do bebê, esvaziamento artificial da bexiga, além de outras intervenções. Em regra, tudo isso é feito com pouca consulta ou participação da parturiente. “Na idade do parto industrializado, a mãe não tem o que fazer. Ela é uma ‘paciente’” (ODENT, p.49. 2003).

¹“Disse também à mulher: Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio”. (Gênesis 3, 16)

Não se nega, entretanto, que tecnologias como a cirurgia cesariana, quando bem empregadas, podem salvar vidas de mães e de seus filhos. O que se questiona são procedimentos hospitalares rotineiros usados sem a devida comprovação de que trazem impacto positivo na assistência ao parto. Muitas das rotinas hoje, além de não se sustentarem em evidências científicas, também afastam a mulher de todo o processo e, geralmente, desrespeitam a fisiologia própria do seu corpo (LUZ, 2014; DINIZ, 2015).

1.2 A humanização do parto no Brasil

A história da assistência prestada pelo sistema de saúde brasileiro é marcada por práticas nas quais as mulheres, vistas como *pacientes*, são isoladas, impedidas de eleger um acompanhante, impedidas de se alimentar, sujeitas a procedimentos que não lhes são devidamente explicados, ou que até são indesejados. Na maioria dos casos, essas e outras circunstâncias transformam a opção pela via vaginal de parto em uma escolha pelo sofrimento. Além disso, muitos médicos passaram a combinar a cesárea à ligação de trompas para a infertilidade feminina, o que fazia dessa intervenção *uma cirurgia para resolver dois problemas*.

Essas e outras rotinas médicas, hoje entendidas como violência obstétrica², fizeram com que as mulheres de classe média, que podiam arcar com os custos financeiros migrassem para as cirurgias cesáreas eletivas (DINIZ, 2005). Foi o início de um grande aumento no número de cirurgias cesarianas, e hoje temos um quadro que pode ser identificado como epidemia de cesáreas no Brasil³, país líder nessas cirurgias, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Hoje a prática chega a 55% dos partos brasileiros, valor muito acima da faixa, entre 10% e 15%⁴, recomendada pela OMS. Se contarmos somente a rede particular, a taxa chega a 80%, o que é absurdamente alto. Foi em resposta a essas práticas que, na década de 1980, iniciou-se no Brasil a luta pelo Parto Humanizado. Ela está inserida em um “movimento internacional por priorizar a tecnologia apropriada, a qualidade da

²“A violência obstétrica caracteriza-se pela apropriação do corpo e processos reprodutivos das mulheres pelos profissionais de saúde através do tratamento desumanizado, abuso de medicalização e patologização dos processos naturais, causando a perda da autonomia e capacidade de decidir livremente sobre seus corpos e sexualidade, impactando negativamente na qualidade de vida das mulheres. (definição dada pelas leis venezuelana e argentina, onde a Violência Obstétrica é tipificada)”. Disponível em: <<https://aviolenciaobstetrica.wordpress.com/dados-estatisticos-violencia-obstetrica/>>. Acesso dia 20 jun 2016.

³Cf. em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_cesarianas_mundo_rb>. Acesso 12 jan. 2016.

⁴Cf. em <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/cesariana-por-que-no-brasil-ela-e-uma-epidemia>>. Acesso em 12 jan. 2016.

interação entre parturiente e seus cuidadores, e a desincorporação de tecnologia danosa” (DINIZ, 2005, p. 629).

Profissionais de várias áreas do conhecimento, especialmente em países europeus, passaram a questionar vários dos procedimentos médico-hospitalares ligados ao parto e a denunciar a falta de pesquisas e evidências científicas que atestassem seu benefício real para o binômio mãe-bebê (DINIZ, 2005; ODENT, 2003). Exigiu-se o abandono de práticas repetidas por mera tradição médica e sua substituição pelos padrões identificados pela Medicina Baseada em Evidências - MBE. Esse movimento levou a OMS a elaborar, com base em estudos científicos, uma lista de recomendações de boas práticas para a assistência ao parto.

O movimento de Luta pelo Parto Humanizado está pautado em três princípios: o protagonismo feminino, a Medicina Baseada em Evidências e o trabalho em equipe multidisciplinar. No Brasil, essa luta chegou especialmente ao Sudeste e, em 1993, foi fundada a Rede pela Humanização do Parto e do Nascimento (Rehuna). Em seu documento fundador a rede afirmava que:

[...] no parto vaginal a violência da imposição de rotinas, da posição de parto e das interferências obstétricas desnecessárias perturbam e inibem o desencadeamento natural dos mecanismos fisiológicos do parto, que passa a ser sinônimo de patologia e de intervenção médica, transformando-se em uma experiência de terror, impotência, alienação e dor. Desta forma, não surpreende que as mulheres introjetem a cesárea como melhor forma de dar à luz, sem medo, sem risco e sem dor (Rehuna, 1993, apud. DINIZ, 2001, p.631).

No início, essa luta estava essencialmente ligada ao meio urbano e, em regra, limitava-se aos grandes centros no Sudeste do país, ainda que tenha havido experiências isoladas como a do Dr. Galba de Araújo⁵, no Ceará. A partir da década de 1990 esse quadro começou a mudar. Inclusive porque o avanço das tecnologias digitais de informação e comunicação (TIC) passou a possibilitar que muito mais mulheres tivessem acesso à informação atualizada sobre a humanização do parto e pudessem se engajar em movimentos ligados à causa.

⁵“Em 1975, como diretor da Maternidade Escola Assis Chateaubriand (Meac), verificou que grande número de parturientes do interior do Estado procurava a maternidade acompanhadas por parteiras empíricas ou tradicionais. Criou então o Programa Comunitário de Saúde Familiar, com o treinamento das parteiras, para o parto normal domiciliar e a identificação das gestantes de alto risco, através de trabalhoso e difícil mecanismo de convencimento ao público, aos políticos, autoridades e, principalmente, à classe médica”. (<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2015/02/25/noticiasjornalopiniao,3397848/dr-galba-araujo-um-legado.shtml>)

1.3 As redes e a luta pelo parto humanizado no Brasil

A luta pela Humanização passou por fases, de acordo com as transformações sociais, acima citadas. No final da década de 1980 e início da próxima década, em vários estados brasileiros, especialmente no Sudeste, houve algumas iniciativas de profissionais médicos, de órgãos políticos, de movimentos feministas, pela Humanização do Parto, inclusive com encontros nacionais programados.

Na década de 1990 *networkings*⁶ eram comuns e foi a ideia de rede que mais inspirou as fundadoras do Rehuna (TORNQUIST, 2004). O propósito era articular diferentes profissionais que atuassem na área da assistência humanizada ao parto, um modelo de organização ligado a “um conjunto de valores compartilhados pelo campo ético-político dos movimentos sociais do período, como autonomia, democracia de base, descentralização e eficiência, em que a comunicação em redes (real e virtual) era a pedra de toque” (TORNQUIST, p. 161. 2004).

Inicialmente, a comunicação entre os associados dessa rede circulava pela troca de cartas datilografadas em tom coloquial. Com o avanço da informática no Brasil, o diálogo manteve seu tom informal, mas passou a ocorrer majoritariamente em uma lista de *e-mails*. Já no final da década de 1990, vários grupos brasileiros usavam listas eletrônicas entre suas ferramentas de comunicação e articulação.

Com a disseminação da internet, novos espaços virtuais de apoio à gravidez, ao parto natural humanizado e à amamentação se popularizaram no Brasil. Redes sociais, comunidades, *blogs*, *vlogs*, etc. passaram a ser ferramentas de um novo ativismo, que foi se desenhando e conquistando espaço na sociedade. A autora Lidiele Medeiros explica um pouco essa ocupação dos sites de redes sociais pelas mulheres do parto humanizado:

Já em 2004, ano de fundação do Orkut, são criadas no site diversas comunidades de apoio ao parto natural, contra cesáreas desnecessárias, pela humanização do nascimento e propostas afins; com a popularização do Facebook no Brasil, pouco tempo depois, há uma migração para este site, agora no formato de “grupos de discussão”, como registrou Gonçalves (2014). O funcionamento é semelhante às antigas comunidades do Orkut: é permitido que qualquer integrante abra um tópico trazendo uma questão para discussão e, a partir de então, os demais podem contribuir com seus próprios comentários. Alguns integrantes ficam responsáveis pela “moderação”, em que se busca, geralmente, intervir no sentido de preservar as regras de convivência do grupo. Tais espaços, alguns destes com milhares de

⁶ Rede de contatos e relacionamentos eficaz para um negócio comercial específico.

participantes, constituem-se como importante meio de trocas e de construção de saberes e práticas em saúde pelas mulheres. (MEDEIROS, 2014, p.45)

Esse movimento na rede foi fundamental para a difusão dos movimentos para além do Sudeste brasileiro. Essas comunidades virtuais são também uma expressão da característica agregadora do ciberespaço, que, sem restrições geográficas, é capaz de reunir pessoas em torno de ideias comuns. Desse modo, integrantes desses grupos buscam por informação que gere autonomia e devolva o protagonismo feminino para a vivência de um parto digno e respeitoso.

O que se vê hoje, potencializado pela cibercultura, é, talvez, a busca pela retomada do direito de agência sobre o próprio corpo e o corpo do filho, afinal, “Talvez a resistência sempre seja desta natureza: proteger projetos ou o direito de ter projetos” (ORTNER, 2007, p. 68).

Note-se que, no início, a discussão sobre humanização não estava difundida entre as mulheres de modo geral, mas circulava, principalmente, entre profissionais seletos e certos movimentos sociais organizados, com destaque para grupos feministas. Essa participação reduzida enfraquecia um dos princípios da Humanização do Parto: o protagonismo feminino.

Em contraste, o Brasil atual tem multiplicadas possibilidades de acesso à informação de qualidade sobre o parto. Nos grupos e discussões sobre o tema, fala-se muito do *empoderamento feminino* e de sua importância para que a mulher possa retomar o poder e a responsabilidade pelo próprio corpo.

1.4 Caminhos trilhados para a maternidade: meu encontro com o parto humanizado

O parto humanizado faz parte de uma busca particular. Sempre desejei ser mãe e, mesmo antes de casar, tive muitas oportunidades de conviver com crianças de várias idades. Contudo, nunca havia pensado mais detidamente sobre o parto. Quando casei, há quase quatro anos, comecei a pensar seriamente sobre ter filhos. Conversando com algumas pessoas percebi o quanto é difícil, na realidade brasileira, parir uma criança de maneira respeitosa, digna, honesta e sem violência por parte da equipe técnica hospitalar. Não basta querer, é preciso lutar!

Lutar é um verbo muito forte, mas totalmente aplicável à situação. É preciso lutar contra um sistema e uma cultura cesarista, na qual as mulheres foram alienadas dos conhecimentos sobre o próprio corpo e sua sexualidade, inclusive no que diz respeito ao parto. Envolvi-me de tal modo nesse universo que pude perceber o quanto esse tema também interessa à Academia. A luta pela Humanização do Parto passa, em grande medida, pela educação e por estudos em várias áreas do conhecimento. No meu caso, esse caminho incluiu a análise e observação de um movimento crescente de mulheres se empoderando e trocando experiências nas redes sociais virtuais.

Minha aproximação com o campo se deu em dois momentos distintos. Inicialmente, sem qualquer intenção de elaborar uma pesquisa, encontrei, na rede social Facebook, alguns grupos de apoio ao parto normal. Comecei a frequentar dois desses grupos, sendo um deles o Parto Humanizado no Ceará – PHC. O interesse era simplesmente aprender como eu poderia ter um parto natural, respeitoso e digno. No começo, eu visitava as comunidades de forma apenas ocasional, ainda sentindo muita dificuldade com certas abreviações, palavras e temas próprios daquelas discussões. Transitando entres os dois grupos, foi ficando claro que existia uma diferença marcante entre ambos. Um deles tinha uma moderadora que controlava tudo, ou quase tudo, o que era postado. Essa moderadora era uma doula⁷ e trabalha mais diretamente com uma médica em Fortaleza.

Nesse grupo, chamado “Parto Normal Fortaleza”, certa vez fiz uma postagem divulgando um evento e fui chamada *in box* pela moderadora, que pediu esclarecimentos sobre o evento e informou que eu deveria conversar com ela antes de fazer qualquer convite naquele grupo. Já no PHC, notei que suas duas moderadoras não opinavam sobre todas as postagens e não pareciam querer ter a voz final sobre as questões apresentadas. Assim, mesmo antes de começar uma observação sistematizada, eu percebia que nesse grupo as mulheres tinham mais autonomia.

Logo depois de iniciar meu curso de mestrado em educação, a Universidade Federal do Ceará – instituição sede do mestrado – paralisou as atividades contra políticas governamentais. Foi quando surgiu a oportunidade de fazer um curso de Doulas em Fortaleza,

⁷Doula é uma palavra grega que significa “mulher que serve”. É a figura moderna das antigas vizinhas e amigas que cuidavam do ambiente e da família das mulheres em trabalho de parto. Para ser doula não é preciso ser formada em curso da área da saúde e por isso a doulas não fazem nenhum procedimento técnico. Segundo o código de ética do DONA International, a doula dá apoio físico e emocional antes, durante e depois do trabalho de parto. Cf. em <<http://www.dona.org/>>. Acesso em 10 dez 2015.

que teria duração de quatro dias. Decidi fazer o curso e me aproximar de vez desse universo. Nesse evento passei a entender muitas daquelas palavras e abreviações que antes me pareciam tão confusas, dominei aspectos importantes do parto humanizado e conheci pessoas que poderiam me ajudar a trilhar esse caminho. O encontro também consolidou, em mim, a noção de que muito da violência cometida contra a mulher e contra o bebê ocorre por falta de informação e de empoderamento.

Depois do curso, procurei vários livros e artigos. Quis me aprofundar na história da humanização para tentar entender por que há tanta resistência em praticar as evidências científicas mais atuais e trabalhar em equipes multidisciplinares. Como conclusão dessas leituras, entendi que a luta pela humanização passa pela academia, mas não só no que diz respeito à educação médica, ou técnica, estamos inseridos em uma cultura cesarista, na qual a mulher foi alienada do próprio corpo, nesse caso do ato de parir e dos saberes que isso envolve, então esse é um tema que precisa ser discutido em vários âmbitos, para que a mulher resgate o direito de responsabilizar-se por si e pelo seu filho.

As Redes Sociais são exemplo, nos anos 2000, de lugar onde acontecem novas formas de sociabilidade no ciberespaço (LEMOS, 2013; SILVA, 2010) e que causam considerável impacto na vida cotidiana. Ali também estão se construindo novas formas de aprendizagem (LÉVY, 1999; SIEMENS, 2004), diferentes daquelas experimentadas na educação formal de ensino. A luta pelo parto humanizado no cenário brasileiro é um exemplo de como um tema que era restrito a um pequeno grupo, com maior acesso ao ciberespaço, popularizou-se e ganhou força e visibilidade. Alguns estudos têm se debruçado sobre aspectos variados da relação entre Parto Humanizado no Brasil e a Cibercultura (MEDEIROS, 2014; MARQUES, 2013; TIMES, 2014) e têm contribuído para o entendimento deste campo.

Quando se pensa na relação entre Parto Humanizado e Cibercultura algumas questões se levantam: 1. Como se desenvolvem processos de aprendizagem em rede sobre parto humanizado no Grupo Parto Humanizado no Ceará? 2. Esse aprendizado em rede contribui para a vivência do protagonismo feminino? 3. Visto que as redes sociais virtuais se constituem espaços de uma nova sociabilidade, elas se constituem também uma nova forma de rede de apoio online para mulheres que querem ter um parto humanizado?

Este trabalho investigou essa nova sociabilidade dentro do PHC e como nele se desenvolvem processos de aprendizagem em rede, bem como se esses processos geram

empoderamento para a vivência de um protagonismo feminino. Além de procurar compreender como um grupo no Facebook pode tornar-se uma rede de apoio online para mulheres que desejam ter um parto humanizado.

Posto isso, dividiu-se esta dissertação em Introdução, três capítulos e considerações finais. No segundo capítulo se faz uma delimitação do objeto de pesquisa e contextualização do Grupo Parto humanizado no Ceará. No terceiro capítulo, traz-se o referencial teórico passando pelo entendimento das redes sociais virtuais e como elas se constituem espaço de aprendizagem em rede. Além de compreender o protagonismo feminino na cibercultura e como essa mesma cibercultura amplia as possibilidades de descolonização de saberes. No capítulo quatro se desenvolve a análise das relações que acontecem dentro do PHC e com outros nós da rede. No quarto capítulo os percursos metodológicos deste trabalho. E por fim, as considerações finais.

2 UM GRUPO QUE DISCUTE PARTO HUMANIZADO EM UM WEBSITE DE REDE SOCIAL VIRTUAL – PHC

O Parto Humanizado no Ceará – PHC é um grupo do Facebook popular na cidade de Fortaleza. Essa comunidade foi criada por duas doulas cearenses (Doula 1 e Doula 2) e hoje, tem 7.200 membros cadastrados, entre mulheres grávidas, tentantes⁸, puérperas⁹, mães de crianças maiores, homens, doulas, enfermeiras obstetras, médicos, médicas, administradores de hospital, entre outros. São pessoas que estão em busca de um “grupo de partilha” sobre o parto humanizado, como explicitado na descrição do grupo.

Antes de se conhecerem, ambas as doulas moderadoras/fundadoras do PHC já tinham uma trajetória na luta pelo parto humanizado. O parto da primeira filha da Doula 1 ocorrera mediante cesariana eletiva (quando a mulher e o médico escolhem uma data por conveniência e não por motivo de saúde). Isso aconteceu antes de seu envolvimento na humanização do parto. De fato, muitas das mulheres seguem por esse caminho quando orientadas pelo saber médico predominante no Brasil. Ao falar sobre porque ela escolheu esse tipo de parto, ela explica que, quando estagiava como fisioterapeuta, presenciou um parto vaginal que tinha ocorrido com muita violência obstétrica – por isso ela escolheu “não sofrer”. No depoimento abaixo, retirado do seu blog pessoal, a moderadora explica um pouco do caminho entre o parto e o início de seu envolvimento com as discussões da humanização.

Sempre acompanhei os grupos virtuais sobre maternidade, sempre ajudava como podia. E o intrigante era: Sempre me via vendo vídeos de parto! Não sabia pq, mas depois em um ano da [minha primeira filha] que fui ver parto, o primeiro que assisti e que achei normal o normal foi um domiciliar, parteira Ana Cris, parturiente Sabrina. No interior onde trabalhava iniciei os grupos de gestantes, acompanhamento uroginecológico, me aproximei do parto normal. No facebook sempre acompanhei as brigas entre PN x cesárea. Ai resolvi estudar. E senti pela primeira vez culpa pela via de nascimento que escolhi para minha filha. Eu não sabia dos riscos, não sabia da metade dos riscos, não sabia o que era binômio mãe e bebê e comecei a me revoltar contra o sistema cesarista cruel que vivemos. As vezes não queria dizer nos grupos virtuais como foi o nascimento da minha filha, tinha vergonha e culpa. (Doula 1 – relato de parto no Blog pessoal – 18/07/2016)

Os sentimentos descritos acima não impediram um envolvimento cada vez maior. Nesse processo, ela participou de um curso para doulas e começou a trabalhar na área. Inicialmente o PHC era um grupo secreto cujos únicos membros eram ela e o companheiro. Ele servia como um repositório de respostas rápidas para ajudar as gestantes que começavam

⁸ Mulheres, ou casais, que tentam engravidar.

⁹ Mulheres que passaram pelo parto há pouco tempo. O puerpério dura em média 60 dias depois do parto.

a procurá-la como doula. Assim, quando se decidiu adicionar outras pessoas ao grupo, ele já tinha uma forte característica informativa. Em 2017, a Doula 1 teve um segundo parto. Dessa vez ela planejou conceber em seu domicílio, mas, durante o trabalho de parto, optou por ir a um hospital, onde a filha nasceu de parto normal. Mais especificamente, já que seu primeiro parto tinha sido uma cesárea, tratou-se de um “parto normal depois de cesárea” (VBAC – sigla em inglês para *Vaginal Birth After Cesarean*).

A Doula 2 se envolveu com os grupos de gestação durante a própria gravidez. Em relatos dados em rodas de conversa sobre gestação e maternidade, conta que planejara um parto domiciliar, mas, depois de um tempo em casa, acabou transferida para um hospital público. Ela sofreu violência obstétrica nesse hospital, onde também sequer permitiu-se que ela ficasse com um acompanhante. Ela conta que precisou usar tudo o que tinha aprendido durante a gestação a fim de garantir ao menos alguns dos direitos dela e do filho.

Após essa experiência, ainda no período de puerpério, a Doula 2 passou a exercer um papel de ativista pela humanização nas redes sociais. Foi então que ela fez um curso de doulas e, em uma roda de conversa, conheceu a Doula 1. As duas se identificaram e decidiram trabalhar juntas, fundando uma equipe de assistência ao parto. Ambas então passaram a ser moderadoras do Grupo PHC no Facebook.

Como já mencionado, apesar de no Facebook existirem pelo menos duas grandes comunidades que focam sobre o assunto do parto normal no cenário cearense, a escolha do PHC se justifica por ser um grupo que se denomina ligado aos princípios da Humanização, o que se verifica, a princípio, nos acordos descritos na postagem fixa no alto da *timeline*¹⁰ do grupo. São doze pontos que trazem um link que organiza os tópicos fixos de temas importantes, indicações de boas atitudes para manter um bom relacionamento entre os participantes, além da descrição dos princípios básicos que orientarão as partilhas do grupo.

Muitos assuntos aparecem neste *post* fixo¹¹, entre eles a explicação de que se reconhece ali a existência de outras possibilidades de escolhas das mulheres grávidas, além do parto humanizado. As moderadoras defendem que a humanização não é a única escolha

¹⁰*Timeline* significa em português linha do tempo. Nesse caso refere à página inicial de uma conta no Facebook, onde ficam dispostas as postagens e compartilhamentos, sendo apresentadas do mais recente ao mais antigo.

¹¹*Post* fixo é uma postagem que fica sempre no alto de uma linha do tempo numa conta do Facebook, mesmo não sendo a postagem mais recente.

possível, que todas serão respeitadas, mas que, no grupo, não serão incentivadas. Por isso, segundo elas, só há uma base de discussão “permitida” naquele grupo: o parto humanizado.

2.1 Novos fluxos comunicacionais e a discussão sobre Parto Humanizado

As práticas comunicacionais na cibercultura proporcionaram mudanças significativas nas relações sociais através da mudança paradigmática dos processos de comunicação. Estes deixam de funcionar num fluxo unidirecional, passando assim do *mass media* para formas mais individuais de produção e transmissão do conhecimento (LEMOS, 2013). Este novo contexto só se tornou possível graças à popularização do ciberespaço e à digitalização da vida cotidiana. Nas palavras de Lèvy, ciberespaço é um

[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos [...] na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. (LÈVY, 1999, p. 94)

É uma nova concepção na forma de comunicar-se, individualizada, personalizada, bidirecional e com possibilidade de se transmitir em tempo real (LEMOS, 2013), onde qualquer pessoa que esteja conectada à rede pode expressar-se e colaborar para a expansão desse mundo digital. “Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos)” (LEMOS, 2013, p.69). Essa ampliação das possibilidades de comunicação proporciona a criação de novas formas de agrupamentos sociais e de aprendizagem. Exemplificando, Allegretti et. al. postula que:

O *Facebook* favorece o fluxo comunicacional por meio do compartilhamento das mídias sociais, ou seja, o que está em jogo é mesmo o fluxo de signos, a interação e a conectividade entre pessoas e conteúdos, dessa forma, em consonância com o socioconstrutivismo de Vygotsky e com o Conectivismo proposto por Siemens. (ALLEGRETTI et. al. 2012, p. 55)

O fluxo de informação permitido pelas agregações como no caso do Facebook, não são apenas mais numerosas, são também mais rápidas. Na verdade, quanto mais a tecnologia avança, mais instantâneo e onipresente é esse fluxo de mensagem. No caso das discussões sobre o Parto Humanizado, com a popularização da Internet e ferramentas como as redes sociais e o Facebook, um número maior de mulheres que não estavam envolvidas diretamente em associações e movimentos sociais passaram a ter acesso a esse fluxo comunicacional por meio do compartilhamento de informações sobre esse tema.

Como explicado acima, a mudança de ambiente, ou seja, deixar de ser uma luta só do meio urbano físico e passar a ser uma ação híbrida, que circula também nos meios virtuais, traz novas características às relações em torno dessa causa. E mais, mesmo já no ciberespaço, as mudanças tecnológicas também influenciam as possibilidades de conexões, enquanto as redes eram principalmente as listas de *e-mail*, como no caso da Rehuna, tinha-se um tipo de relação, um alcance, e possibilidades de conexões, quando essa rede passa a ocupar sites de redes sociais virtuais, como no caso da comunidade PHC, tudo isso ganha nova proporção, até mesmo no que diz respeito ao tipo de mensagem trocada. Martino (2015) explica essas diferenças:

As listas de *e-mail*, um dos exemplos mais antigos de redes, têm uma dinâmica consideravelmente diferente, geralmente mais lenta, do que conexões instantâneas em redes sociais via celular. Mas não só a velocidade caracteriza a dinâmica de uma rede. O tamanho da mensagem trocada, por exemplo, depende do tipo de participantes de cada rede – para manter um exemplo, em uma lista de *e-mails* as mensagens tendem a ser mais longas e mais profundas do que em *sites* de redes sociais. (MARTINO, 2015, p. 56)

Essa mensagem alcança um número maior de pessoas interessadas na luta pela humanização e mulheres que podem nunca ter tido a oportunidade de pensar em uma maneira mais respeitosa de vivenciar um parto. E como explicita Martino, a edição dessa mensagem também muda, com as possibilidades de interação e co-autoria características do ciberespaço.

2.2 Considerações sobre a interface e o PHC

O meio por onde a mensagem circula influencia diretamente as possibilidades de fluxo, de autoria e de acesso à informação. Por isso, a interface dos dispositivos que usamos para acessar o ciberespaço não pode ser desconsiderada nesse estudo. Os dispositivos que inundam o nosso cotidiano são pensados para serem cada vez mais intuitivos. Não precisamos pensar sobre como os processos acontecem e os muitos zeros e uns, que a linguagem de programação usa para digitalizar nossas informações, tornam-se invisíveis (JOHNSON, 2001), graças às interfaces. Martino (2015) diz que:

[A interface] É o ponto de contato entre humanos e máquinas no qual, *de fato*, ocorre a única interação entre ambos. Fora isso, todo o resto do processo acontece em espaços inacessíveis entre si, os neurônios, de um lado, e os *chips*, do outro. Em uma cultura na qual as mídias digitais ocupam um lugar privilegiado, as interfaces estão o tempo todo ao redor dos indivíduos, intermediando sua relação com a mensagem. (MARTINO, 2015, p. 226)

Desse modo, é imprescindível descrever as interfaces do objeto de estudo deste trabalho, onde parte das novas conexões e discussões sobre o parto humanizado têm se dado. Nesse caso, a página no Facebook do grupo Parto Humanizado no Ceará.

Imagem 01 – Página inicial do PHC, vista a partir do perfil da autora



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 12 mar. 2016

A imagem 01 mostra a página inicial do grupo PHC quando uma pessoa usa um computador para entrar no grupo a partir do seu perfil pessoal. De acordo com o que se sabe sobre as lógicas comerciais do site Facebook, algumas coisas, como os anúncios publicitários, são ligeiramente diferentes em cada perfil, mas, de modo geral, a versão de hoje do site apresenta as informações nessa disposição.

Na linha superior ficam os ícones de acesso ao perfil de cada usuário, primeiro o símbolo do site Facebook, uma lupa de busca dentro do site, foto de perfil do usuário, nome, ícones que levam à página inicial, linha do tempo, solicitações e proposições de amizade, notificações e registros de atividades.

Na faixa cinza do lado esquerdo da tela vê-se, novamente, a foto e o nome (dessa vez nome completo) do perfil de usuário e atalhos a *links* agrupados em: favoritos, páginas, aplicativos, grupos, amigos. Embora a faixa cinza esteja presente em todos os perfis, os *links* de atalho descritos são diferentes para cada usuário, correspondendo às atividades exercidas na conta.

Abaixo da linha azul, no centro da tela, tem-se a foto do grupo. Sobre ela, o nome – Parto Humanizado no Ceará, o aviso de que se trata de um grupo fechado e o símbolo de cadeado, os ícones que dizem que o usuário entrou no grupo (com a possibilidade de sair e deixar de seguir o grupo), o ícone compartilhar, e como o usuário quer ser notificado sobre as ações que acontecem naquele grupo. Esses últimos ícones são muito importantes para ajudar os integrantes do grupo a estabelecer conexões. O site permite que cada pessoa escolha, em determinada medida, em que ordem de importância as atividades de uma página devem aparecer na linha do tempo de cada perfil e como essas atividades serão notificadas. É possível supor que quanto mais importante uma página é para o usuário, mais notificações ele escolha receber. Pode-se escolher ser notificado sobre: todas as publicações, os destaques, as publicações de amigos ou desativá-las.

Logo abaixo da foto, do lado esquerdo, vê-se cinco abas - discussão, membros, eventos, fotos e arquivos - e do lado direito uma lupa de pesquisa em que a busca se dá apenas no próprio grupo. Quando a aba da discussão está aberta, logo abaixo das abas estão as principais possibilidades de ação do membro do grupo: escrever publicação, foto/vídeo, enquete, e quando se abre as reticências do “mais” - vender um item, adicionar arquivo, criar álbum de fotos, criar *doc* e criar evento.

São muitas possibilidades de interação, não necessariamente usadas por todos os membros. As funcionalidades da página e do Facebook permitem que cada um estabeleça uma relação particular com a página e com os outros membros. Mas também há de se considerar que essas possibilidades estão sempre sendo modificadas, de acordo com as atualizações apresentadas pelo site, e também estão sempre sujeitas à fluência que cada usuário tem com a tecnologia. Alguns nomes associados às funcionalidades são auto-explicativos e convidativos, como no local onde é possível escrever uma publicação lê-se: “Escreva algo...”.

Logo abaixo há uma publicação fixada, ou seja, esta não muda a não ser que a moderação do grupo o faça, diferente das outras publicações da linha do tempo, que correm a

cada nova postagem. Esse tipo de publicação fixa é bem característica desse tipo de grupo. Nesse caso, uma das moderadoras fixou uma postagem dos acordos que os membros devem seguir quando fizerem postagens, comentarem as atividades de outras pessoas ou circularem pelos ambientes do grupo. A moderação pede que todos os novos membros se apresentem no tópico de apresentações, por exemplo.

Depois dessa publicação fixada vem a linha do tempo daquele grupo, com o nome em cima que diz, atividade recente. Funciona como nos perfis, fica no topo as postagens mais recentes e as mais antigas vão descendo podendo ser acessadas levando a barra de rolagem na margem direita sempre mais para baixo.

Ainda abaixo da foto de capa do grupo, no lado direito da tela, o usuário pode adicionar membros, ver alguns membros que são seus amigos e estão também naquele grupo, ler a descrição do grupo, criar novos grupos e ver as fotos recentes do grupo.

O Facebook também disponibiliza aplicativo gratuito para celular smartphone. É outra interface com pequenas alterações e talvez a mais usada hoje, já que os celulares são o principal meio de acesso à rede. A imagem 02 traz o modo como esse aplicativo pode ser visualizado.

Imagem 02 – visualização do aplicativo do facebook no smartphone



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 12 mar. 2016

Nos celulares o aplicativo mostra a página do tamanho da tela, sem as muitas informações laterais. A imagem é mais limpa. Traz no topo da tela uma cor forte azul, característica do símbolo do Facebook, nessa faixa uma lupa de pesquisa dentro do grupo e ícone que quando aberto traz informações do perfil do usuário do aplicativo.

Logo abaixo da foto de capa do grupo com o nome – Parto Humanizado no Ceará, a informação de que se trata de um grupo fechado e a quantidade de membros. Depois os ícones que informam que o usuário entrou no grupo, que pode adicionar membros, pesquisar e obter informações sobre aquele grupo. Pode também ler a publicação fixada, mas que não fica aparente, a não ser que se toque em um ícone na tela.

Seguindo a lógica da centralidade de uma tela menor veem abaixo a foto do usuário, a frase “escreva algo...” e um símbolo de máquina fotográfica para anexar uma foto se desejar, além de reticências que te levam às possibilidades de iniciar um vídeo ao vivo, criar uma enquete, criar evento de grupo, criar bate-papo em grupo, criar álbum em grupo e vender um item. Finalmente a linha do tempo se acessa rolando a tela sempre para baixo.

Cada uma dessas formas de acessar ao grupo é ligeiramente diferente e também podem possibilitar atividades diversas. Só usando o celular se pode fazer um vídeo ao vivo e acessar as discussões do grupo em qualquer lugar, por exemplo, o que tem sido uma marca da conectividade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Comunidades Virtuais e Redes sociais virtuais: expressão de sociabilidades contemporâneas

As transformações fruto das novidades trazidas pela cibercultura influenciam todas as áreas da vida humana - social, política, artística, etc.. A própria interação das pessoas com a internet passou por um longo processo de transformação, o acesso que temos hoje é bem diferente daquele do início da popularização da rede. As transformações possibilitadas pela web 3.0 estão articuladas principalmente ao redor da mobilidade e de uma ainda mais nova relação com a temporalidade, já que nos encontramos agora em um presente contínuo (SANTAELLA, 2010).

Na concepção de Lèvy (1999), três princípios estiveram na base do crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão é o princípio de tudo, não há ciberespaço com atores isolados. “Para a cibercultura, a conexão é sempre preferível ao isolamento. A conexão é um bem em si” (LÈVY, 1999, p. 129). Se há conexão, a inteligência coletiva tira o foco do indivíduo contemplando o coletivo e social, exprimindo

[...] a ideia de que as tecnologias, na sociedade, são mediadoras entre as inteligências individuais e potenciam as suas capacidades criativas. Um grupo de indivíduos que colabora com o seu conhecimento, com as suas conversações, vai contribuir na sociedade para esta alcançar um nível superior de inteligência, um saber coletivo que transcende as inteligências individuais que a conformam. (ALVIM, 2011, p.16)

Desse modo, o conhecimento é visto como possível, graças ao conhecimento de cada um (LÈVY, 2004) e, assim, a inteligência coletiva é o resultado de todas as colaborações individuais e coletivas. Finalmente, as comunidades virtuais podem ser vistas como espaços para vivenciarmos novas formas de sociabilidade. Na visão de Ana Sofia Marcelo (2001):

Com a ligação às redes telemáticas e a edificação de um novo universo comunicacional (segundo uma lógica reticular), a visão que o Homem tem de si e do mundo que o rodeia nunca mais será a mesma. A criação de comunidades designadas virtuais (*on-line communities*), constituídas na sua maioria por pessoas que não se conhecem fora da rede, inaugura novas formas de sociabilidade. (MARCELO, 2001, p. 83)

Ana Sofia Marcelo (2001) explicando, ainda, algumas características fundamentais dessa sociabilidade no ciberespaço, explicita que um dos objetivos dos sujeitos na rede é obter informações sobre os mais diversos assuntos e como o ciberespaço é mais democrático, possibilita o acesso de diferentes indivíduos às mesmas informações. Pensando a *troca de informações* como um elemento central para compreender as relações sociais na rede, relaciona-a com a teoria que Marcel Mauss designou de “sistema de prestações totais” na obra *Ensaio sobre a dádiva*:

Na Sociedade da Informação, a relação contratual pode ser analisada numa perspectiva similar à do “sistema de prestação total” das sociedades arcaicas, uma vez que, no sistema reticular, um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, num primeiro momento, solicita uma determinada informação a um outro indivíduo ou grupo; num segundo momento, recebe a informação solicitada; e, num terceiro e último momento desta relação de troca, o primeiro indivíduo ou grupo de indivíduos tem a obrigação de retribuir a informação concedida. A realização do “Ser Digital” passa, indubitavelmente, pela relação de troca recíproca em que, apesar da acção ser aparentemente gratuita por parte dos indivíduos envolvidos na troca, em última instância, traduz-se numa prestação interessada, na medida em que a informação partilhada é, obrigatoriamente, dada e retribuída. A realização do indivíduo no novo universo comunicacional da Sociedade da Informação expressa-se através de uma dualidade na relação de troca: a dádiva e a retribuição. (MARCELO, 2001, p. 87)

Essa troca - dádiva e retribuição – se relaciona com o que Lèvy (1999) também destaca como uma moral que rege a etiqueta nas comunidades virtuais: a reciprocidade. Repassar conhecimentos em rede gera uma recompensa simbólica ligada à reputação que o sujeito adquire entre os seus pares na comunidade virtual.

Ainda seguindo essa linha da reciprocidade, um ponto em destaque são as novas formas de relações e sociabilidade que a rede permite. André Lemos é um autor que, entre outros temas da cibercultura, aprofunda seus estudos, justamente, sobre essas novas formas de sociabilidade na era digital, baseado, especialmente, nos estudos do sociólogo Michel Maffesoli. Para este autor a sociedade contemporânea ocidental, de modo geral e não só no ciberespaço, apresenta novas formas de agregações urbanas, que ele denomina socialidade, diferenciando-se da sociabilidade “ao colocar ênfase na tragédia do presente, no instante vivido, além de projeções futuristas ou morais, nas relações banais do quotidiano, nos momentos não institucionais, racionais ou finalistas da vida de todo dia” (LEMOS, 2013, p. 83).

A socialidade está, assim, ligada à importância cotidiana e banal, em que ao mesmo tempo se desfaz uma unidade do social, já que as pessoas não se identificam mais com o que as instituições representam, mas se percebe uma unicidade marcada por uma religação

dos indivíduos em tribos. Essa (re)tribalização forma redes ou coletivos em que a pessoa emprega emoções e experimentações, revitalizando o social, “os indivíduos se entregam aos sentimentos partilhados em rede, em tribos, com base naquilo que é emocionalmente comum” (SILVA, 2010, p.77).

Nesse contexto, o ciberespaço e as tecnologias de informação e comunicação (TIC) contribuem para a formação de comunidades através da *reliances*¹², como consequência da *deliance* criada pela modernidade excessivamente individualista, racionalista e tecnicista (LEMOS, 2013). André Lemos (2013) chega a chamar de cibernsocialidade, a socialidade da cibercultura, onde a tecnologia, que na modernidade foi sinal de racionalização e separação, hoje é instrumento de convívio e relações comunitárias.

As comunidades virtuais e as redes sociais digitais, desse modo, podem ser vistas como expressão da retribalização que acontece graças à cibernsocialidade. Segundo Lèvy (1999), as comunidades virtuais são construídas com base em interesses e afinidades, projetos em comum, em que as trocas acontecem independentemente da distância física ou geográfica, onde as pessoas podem estabelecer diferentes formas de vínculos. As comunidades virtuais representam “a congregação de vontades de um determinado grupo de pessoas que partilham interesses comuns, o que as torna um espaço para as mais variadas manifestações artísticas, culturais, promovendo a aproximação e unindo-as pelos mais diversos interesses” (LISBOA e CÔUTINHO, 2011, s/p).

Marcelo (2001) também destaca a definição traçada por Howard Rheingold, autor da obra *Comunidade Virtual*, que explica como: “grupos de pessoas que se interligam entre si através de uma complexa rede informática (que obedece a uma estrutura rizomática, na qual não se identifica um princípio nem um fim), e não por intermédio de laços circunscritos aos limites de um espaço físico” (p. 90).

Assim, também as redes sociais são entendidas como um agrupamento de relações humanas de menor ou maior intensidade. As redes sociais são muito anteriores e independem das tecnologias digitais, mas a interatividade e possibilidades de conexão da internet popularizaram o termo e redefiniram as relações humanas com o tempo e o espaço, como já explicado acima. Desse modo, como as comunidades virtuais, as redes sociais digitais

¹²“Estariamos vendo hoje, através dos diversos tribalismos contemporâneos (religiosos, esportivos, hedonistas, musicais, tecnológicos etc.), o (re)surgimento do que Durkheim chama de solidariedades mecânicas, ou Weber de comunidades emocionais, ou o que Marcel Bolle de Baql chama de *reliance*”. (LEMOS, 2013, p.87)

[...] se caracterizam pela existência de laços firmados a partir de interesses comuns, é possível verificar a formação de todo tipo de agrupamento para a troca de informações, ideias e materiais, gerando não apenas uma interação entre os participantes no sentido de compartilhar conhecimentos, mas também o engajamento em questões política, sociais e culturais. (MARTINO, 2015, p.58)

Essas informações estão dispersas no ciberespaço que possibilita armazenar, organizar e processar uma quantidade enorme de informações colaborativamente construídas a partir dos mais diversos atores. Lèvy (1999) chama esse fenômeno de dilúvio informacional. É justamente esse dilúvio que possibilita a inteligência coletiva e muda o modo como vemos e nos relacionamos com o conhecimento. Ao redor desse conhecimento disperso as pessoas se agrupam ou (re)tribalizam potencialmente em comunidades virtuais e redes sociais digitais.

As comunidades virtuais e redes sociais digitais, assim, podem também ser vistas como agrupamentos de aprendizagem, onde pode ocorrer uma aprendizagem colaborativa e os indivíduos podem ser considerados como agentes ativos na construção de seu conhecimento.

3.2 Espaços de aprendizagens em rede - Comunidades Virtuais e Redes Sociais Virtuais

Através dos últimos vinte anos, a tecnologia reorganizou o modo como vivemos, como nos comunicamos e como aprendemos. O espírito colaborativo da Internet (CASTELLS, 1999) influencia os modelos tradicionais de aprendizagem, os sujeitos não são somente leitores, mas autores, produtores de novos saberes (CARVALHO *et al.* 2013; MAIA *et al.* 2014), os quais quando compartilhados estão, mais uma vez, sujeitos a novas significações. No ciberespaço “a informação está menos sujeita às formas de controle tradicionais, pois ela é transversal, descentralizada e multidirecional” (CARVALHO *et al.*, 2013, p. 203). Refletindo acerca das transformações da contemporaneidade, Lévy chega a dizer que vivemos em uma época de limite em que uma descoberta modifica tudo ao nosso redor:

[...] vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação como o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado. (LÉVY, 1999, p.17)

Com esse novo estilo de humanidade, surge um novo estilo de aprendizado. Lévy trata sobre essas transformações antropológicas no livro, “As tecnologias da inteligência – o

futuro do pensamento na era da informática”. Nele, destaca-se uma mudança que denomina *metáfora do hipertexto*.

Hipertexto é o nome que se dá à escrita normalmente encontrada na Internet. O que o diferencia de um texto comum é a gama de informações complementares que se associam ao texto primário. Essas informações que se acrescentam são de fácil acesso, por meio dos *hiperlinks*, que são trechos ou palavras colocados em destaque, e que ligam uma página digital a outra. A cada *hiperlink* está associado um endereço eletrônico, um *clic* e um novo mundo se abre.

Para Lévy, a importância dessa metáfora está em tentar desvendar esses novos moldes de comunicação da era da informática. A ideia comum é a de que a comunicação se dá entre o emissor e o receptor, por meio da mensagem enviada. Porém, a essa ideia o autor acrescenta a importância de todas as conexões que se faz ao receber uma mensagem:

O esquema elementar da comunicação não seria mais “A transmite alguma coisa a B”, mas sim “A modifica uma configuração que é comum a A,B,C,D, etc.”. O objeto principal de uma teoria hermenêutica da comunicação não será, portanto, nem a mensagem nem o emissor, nem o receptor, mas sim o hipertexto que é como a reserva ecológica, o sistema sempre móvel das relações de sentidos que os precedentes mantêm. E os principais operadores desta teoria não serão nem a codificação, nem a luta contra o ruído através da redundância, mas sim estas operações moleculares de associação e desassociação que realizam a metamorfose perpétua do sentido. (LÉVY, 1999, p.73)

A ideia do *hipertexto* leva-nos para além da linearidade do discurso, baseada na estrutura rizomática da rede, abrindo-nos a um campo de possibilidades associativas e de construção coletiva. A capacidade de compreender um texto, de interpretá-lo, é maior quanto maior for a rede de relações que o indivíduo for capaz de tecer.

A palavra escrita é mais independente do contexto em que a informação foi gerada e permite ao leitor que o contexto seja o seu hipertexto, as suas conexões. E, mais uma vez, como ocorreu em outros momentos da história da humanidade, a exemplo da invenção da escrita (LÉVY, 1999; GIDDENS, 1991), essa maneira de realizar conexões passa a moldar um novo modo de operar o conhecimento. Desse modo, na era da inteligência em rede “o conhecimento será transmitido não mais de um para muitos, mas de um para um ou de muitos para muitos” (TAPSCOTT, 2011).

As possibilidades de conexão dentro da internet permitem essa nova forma de interação em que todos podem se comunicar com todos (TAPSCOTT, 2010) e provocaram o

nascimento das redes sociais virtuais, impactando diretamente a forma como nos relacionamos. Santaella (2010) explica as profundas transformações que vêm ocorrendo ao longo da, ainda curta, história das ferramentas virtuais. Destaca como a crescente velocidade da comunicação na rede foi permitindo o nascimento de grupos em torno de interesses comuns. Nesse sentido, Santaella explica que:

[...] a intensa velocidade da extensão e interconexão entre os nódulos informacionais da rede fez com que comunidades se formassem ao redor de nódulos estratégicos de interesses compartilhados. A partir desse movimento de “tribalização” digital é que as primeiras plataformas de redes sociais foram surgindo. (SANTAELLA 2010, p.57)

Esse é o caso da ONG Rehuna, anteriormente citada. Ela foi criada no início dos anos de 1990, no Brasil, por profissionais que prestavam uma assistência humanizada ao parto. Com a popularização do acesso à internet seus integrantes passaram a se comunicar com listas de e-mails e hoje, no auge das relações via redes sociais digitais, têm também uma página no Facebook¹³, onde estão aglutinadas muito mais pessoas do que aquelas que formalmente integram a ONG.

Essas redes têm causado importante e crescente impacto, atraindo cada vez mais o olhar das ciências sociais. Fernandes (2011) anota que, nos conceitos e definições que têm surgido sobre essas novas redes, os estudiosos focam na presença das dimensões: “confiança, partilha e reciprocidade” (p. 01).

Raquel Recuero (2010, p.24) analisa as redes sociais virtuais como formadas por “um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. Entende que as *conexões* sociais são formadas pelos laços sociais que surgem a partir da interação social dos *atores*. Por sua vez, são essas *conexões* estabelecidas pelos *atores* da rede que vão dar sentido às ações ali realizadas.

Sobre os laços sociais, autores como Kaufman (2012) e Martino (2015) os descrevem como fortes ou fracos. Os laços fortes são aqueles que um indivíduo possui com seus amigos mais próximos e seus familiares, laços que não mudam frequentemente. Já os laços fracos, são os que se relacionam com as relações mais voláteis. Nesse sentido, Martino relata a prevalência dos laços fracos nas redes sociais:

¹³Cf. < https://www.facebook.com/pg/RedeReHuNa/about/?ref=page_internal>

Nas redes sociais, os vínculos entre os indivíduos tendem a ser fluidos, rápidos, estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchado no instante seguinte. A noção de *flexibilidade* das redes sociais refere-se a essa característica dos laços existentes em uma rede – os vínculos criados podem ser transformados a qualquer momento, de acordo com sua dinâmica e com as características dos participantes. (MARTINO, 2015, p. 56)

São os laços fracos que nos impedem de viver ilhados e nos levam a conexões diversas. Já nas relações de laços fortes, encontram-se indivíduos que compactuam uma identidade comum, um círculo de confiança. Geralmente, os indivíduos tomam decisões sobre a vida, confiando na opinião das pessoas com quem mantém laços fortes. Em síntese:

A nova arquitetura informativa digital propiciou um crescimento exponencial das redes de “Laços Fracos”, com a formação das chamadas “Comunidades Virtuais”, em torno dos anos 1985, que se expandiram a partir de 1994 com o advento da *web* e explodiram depois em 2004 com as redes sociais. (KAUFMAN, 2012, p.209)

As redes sociais virtuais permitem que uma pessoa se relacione com muitas outras e de modo bem mais simples do que aconteceria no mundo real. A Internet permite a formação de laços fracos como nenhum outro meio (CASTELLS, 2013; KAUFMAN, 2012), o que traz inúmeras possibilidades de obter informações, fundamentais para transitar entre o dilúvio informacional da rede, o que retoma a ideia da Sociedade em Rede (CASTELLS, 2013) e inteligência coletiva (LÈVY, 1999). Edvaldo Couto et. al. (2013) chama atenção ainda para um novo passo das relações em rede, onde a web 3.0 possibilita a instantaneidade da conexão permanente:

Com o advento da web 3.0 - caracterizada pela interseção das redes e usos de aplicativos móveis – vivemos de modo muito mais intenso a expansão da convergência midiática. Agora, estabelecer redes de sociabilidade capazes de ultrapassar fronteiras geográficas e constituir fluxos flexíveis e maleáveis são modos de vida que Lemos e Santaella (2010, p. 17) denominaram de cultura da virtualidade real. Por meio dessa cultura do efêmero é possível o compartilhamento de experiências e interesses comuns através das trocas instantâneas de informação, além do contato contínuo e ininterrupto entre os usuários. Os aplicativos móveis atuam nesse contexto por serem recursos de sistemas abertos, ou seja, permitem que as pessoas estejam constantemente conectadas na dinâmica da mobilidade, independente de limites de tempo e espaço. (COUTO, 2013, s/p, online)

Esse é um novo contexto para pensar os vínculos entre os sujeitos, onde os laços fracos estão ainda mais presentes no cotidiano e, talvez, passem a ter novas relevâncias na vida dos atores da rede. Siemens (2004), por exemplo, destaca quão importantes são os laços fracos para a “inovação e criatividade” e que “conexões entre idéias e campos muito diferentes podem criar novas inovações” (p.05).

Essas relações nos espaços virtuais também influenciam as formas como aprendemos. Siemens teoriza ainda sobre o Conectivismo¹⁴, na busca por explorar a temática da aprendizagem na atual sociedade que vive esse híbrido entre o real e o virtual, e que apresenta novas condições de relação com o conhecimento nesse dilúvio informacional. “Para aprender, em nossa economia do conhecimento, é necessário ter a capacidade de formar conexões entre fontes de informação e daí criar padrões de informação úteis” (SIEMENS, 2004, p. 05). Soares (2013) corrobora que para o conectivismo a inovação é fruto de conexões e combinações entre as muitas informações que circulam na rede. Sobre o conceito de aprendizagem, Siemens destaca que:

A aprendizagem é um processo que ocorre dentro de ambientes nebulosos onde os elementos centrais estão em mudança – não inteiramente sob o controle das pessoas. A aprendizagem (definida como conhecimento acionável) pode residir fora de nós mesmos (dentro de uma organização ou base de dados), é focada em conectar conjuntos de informações especializados, e as conexões que nos capacitam a aprender mais são mais importantes que nosso estado atual de conhecimento. (SIEMENS, 2004, p. 05)

Essa é uma perspectiva que reconhece novas formas de aprender em um mundo digitalizado, em que a comunicação interpessoal tem sido drasticamente modificada pelo uso do computador e de todos os aparelhos móveis que nos conectam em rede. Esse fato faz com que a percepção de mundo seja, hoje, completamente diferente de há cinquenta anos (LÈVY, 1999).

Como a quantidade de informação cresce de forma vertiginosa, saber acessar conhecimentos de qualidade é, talvez, mais importante do que aquilo que já se possui. Por isso, o estudo das redes sociais pode ser encarado, também, como um lócus importante para a observação das muitas possibilidades de conexão entre os atores em rede e de como estes podem manter o fluxo de informações e conhecimento por meio dos laços fortes e fracos na era digital. Afinal, a aprendizagem, hoje, passa longe de uma atividade individualista e solitária, mas se amplifica na extensão das redes pessoais (SIEMENS, 2004).

Nessa mesma linha de pensamento seguem os estudos sobre aprendizagem colaborativa. A aprendizagem colaborativa não foi inaugurada pelas possibilidades da Internet, muitos estudiosos têm se debruçado sobre esse tema (LEITE et. al. 2005;

¹⁴Nas palavras de Siemens: “O conectivismo é guiado pela noção de que as decisões são baseadas em fundamentos que mudam rapidamente. Novas informações estão sendo continuamente adquiridas. A habilidade de distinguir entre informações importantes e não importantes é vital. A habilidade de reconhecer quando novas informações alteram o panorama baseado em decisões tomadas ontem, também é crítica”. (SIEMENS, 2004, p. 05)

CARVALHO, 2012) e muitas teorias partem dos estudos de Vygotsky, que afirma o caráter social e comunitário da aprendizagem, como ressalta Libâneo,

[...] a aprendizagem resulta da interação sujeito-objeto, em que a ação do sujeito sobre o meio é socialmente mediada, atribuindo-se peso significativo à cultura e às relações sociais. A atividade do sujeito supõe a ação entre sujeitos, no sentido de uma relação do sujeito com o outro, com seus parceiros. Mais especificamente, as funções mentais superiores (linguagem, atenção voluntária, memória, abstração, percepção, capacidade de comparar, diferenciar etc.) são ações interiorizadas de algo socialmente mediado, a partir da cultura constituída. (LIBÂNEO, 2005, p. 30)

Relacionar-se traz possibilidades de aprendizagem, se mudamos o meio e a forma como nos relacionamos, a forma como aprendemos também sofrerá implicações. “Não sou ‘eu’ que sou inteligente, mas ‘eu’ com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais” (ALLEGRETTI et. al. 2012, p. 55). Apesar das pessoas poderem aprender em qualquer interação social ou comunidade virtual, há quem diferencie as comunidades virtuais específicas para a aprendizagem. Carvalho aprofunda essa reflexão:

A aprendizagem é um processo inerente à existência humana, independe de local, de tempo e pode surgir das mais diversas situações. Se partimos deste pressuposto, um sujeito pode aprender em qualquer tipo de rede e comunidade virtual. Mas acreditamos que apenas as de aprendizagem possuiriam este objetivo explícito. As atividades desenvolvidas neste tipo de rede/comunidade teriam como objetivo final a aprendizagem, e as discussões se dariam, principalmente, com vistas a atingir o que se propuseram a aprender. Não importaria o ambiente no qual as redes e comunidades virtuais de aprendizagem se desenvolvem, nem o tempo de duração, podendo surgir em listas de discussão, blogs, por meio de troca de e-mails, espaços desenvolvido para cursos, etc. (CARVALHO, 2012, p.07)

Na visão dessa autora uma comunidade virtual só poderia ser dita de aprendizagem, caso tivesse esse fim explícito e as discussões que ali ocorressem tivessem como objetivo final aquilo que se quer aprender, não considerando relevante o tempo de duração dessas comunidades. Compreendo que essa visão pode estar pautada em uma concepção fechada e estruturada do currículo. Allegretti et. al., por exemplo, explicita que “No ciberespaço, o processo comunicativo se intensifica e permite a vivência de um currículo aberto e flexível, em oposição à concepção de um currículo mais tradicional”. (ALLEGRETTI et. al. 2012, p.54). Kaufman, por sua vez, afirma que: “As redes sociais [em geral e não só as com finalidade específica de aprendizagem] virtuais atuam como filtros humanos inteligentes, organizando o excesso de informação e facilitando o processo de escolha dos indivíduos” (KAUFMAN, 2012, p.215), justamente porque agregam os

indivíduos em torno de temas de interesse comum, potencializando um acesso mais simples, direto e seletivo às informações desejadas.

3.3 Filtrando e aglutinando conteúdos no dilúvio informacional – descolonização de saberes nas Redes Sociais Virtuais

Para compreender como se dá a colonização dos saberes é preciso relembrar que, com a chegada do homem europeu às Américas, tem início a organização colonial do mundo. Isso gerou, entre outros fenômenos, pensamentos que passam a ter a Europa como ponto zero, diante do qual os demais povos seriam “pesados e medidos”.

Formaram-se, então, hierarquias articuladas sob as formas de diferenciação de raça, gênero, sexo e de conhecimento. Mesmo após o fim do período colonial essas distinções hierárquicas tiveram continuidade e, de certa forma, estão presentes até hoje. O que se pretende neste tópico é discutir como os saberes populares e aqueles que, mesmo científicos, não estão no topo da atenção vêm encontrando espaços de divulgação e se fazendo ouvir, para além da colonização e seus silenciamentos.

Para o sociólogo peruano Anibal Quijano (2005, 2006) com a “descoberta” e colonização da América Latina o capitalismo se torna mundial e eurocentrado, tendo a colonialidade e a modernidade como alicerces constitutivos do seu específico padrão de poder. O autor cunha o conceito de colonialidade do poder para referir-se às antigas hierarquias coloniais agrupadas na dicotomia europeu e não-europeu, tendo a raça como pilar que estrutura todas as formas de diferenciação. Para a manutenção desse conceito se constituem, ideologicamente, hierarquias que se baseiam principalmente na raça. Contudo, também se convertem na distribuição social do trabalho e nas relações de gênero, por exemplo. Nas palavras do próprio autor:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender **outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero**: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços

fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2005, p.118 – grifo nosso)

Essas hierarquias, que distinguem dominador/dominado e permitem a categorização de inferioridade, perpetuam-se para além do colonialismo, ou seja, mesmo com o fim da exploração colonial e a “libertação” dos estados. Na visão de Boa Ventura de Sousa Santos (2010), foram criadas linhas imaginárias, como a antiga linha do Tratado de Tordesilhas, que separa o mundo em norte e sul. Esse sul é conceitual e não geográfico, já que exclui países ricos que estão abaixo da linha do Equador, como a Nova Zelândia. Essas linhas identificam *os do lado de cá e os do lado de lá*.

Nesse processo, o conhecimento científico surge como o único conhecimento válido e que legitima quem pode produzir conhecimento e quem não pode. Santos (2010) identifica com essa distinção entre os de lá e os de cá, cinco modos de produção de ausências em nossa racionalidade ocidental, entre elas a *monocultura do saber e do rigor do saber*.

Se o único saber válido é o proveniente das ciências, outros saberes e outras práticas sociais baseadas no conhecimento popular e tradicional passam a ser inválidos e desacreditados. Como ressalta Luz:

O caráter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e as não científicas de verdade, e fez conhecimentos populares, plebeus, camponeses e indígenas desaparecerem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis (LUZ, 2014, p, 33).

Os saberes que se relacionam ao parto também entram nessa lógica da legitimação do saber científico. Como fruto da medicalização moderna, que atinge todas as áreas da vida humana ocidental, os conhecimentos tradicionais foram sendo afastados das mulheres. Assim, por exemplo, não se veem parteiras tradicionais dentro dos hospitais, nem nas escolas médicas, salvo em raras experiências, como a, já citada, iniciativa do Dr. Galba Araújo.

O corpo em si também aparece como importante para as teorias acerca do saber racional. Segundo Quijano (2005), antes do eurocentrismo no mundo, as culturas já distinguiram corpo e alma, mas mantinham forte crença na copresença inseparável desses dois no indivíduo. Com a necessidade europeia de expropriação do outro dominado, foram amplamente difundidas teorias que corroboravam uma separação entre corpo “não-racional” e alma “racional”. No caso, o não-europeu seria mais próximo do estado de natureza e, por isso,

mais próximo do corporal, menos capaz de racionalidade. Quijano aponta como essa divisão interfere, também, nas relações de dominação de gênero:

O processo de separação destes elementos do ser humano é parte de uma longa história do mundo cristão sobre a base da idéia da primazia da “alma” sobre o “corpo”. [...] Certamente, esse novo e radical dualismo não afetou somente as relações raciais de dominação, mas também a mais antiga, as relações sexuais de dominação. Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza. (QUIJANO, 2005, p.118)

Na medicina ocidental o saber científico desacredita e destitui o poder sobre o conhecimento dos cuidados com o corpo e a saúde dos povos em geral, o que acontece também com os conhecimentos acerca do parto. O corpo, visto como inferior à alma, quando feminino é ainda relacionado com ideias de fragilidade e defeito.

Marcel Mauss (2003) em um de seus estudos analisa diversos grupos sociais e conclui que a primeira tecnologia que o homem aprende a usar é o próprio corpo, o que ele denomina técnicas corporais. A vida sexual de um povo também está entre essas técnicas que são ensinadas aos mais jovens. Mauss diz que o adulto quase nada tem de original, porque na infância se é ensinado o que ser na vida adulta em sociedade, dominando assim o corpo, por meio de técnicas que serão naturais e familiares aos adultos.

O ato de parir faz parte da vida sexual e também, outrora, era ensinado de mães para filhas, mas como tudo nas sociedades ocidentais contemporâneas passou pelo processo de maquinização, esses ensinamentos deixaram de ser aprendidos (ODENT, 2003), e outras tecnologias, e até mesmo técnicas corporais, diferentes do parto normal, foram sendo introduzidas na vida sexual das mulheres.

Assim, a cultura predominante entende que a ciência médica racional deve proteger e resguardar o *corpo frágil*, usando intervenções para controlar a delicadeza incapaz de reproduzir de forma autônoma (LUZ, 2014). Processo que exclui a mulher e/ou desconsidera os saberes e as experiências advindas de outras matrizes.

3.4 Agência e cibercultura

Os contextos culturais e sociais influenciam as ações dos sujeitos, mas segundo a Teoria da Prática (ORTNER, 2007) não as determina. Esta afirmação a diferencia de teorias coercitivas nas ciências sociais clássicas:

O pressuposto fundamental da teoria da prática é que a cultura (em sentido muito amplo) constrói as pessoas como tipos particulares de atores sociais – mas atores sociais mesmo assim –, embora sua vivência concreta de práticas variáveis reproduza ou transforme – normalmente um pouco de cada – a cultura que os fez. (ORTNER, 2007, p. 45)

O que discutiremos nesse tópico é um pouco das transformações nas ações dos atores sociais, no caso “atoras” femininas, que o contexto da cibercultura tem possibilitado. Já foi visto que a passagem da modernidade para a pós-modernidade traz novas configurações comunicacionais graças, especialmente, às novas mídias digitais e ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC. Neste contexto, os *mass media* perde espaço para os *media digitais* e a lógica da comunicação muda.

Na modernidade, os *mass media* primavam pela distribuição em massa da informação e pensava o público de forma massiva e mediana, a linguagem usada pelos meios de comunicação deveria ser de fácil acesso para a maioria das pessoas. Na pós-modernidade, as possibilidades digitais mudam a lógica da distribuição da informação. O computador torna-se um elemento de convergência, pois contém em si várias formas de mídia, graças também à internet (SILVA, 2000).

A informação passa a ser pensada de forma mais individualizada, porque a organização social passa pelo processo de neotribalismo, descrito por M. Mafesolli (SILVA, 2000; LEMOS, 2013) e a internet possibilita que os grupos busquem a informação que lhes convém. Como ressalta Marco Silva, o novo espectador vem aprendendo a não seguir de modo unitário e contínuo uma transmissão de TV, mas exigindo a não-linearidade que o hipertexto permite. Passa da percepção tradicional, estática e linear à percepção baseada em colagem de fragmentos, o que permite maiores possibilidades de interação, ou como prefere o autor, interatividade.

Na visão de Silva (2000), a palavra interação foi usada em tantos contextos que não seria mais capaz de caracterizar especificidades que descrevessem as novas

potencialidades de ação no ciberespaço. A interatividade, no entanto, pressupõe dinâmica espiralada, desenvolvimento imprevisível e criação aberta e comum aos participantes.

A interação, ainda segundo o autor, ocorre entre dois corpos, quando um reage ao outro, age em perspectiva do outro, a exemplo da televisão, o controle remoto e o telespectador, a comunicação ocorre entre o emissor e o receptor, cada um a sua vez emitindo uma mensagem imutável. A interatividade, por sua vez, é um tipo de interação que se apoia em três binômios: participação-intervenção; bidirecionalidade-hibridação; permutabilidade-potencialidade (SILVA 2000, p. 106). Isso provoca outras formas de comunicação porque abre espaço para que os sujeitos vão além da troca, interferindo, potencialmente, no conteúdo da mensagem.

Desse modo, o progresso tecnológico tem proporcionado uma produção de conteúdo que pode ser modificado e enviado de várias pessoas para várias pessoas. André Lemos (2013), quando disserta sobre a interatividade, lembra que esse processo se inicia com a interface do computador, um espaço conjuntamente habitado, onde o sentido tem lugar e molda a colaboração e as sucessivas aproximações dos usuários, agentes engajados em ação. Assim, a interatividade ocorre em um contexto de comunicação complexo, em que computador e usuário são ambos agentes em ação. Martino (2015) salienta que as interfaces fazem parte de todos os momentos do nosso cotidiano, gastamos enorme tempo olhando para telas e apertando botões, porque nossa vida, quase inteiramente, pode ser armazenada em um telefone celular. O autor ainda explica a boa função de uma interface na atualidade:

Uma das características das interfaces contemporâneas é o que alguns autores, como Bolter e Grusin [...] chamam de “transparência” ou mesmo “invisibilidade”: elas permitem uma interação de tal maneira rápida e dinâmica com os equipamentos digitais que os usuários não reparam na sua existência, mas se concentram nas mensagens e nos conteúdos que chegam a partir das interfaces.

A facilidade dessa operação é fruto do bom trabalho da interface: quando alguém faz isso, a principal preocupação em sua mente é “encontrar-número-de-telefone”, não “passar-o-dedo-em-uma-tela”. A atenção não é na interface, mas no outro sistema com o qual se entra em contato *através* da interface. (MARTINO, 2015, p. 227 – grifo do autor)

As relações, nesse contexto comunicacional mediado pelas interfaces, deixam de ser simplesmente interpessoais e passam a se constituir em rede. Essa relação em rede se dá pelo menos em tríades que não somam elementos apenas, mas realizam combinatórias e potencializam a capacidade de se fazer conexões.

A convivência com as tecnologias hipertextuais colocou o usuário em contato direto com a experiência da complexidade no âmbito da comunicação, não-linear e repleta de possibilidades de colagem e produção de conteúdo, e essas características amplificam as discussões, também, ligadas à autoria, como explica Beatriz Martins:

O meio é a linguagem que dá as condições de possibilidades para o ato autoral e que varia em diferentes períodos históricos. O hipertexto, por sua vez, é a tecnologia de leitura e escrita do meio digital que traz novas questões para a autoria. Suas características como multidirecionalidade e interatividade, instauram outra dinâmica para a estruturação do texto, bem mais flexível e aberta do que na plataforma do impresso. De todos os traços que diferem essa tecnologia da impressa, a interatividade [...] é que permite a intervenção do leitor e abre o texto para a cocriação. (MARTINS, 2014, p.61)

As *mass media* funcionam em um sistema arbóreo, em que o conteúdo é unidirecional e hierárquico, o sistema dos *media digitais*, ao contrário, é rizomático. A rede e seu hipertexto não têm um centro de comando de onde partem todas as decisões e informações, mas vários nós, que geram conteúdo, interagem, ressignificam e redistribuem. Onde o usuário/agente pode, a todo instante, consumir e/ou gerar informação, transformando assim, sua relação com o texto e a autoria.

Segundo Martins, a rede transforma os modos de autoria e produção cooperativa, e por isso a autora sugere dois tipos de autoria interativa: o colaborativo e o dialógico. O primeiro tipo acontece em plataformas *wiki*, em que os usuários/agentes podem modificar o arquivo original e a construção textual se dá num processo de produção compartilhada. Já o dialógico, nas palavras de Martins, se aproxima de uma conversa:

Esse modelo pode ser observado na interação entre um texto principal e intervenções na forma de comentários, usual em blogs e outras publicações eletrônicas que também têm espaço destinado aos comentários do público. Nesse caso, o texto principal não pode ser modificado, como na *wiki*, mas ganha novos sentidos com o acréscimo dos comentários, que podem trazer novas informações ou argumentos. No final, a soma desses dois elementos, texto principal e comentários, compõem um todo discursivo mais rico e muito mais complexo que o conteúdo inicial. (MARTINS, 2014, p.59)

Essa autoria dialógica é um exemplo do que pode acontecer nas comunidades virtuais. As postagens podem ser consideradas as mensagens originais e os comentários, curtidas e compartilhamentos as construções que podem gerar novos significados. A discussão sobre as novas formas de autoria se relaciona, também, com o conceito de agência e as ações dos atores na rede.

O conceito de agência, segundo Sherry Ortner (2007), refere-se, primeiramente, com *intencionalidade* e com *perseguir projetos*, sem, contudo, desprezar as relações de poder (dominação e resistência) nos contextos sociais. Como dissemos acima, essa agência não é determinada pelos contextos sociais e culturais, mas influenciada por eles e também modeladora deles. Junqueira (2006), nos ajuda com uma definição de agência:

[...] desenvolvo uma definição de agência com base na suposição de que qualquer indivíduo possui o potencial de ultrapassar limitações de caráter social, econômico e institucional em determinada sociedade. Indivíduos exercem tal possibilidade através de ações na vida cotidiana orientados por normas culturais. Esse potencial estabelece-se dado o caráter não totalitário das estruturas, apesar de assim se apresentarem em certos momentos. A existência de brechas nas estruturas, que são não hegemônicas, permite aos atores desenvolverem seu potencial para ampliar as fronteiras e os sentidos do fazer, reforçando e transformando as estruturas sociais na medida em que ganham acesso a recursos e à medida que atuam dentro de um campo e para além do seu campo de origem. (JUNQUEIRA, 2006, p.6)

Desse modo, os atores sociais estão sempre em negociação com as estruturas sociais (instituições, normas e leis, etc.) e as transformam e são transformados a cada nova ação. Os autores não desconsideram as ações banais do cotidiano, que Ortner (2007) chama práticas de rotina, e o que diferencia essas práticas das atitudes de agência é justamente a intencionalidade dos atores. “É claro que não há limites nítidos e imediatos entre as duas; existe, antes, um *continuum* entre as práticas de rotina, que ocorrem com pouca reflexão, e os atos de agência, que intervêm no mundo com algo em mente (ou no coração)” (ORTNER, 2007, p.54).

Posto isso, Ortner traz uma visão sobre a relação entre agência e gênero que interessa, particularmente, a esse trabalho. A autora nos direciona a exemplos em que a relação entre agência e poder estão envoltos das relações de gênero, não querendo, entretanto, fechar essa questão de forma simplista, mas ampliar suas análises. Afirma, desse modo, que um exemplo

[de estrutura elementar da agência] que a maioria dos antropólogos provavelmente conhece pode ser visto nos jogos de honra entre homens, presentes em muitas culturas. A honra do homem em relação a seus oponentes aumenta ou diminui conforme sua habilidade de manter a autoridade e o controle sobre “suas” mulheres e, em menor medida, sobre “seus” homens mais jovens. O sucesso nos âmbitos públicos da honra depende do poder nos âmbitos privados do gênero, da família e do parentesco. (ORTNER, 2007, p.69)

A agência, como nos explica Junqueira (2006), é o potencial, em qualquer indivíduo, “de ultrapassar limitações de caráter social, econômico e institucional”, e Ortner

ressalta que a forma, distribuição e manutenção dessa agência dependem de cada arranjo cultural. Essa distribuição pode, assim, fazer parte de um processo “que cria pessoas apropriadamente definidas em termos de gênero e, assim, entre outras coisas, diferencialmente empoderadas” (ORTNER, 2007, p.56).

Entende-se neste trabalho que, quando os movimentos de mulheres nas redes discutem empoderamento e protagonismo, estão estimulando e potencializando a busca das mulheres de realizar agência (na conceituação de ORTNER), particularmente sobre si mesmas. Desde modo, empoderamento, protagonismo e agência serão aqui tratados como práticas que compartilham de uma natureza em comum, ou seja, a busca de mudança em relação à estrutura histórica.

Quanto à relação entre agência e gênero, Ortner traz os contos dos irmãos Grimm como exemplo para discutir como a sociedade, em várias ações, tenta dirigir cada ator a seu papel social, distribuindo sentidos de agência.

Vale a pena refletir, por um momento, sobre os diferentes lugares de poder nos contos de fadas e suas diferentes relações com a “agência”. Por um lado, agência é diretamente equiparada a poder no caso das madrastas más; entretanto, no caso dos meninos e meninas, príncipes e princesas, a relação entre agência e poder é mais oblíqua e indireta. **O “poder” que confere agência aos meninos e o retira das meninas não está nas mãos de nenhum agente em particular, e sim incorporado à ordem cultural mais ampla, tal como codificada, entre outras coisas, nos contos de fadas.** Esta é uma clara ilustração da distinção que Giddens estabelece entre poder, que é interpessoal, e dominação, que é estrutural. Obviamente, os dois níveis – ou modalidades – alimentam-se um do outro: as práticas de poder reproduzem a dominação estrutural, ao passo que a dominação estrutural permite e, poderíamos dizer, empodera as práticas de poder. Trata-se de um exemplo perfeito de um circuito prática-teoria da reprodução social. (ORTNER, 2007, p.62 – grifo nosso)

Talvez não um saber científico, mas uma percepção bem parecida com a de Ortner, de que a cultura alimenta e “distribui” poder à agência de acordo com o gênero, tem levado a um movimento de mulheres na internet, especialmente nas redes sociais como o Twitter e o Facebook, a uma luta pelo empoderamento.

A Olga¹⁵, por exemplo, é um projeto feminista criada em 2013 pela jornalista Juliana de Faria, e responsável por uma campanha em 2015 que usou as *hashtag* #PrimeiroAssedio no Twitter e #MeuPrimeiroAssedio no Facebook, que mobilizou mais de

¹⁵Cf. <http://thinkolga.com/>

82.000 tweets¹⁶ e muitos relatos femininos de diversas formas de abuso sexual sofrido por mulheres, muitas vezes ainda na infância. Essa campanha criada depois que alguns homens e garotos compartilharam opiniões e comentários abusivos contra uma criança participante de um *realityshow* culinário. Essa campanha deu voz e visibilidade a uma realidade que a grande maioria das mulheres brasileiras conhece bem, as “cantadas” e os abusos “sutis” fazem parte da vida cotidiana feminina (FORNARI et al., 2016).

Nessa mesma linha outras campanhas movimentaram o ano de 2015, como a que usou a *hashtag* #MeuAmigoSecreto (Coletivo Não Me Kalo¹⁷) para denunciar comportamentos machistas do dia a dia. Segundo o Balanço oficial da Secretaria de Políticas para as Mulheres do governo federal (2015), a central de atendimento à mulher - Ligue 180 - recebeu cerca de 50%¹⁸ a mais de denúncias de janeiro a outubro de 2015 do que no mesmo período do ano anterior.

Esses movimentos femininos denunciam males da cultura machista que vem sendo alimentada por anos (FORNARI et al., 2016; RODRIGUES, 2016; COELHO, 2016). Foi também a alimentação sucessiva de uma ordem cultural mais ampla que fez as mulheres desaprenderem e desacreditarem na capacidade do próprio corpo de parir. Uma das frases mais famosas na humanização é: “toda mulher sabe parir, todo bebê sabe nascer”, que tenta, justamente, retomar a agência da mulher sobre o próprio corpo.

Partindo do pressuposto de que os movimentos femininos nas redes são também uma ação política, a agência das mulheres nas redes sociais, mesmo que eventualmente não sejam acompanhadas de reflexões elaboradas e intencionalidades políticas explícitas, influenciam o jogo de poder nessa matéria. Destaca Jungblut, quando trata de agência e política em rede:

A noção de “agência” [...] tem a capacidade de evidenciar esse aspecto até certo ponto irrefletido dos pequenos gestos políticos produzidos em rede e que: são gestos com pouca intencionalidade conscientizada. Eis, talvez, a grande novidade na arena dos acontecimentos políticos. O que era antes residual e desimportante, em razão,

¹⁶Cf. <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>

¹⁷Cf. <http://www.naomekahlo.com/>

¹⁸“No ano em que a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 completou 10 anos de funcionamento, foram registrados 749.024 atendimentos. Foram, em média, 62.418 atendimentos por mês e 2.052 por dia. Essa quantidade foi 54,40% superior ao número de atendimentos realizados em 2014 (485.105). Desde sua criação em 2005, a Central já registrou 4.823.140 atendimentos”. (BALANÇO 2015 Ligue 180 - Uma década de conquistas! Central de Atendimento à Mulher, 2015, p. 03). Cf. <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2016/03/SPM_Ligue180_Balanco2015.pdf> \t " _blank". Acesso em: mar de 2017.

mesmo, de apresentar-se como uma agência com baixo grau de intencionalidade conscientizada, passa a adquirir agora, com a emergência do ciberespaço, uma importância cada vez mais significativa na arena política. (JUNGBLUT, 2015, p.17)

Quando se busca pela atuação em rede de mulheres envolvidas em movimentos femininos, encontram-se muitas ativistas e ações colaborativas e híbridas que envolvem prática no mundo virtual e no espaço urbano. No entanto, a imensa maioria das mulheres atuantes nas redes têm ações e *gestos com pouca intencionalidade conscientizada* e que nesse processo alavancam e dão visibilidade a essa luta. Medeiros, por exemplo, reconhece que as mulheres comuns são agentes importantes para repensar todo o sistema de parto dominante na nossa cultura:

Não há porta vozes uníssonos ou hierarquias fixas de poder, mas, sim, mulheres comuns, profissionais de saúde e mães, especialmente, buscando fazer do nascimento de seus filhos um acontecimento tanto quanto possível natural, fisiológico, que só seja interpelado por procedimentos externos em caso de necessidade efetiva – em geral, não se repudia a cesariana, por exemplo, em si mesma, mas seu uso inadequado. Este intento pode deflagrar, contudo, uma luta incomum, na medida em que, ao buscar o parto como evento fisiológico, distancia-se drasticamente dos cursos institucionalizados para o mesmo. O ciberespaço torna-se, então, lugar de agenciamentos que possibilitam ora contornar, ora confrontar de modo direto o sistema vigente. (MEDEIROS, 2014, p.55)

Ainda segundo Jungblut (2015), muitos analistas concordam que a ação individual em rede é mais eficaz do que a ação coletiva de organizações formais, pois as muitas ações individuais “forçam o usuário de Internet a uma reflexividade política que, inegavelmente, potencializa a autonomia posicional deste sujeito e lhe turbina o ativismo” (JUNGBLUT, 2015, p.15). Outra forma de olhar o ativismo e considerá-lo para além dos movimentos sociais e coletivos. Ações que podem mobilizar uma rede de amigos e, potencialmente, atingir um número significativo de pessoas através da internet.

Desse modo, o protoganismo feminino vai se desenhando em rede e na rede. E as ações individuais de mulheres contagiando, mobilizando e fazendo pensar sobre temas e posicionamentos sociais de forma mais politizada e aberta do que em outros tempos. São mulheres repensando o seu lugar na sociedade e exigindo equidade em todas as áreas da vida.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Essa dissertação é fruto de um trabalho de pesquisa qualitativa (MERCADO, 2012; BOGDAN e BIKLEN, 1994) com características que convergem para os estudos etnográficos no ciberespaço (RIFIOTIS, 2010; MERCADO 2009). O campo de pesquisa foi principalmente virtual, mas não só. Tendo escolhido como objeto de pesquisa as ações e relações que acontecem no Grupo Parto Humanizado no Ceará no Facebook, a observação demonstrou a importância de investigar, também, alguns encontros presenciais e de realizar entrevistas presenciais.

O estudo das comunidades virtuais se faz importante, entre outros motivos, porque naturalizamos o adjetivo virtual, como referente a interações online, sem fazer discussões importantes sobre as especificidades destas relações (RIFIOTIS, 2010). É neste contexto de novas sociabilidades (LÈVY, 1999; LEMOS, 2013) que se revela que

[...] uma pista importante para o trabalho de campo é considerar os modos de socialização dos 'nativos', 'usuários', 'internautas', etc. o que chamamos de socialização no ciberespaço é um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas, e discursos que ocorrem como um processo de iniciação no qual interagem experiências *on-line* e *off-line*. (RIFIOTIS, 2010, p. 25)

Ainda segundo Rifiotis (2010), as pesquisas no ciberespaço versaram, por muito tempo, entre os apocalípticos ou os que viam na tecnologia a salvação de todos os males. Também, segundo Castells (2011), as pesquisas sobre a comunicação mediada por computador – CMC, na década de 1990, mantinham as discussões, geralmente, entre as associações com a depressão e o isolamento e as perspectivas super otimistas de uma “sociedade mítica unida por laços comunitários” (CASTELLS, 2011, p.445). Retomar estas pesquisas é fazer perguntas que escaparam a essas primeiras investigações, voltar às questões clássicas da etnografia, e procurar entender “como se dão as relações nesse espaço” (RIFIOTIS, 2010, p.17).

Voltar às questões clássicas da etnografia, ensina Marli André (2005), é tentar descrever a cultura, procurar os significados das ações e eventos para as pessoas que os praticam, em uma aproximação gradativa que leva o observador “de uma posição de estranho [...] a cada vez mais perto das formas de compreensão do grupo estudado” (ANDRÉ, 2005, p. 17).

Desse modo, este trabalho procurou compreender como se desenvolvem interações sociais em um grupo fechado no Facebook, Parto Humanizado no Ceará, investigando como transcorrem processos de aprendizagem em rede nesta comunidade e se tais interações se constituem como uma rede de apoio online para as mulheres que desejam ter uma gravidez, parto e pós-parto dentro dos princípios da humanização.

4.1 Alguns apontamentos sobre a Etnografia no ciberespaço

O termo netnografia, que se refere à etnografia no ciberespaço, foi primeiramente usado pelo pesquisador Robert Kozinets na década de 1980. Suas pesquisas estavam relacionadas especialmente à área de marketing virtual (ROCHA, MONTARDO, 2005; PINTO et. al. 2007). Para este estudioso a “netnografia é definida como um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia” (ROCHA, MONTARDO, 2005, p. 13). Sendo assim, uma pesquisa netnográfica não poderia ser realizada de outra forma que não contasse com uma imersão em campo consistente por parte do pesquisador.

Como na etnografia, o trabalho no campo virtual depende da confiança que se estabelece entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, essa metodologia é vista como “uma janela ao olhar do pesquisador, no sentido de ser menos invasiva e causando menor interferência no processo” (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011, p. 191). É um trabalho que permite “estar” com os principais atores do objeto de pesquisa, independente de tempo ou espaço físico, superando alguns limites que possam ser encontrados no campo real¹⁹. Mercado (2009) baseado em outros autores faz uma longa lista de características da etnografia virtual:

A etnografia virtual tem como características (HINE, 2000 e 2005; ANGROSINO, 2009): análise de dados que implica a interpretação dos significados e funções das atuações humanas, sendo expressas por meio de descrições e explicações escritas e verbais: estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas; associadas de alguma maneira, unidade social representativa para estudo; emprego de variedade de métodos e técnicas qualitativas; elaboração dos resultados da pesquisa de forma descritiva; presença constante do etnógrafo no AVA; multifatorial, conduzida pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados, de natureza qualitativa ou quantitativa, para triangular uma conclusão, fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada; intensa imersão pessoal na interação mediada, que envolve a exploração do uso de meios em seu contexto; adapta-se aos propósitos, práticos e reais, de explorar as relações nas interações mediadas; é indutiva, conduzida de

¹⁹A palavra real está sendo usada aqui em oposição à virtual, não com qualquer alusão ao sentido verdadeiro.

modo a usar um acúmulo descritivo de detalhes para construir modelos gerais de teorias explicativas; é dialógica, conduzida por pesquisadores cujas conclusões e interpretações podem ser discutidas pelos informantes na medida em que elas vão se formando; as comunicações escritas e orais são reduzidas a textos escritos susceptíveis de serem interpretados com base em categorias que seguem normas de análises de conteúdo e induzem construções de complexidade crescente. (MERCADO, 2009, p. 170)

É uma lista que em quase tudo se assemelha aos estudos etnográficos clássicos (MALINOWSKI, 1978), especialmente com a intensa presença do investigador em campo por um período significativo de tempo e o relato da observação de modo descritivo. Dessas características destacadas, pode-se ressaltar uma expressão: *interações mediadas*.

Talvez o mais específico da etnografia no ciberespaço seja justamente o campo de pesquisa que se insere em um meio mediado por aparelhos que digitalizam nossas ações cotidianas e que passam a fazer parte do cenário e do próprio ser humano, e assim a mediação tecnológica se estabelece presente em todas as etapas da pesquisa.

Importante ressaltar que essa mediação é mais presente na etnografia no ciberespaço, mas não ausente na etnografia clássica: “A mediação técnica (registro textual, em áudio, fotografia e vídeo) é chave na pesquisa etnográfica porque fixa a experiência e descontextualiza a memória do observador, criando um novo contexto para análise” (MERCADO, 2009, p. 173).

Também Sales (2010) destaca essas especificidades da etnografia no ciberespaço. Porque a comunicação no ciberespaço é mediada por computador, ela pode ser vista de forma pública e por escrito, além de, muitas vezes, ser difícil discernir as identidades dos participantes. Tais especificidades são descritas como *vantagens* e *desvantagens* por alguns pesquisadores.

Algumas das *vantagens* em destaque são, por exemplo, o baixo custo da pesquisa, o fato da maioria das interações já estarem transcritas e se ter acesso aos eventos mesmo quando estes foram encerrados (PINTO et. al., 2007; ROCHA E MONTARDO, 2005; MERCADO, 2012). As *desvantagens* da etnografia no ciberespaço tocam, principalmente, a veracidade da identidade e das informações escritas na rede, além da dificuldade de expressão própria da palavra escrita, que na cibercultura se tenta superar por expressões como

*emoticons*²⁰ e algumas onomatopeias que precisam ser bem compreendidas pelo observador/pesquisador dentro de cada contexto (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011).

Pessoalmente, destaco algumas diferenças no trabalho de pesquisadora no campo da etnografia virtual em comparação com a etnografia. Durante a minha conclusão de graduação fiz um estudo de caráter etnográfico em uma escola particular da cidade de Fortaleza. Estive em campo durante um ano e trabalhei com técnicas como grupos focais, entrevistas, observação participante, diário de campo, entre outras.

Os primeiros contatos com os sujeitos da escola logo encheram as páginas do meu diário de campo. Tudo chamava minha atenção, os cheiros, a paisagem, os alunos, os funcionários, o caminho até a escola. Tudo estava descrito, minhas ansiedades, impressões e suposições. Quando no início do mestrado, decidimos que eu iria fazer uma pesquisa on-line, de cunho etnográfico, todas essas lembranças vieram à minha memória e eu não sabia como faria isso em um grupo do Facebook.

Como eu iria perceber as ações que acontecem paralelas ao meu objeto, mas que podem ser relevantes para entendê-lo? Como notaria as expressões dos rostos quando os atores estivessem se comunicando? Eu tinha muitas dúvidas e tive muita dificuldade de começar uma observação sistematizada. Na escola, o que mais revelava o campo eram justamente as conversas paralelas dos alunos, os diálogos fora da sala de aula, as displicências na sala dos professores. Eu temia que diante do computador minha pesquisa fosse muito solitária e não soubesse como fazer essa observação.

Aos poucos fui percebendo que havia muitas semelhanças descritas na literatura e que, de fato, eu as conseguia relacionar. Em uma sala de aula, por exemplo, existem os alunos que mais falam, os calados, os que geram polêmica, professores que conseguem muita participação da turma e os que passam despercebidos. Assim também em uma comunidade no Facebook, existem as pessoas que mais postam, que só observam, que marcam as amigas grávidas para que tenham acesso a alguma informação que acharam importante. Existem ali os sujeitos mais populares, e suas postagens recebem muitas curtidas, compartilhamentos e comentários. Algumas postagens são ignoradas, perguntas sobre o melhor médico ou hospital,

²⁰“A palavra emoticon é a mistura de *emotion* (emoção) com *icon* (ícone). Ou seja, é revelar sentimentos através de símbolos diferenciados, é uma maneira descontraída e econômica de expressar reações em uma conversa”. <<http://www.tecmundo.com.br/rede-social/1515-curiosidades-sobre-emoticons-e-abreviaco.es.htm>>

por exemplo, são rapidamente respondidas e esquecidas, mas outras podem gerar comentários durante dias e até novos *posts* que se relacionam.

Uma grande diferença observada por mim entre esses dois espaços, se considerarmos a comunidade um espaço de aprendizagem, é o lugar de fala. Enquanto a escola ainda permanece centrada na figura professor como aquele que direciona a atividade de aprendizagem, no grupo virtual, todas as pessoas, que desejam, manifestam-se com muito mais autonomia.

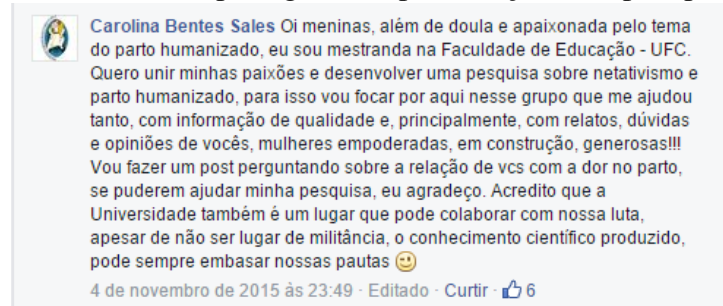
Com o desenvolvimento da pesquisa foi ficando cada vez mais clara a possibilidade de investigação e compreensão de aspectos que se verificam apenas no ciberespaço. As especificidades observadas pelos autores acima citados, frutos da virtualidade que gera novas interações sociais, de fato, abrem um novo campo de investigação, cuja dinamicidade requer estudos sempre atualizados.

4.2 Aproximação com o campo

Aproximei-me do PHC em dois momentos distintos, primeiro como mulher interessada em engravidar e ter um parto digno e depois como pesquisadora. Nesse segundo momento fiz uma nova inserção na comunidade. Procurei as duas moderadoras do PHC perguntando se poderia fazer uma pesquisa de caráter etnográfico no grupo. Nesse momento fui muito bem recebida e soube que não era a única pesquisadora na comunidade, mas a única da área da educação.

Já acolhida pelas moderadoras, apresentei-me às outras mulheres no tópico de apresentações, no dia 04 de novembro de 2015, explicando que era pesquisadora, mestranda da Universidade Federal do Ceará, com o interesse de pesquisar sobre as relações que aconteciam dentro do PHC e que gostaria da colaboração das mulheres para tentar entender a relação delas com o enfrentamento da dor no parto. Foquei apenas em um tema, porque, na ocasião, tratava-se de um primeiro exercício etnográfico para uma das cadeiras do mestrado.

Imagem 03 – Recorte da postagem de apresentação feita pela pesquisadora



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 20 jan. 2016

Acima trago a imagem da postagem que não chamou muito a atenção das mulheres. Algumas pessoas ali mesmo responderam comentando a publicação, mas foram pessoas que já me conheciam, com as quais mantinha relacionamento fora da rede. A partir dessa apresentação passei a fazer um diário de campo digital. Tive muita dificuldade no início, porque acho bem melhor escrever no velho papel, mas precisava fazer *prints* e criar um hábito de escrita.

Depois fiz uma segunda postagem, agora na linha do tempo do PHC, dia 05 de novembro de 2015. Dessa vez, apresentei-me como pesquisadora, expliquei que queria começar focando na questão da dor do parto e fiz uma pergunta específica: “Como o grupo Parto Humanizado no Ceará te ajudou a lidar com a dor na hora do parto?”. Infeliz pergunta que tentava induzir as mulheres a responder o que eu queria ouvir, mas isso faz parte da entrada em campo. Neste momento eu ainda estava tentando encontrar um caminho para chegar àquelas mulheres. Essa postagem recebeu seis comentários e 41 curtidas. Como o tempo nas redes sociais é muito veloz, quem viu dia 05 e quis contribuir, respondeu, no dia seguinte não tinha mais nenhuma repercussão. Na verdade, eu não esperava que as mulheres contribuíssem muito, meu objetivo foi, realmente, apresentar-me para tentar deixar clara minha presença no grupo.

Também era preciso ter uma ação que fosse como um marco para mim. A partir daquela postagem eu passei a me posicionar como pesquisadora, mesmo que não fizesse muitas postagens, ou muitos comentários. Cardoso de Oliveira (1998) ressalta como é importante, para o etnógrafo, que se aventura em investigar sua própria sociedade, tornar *o familiar em exótico*. Nesse processo foi fundamental fazer perguntas sempre como se olhasse para aquele lugar pela primeira vez. Foi difícil, as vezes, desapegar-me de respostas prontas e

renovar a escuta dos sujeitos. A orientação foi de fundamental importância para que isso fosse possível. E uma vez renovando os sentidos foi surpreendente tudo que vi em campo.

4.2.1 Principais técnicas de pesquisa

Esta pesquisa esteve centrada em técnicas que são do campo da pesquisa qualitativa, que convergem para a abordagem etnográfica, já que esta possibilita captar com maior riqueza de detalhes o cotidiano do objeto de estudo, nesse caso as relações no grupo PHC. As técnicas usadas não corresponderam apenas a interações mediadas pelo computador, com o aprofundamento das observações em campo, percebeu-se a importância de alguns encontros presenciais.

As entrevistas, por exemplo, quando feitas pelo telefone ou pelo aplicativo de conversação do Facebook, não conseguiam prender a atenção das mulheres, especialmente aquelas com filhos pequenos. Considerando também esse aspecto, foi importante pedir que as mulheres fossem entrevistadas em suas casas, em meio as suas atividades. A direção do método investigativo se fundamenta na ideia de que a pesquisa qualitativa

parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58)

Para esta dissertação o foco de interesse mais amplo esteve voltado para as relações das mulheres de modo geral. Tudo era muito novo para mim, apesar de já participar do grupo como mulher interessada em parto humanizado, tive que me acostumar com várias palavras e siglas diferentes, como puérpera, dpp (data provável do parto), bolsa rota (quando a bolsa das águas rompe), etc.. Além disso, eu nunca tinha participado de um grupo tão ativo, eram muitas notificações por dia, muitas postagens e novos assuntos. Também me emocionei em muitos momentos, seja com os relatos de parto, seja com as denúncias de violência obstetra.

Inicialmente, como descrito antes, procurei compreender sobre como o PHC poderia ajudar as mulheres grávidas a lidar com a dor. Com o amadurecimento do meu olhar e o tempo, fui focando nas muitas nuances das relações entre os muitos atores em campo.

Depois do primeiro exercício para me aproximar do campo no fim de 2015, estive em campo de outubro de 2016 a março de 2017.

Desde o início do mestrado eu estive no grupo como participante, mas enquanto pesquisadora passei a entrar no grupo duas vezes por dia, pela manhã e no final da tarde. Também recebia, no aplicativo do celular, notificações de algumas ações que aconteciam na página do grupo e sobre novos comentários em postagens que eu acompanhava. Além de ver a movimentação diária do PHC, ocasionalmente fazia pesquisa por palavras ou pessoas específicas que me ajudassem a entender alguma história antiga, que por algum motivo voltavam às discussões ou pareciam relevantes ao meu objeto.

Fui percebendo que o importante na observação não era descrever somente dias em que surgia algum tema muito diferente ou que movimentasse muito o grupo. Ao contrário, mais interessantes eram as relações cotidianas e algumas histórias que se repetiam. Desse modo, fez-se fundamental o uso do diário de campo digital (ACHUTTI e HASSEN, 2004), pois, para a maior aproximação com os agentes da pesquisa, demanda-se constante observação da rotina da comunidade fazendo uso do “olhar” e do “ouvir” de pesquisador (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998). O olhar focado precisa estar atento às surpresas que são próprias da pesquisa de cunho etnográfico. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a coleta de dados passa por um afunilamento, à medida que a pesquisa vai se desenrolando. Assim, estes autores descrevem a ação do pesquisador:

Primeiramente, recolhe os dados de uma forma mais ampla, escolhendo vários sujeitos, explorando espaços físicos para obter uma compreensão alargada dos parâmetros do contexto, sujeitos e temas em que está interessado. Depois de ter encontrado um assunto para investigar, baseado tanto naquilo que lhe interessa, estreite o âmbito da recolha de dados. (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 207)

No caso do diário de campo na etnografia virtual, é fundamental que se faça *prints* de postagens e comentários importantes para a pesquisa, visto que na rede tudo muda de forma veloz e uma das características da *timeline* é que as informações podem se perder rapidamente já que no topo está sempre a informação/postagem mais recente. Importante sempre registrar data, horário, principais sujeitos, *insights*, possíveis ligações e conexões com outros atores e/ou teoria estudada.

No diário digital foi fundamental a inclusão das imagens que registraram os diálogos, os links compartilhados, as fotos, repostagens, etc., com suas descrições

correspondentes. É importante fazer esse registro ainda em campo, para que nada de importante se perca na memória:

Sempre que considerar que um acontecimento a que assistiu ou um diálogo em que se envolveu é relevante, anote as imagens que estes lhe despertam. [...] Sempre que palavras, acontecimentos ou circunstâncias sejam recorrentes, mencione-os nos comentários do observador e especule sobre seu significado. [...] Se der conta que há sujeitos que têm algo em comum, saliente essas semelhanças nos comentários do observador. O objetivo é estimular o pensamento crítico sobre aquilo que observa e o de se tornar algo mais que máquina de registro. (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 211)

Para os *prints* das imagens usei o programa gratuito, *Screenshot Captor*²¹. Em algumas delas foi usada uma extensão do Facebook para o navegador Mozilla Firefox, *Social Fixer*²², que deixa as postagens anônimas. Em outras imagens usei o programa Paint.NET²³, afim de preservar a identidade dos participantes do grupo. Nos meus registros e arquivos, salvei sempre duas versões de cada postagem, uma em que posso identificar os sujeitos e outra para publicação, com os sujeitos anônimos.

Ao longo do tempo em que estive em campo, senti necessidade de conversar com algumas mulheres (grávidas e puérperas), além das doulas que são moderadoras do grupo. Era preciso recapitular algumas postagens, confirmar o que eu entendia costurando as relações que aquelas mulheres desenvolviam. Além disso, eu não podia afirmar sentimentos ou intenções sem que elas mesmas me dissessem. Para isso adotei a técnica de entrevista compreensiva²⁴ (ZAGO, 2011), a fim de entender como o PHC se constitui um espaço de aprendizagem em rede e rede de apoio na perspectiva de cada um desses sujeitos.

Entrevistei 5 mulheres, além das duas doulas moderadoras. Fiz uma entrevista com cada uma dessas mulheres. Na ocasião levei alguns pontos que achei importantes para uma descrição que pudesse ajudar na construção deste trabalho. Entre os assuntos tratados pode-se citar a relação delas com a família quando optaram pelo parto normal, o que sabiam sobre parto humanizado quando entraram no grupo, quais as principais ferramentas do grupo

²¹Cf. <<http://screenshot-captor.softonic.com.br/>>

²²Cf. <<https://addons.mozilla.org/pt-BR/firefox/addon/socialfixer/?src=SS>>

²³Cf. <<https://www.getpaint.net/>>

²⁴O método da entrevista é entendido aqui como instrumento de problematização e não de verificação da realidade pesquisada. Sendo pois, compreensiva, “ao adotarmos a entrevista em profundidade, a intenção não é produzir dados quantitativos, e nesse sentido as entrevistas não precisam ser numerosas, [...] o que nos interessa é a representatividade e a profundidade das informações apresentadas em relação ao meio pesquisado. A condução das entrevistas levou à aproximação de uma discussão, esclarecendo desde o início que aquele encontro não é para levantar conhecimentos do tipo escolar, mas para falar de questões que os informantes vivenciam cotidianamente. A riqueza das respostas está diretamente ligada ao interesse que os temas e o desenvolvimento representam para a pessoa [entrevista]”. (ZAGO, 2011, 297/304)

que as ajudavam e como ajudavam, além de ouvir seus relatos de gestação, parto e pós-parto de forma livre. Isso para entender se o PHC foi importante para a caminhada para o parto humanizado, se os conteúdos que estão no grupo ajudaram a tirar dúvidas ou a provocar dúvidas acerca da gestação, parto e pós-parto. Além disso, durante a entrevista, mostrei as imagens coletadas das suas postagens e pedi que elas explicassem porque fizeram aquelas postagens ou o que sentiam naquele momento.

As mulheres escolhidas para a entrevista eram participantes bem ativas no grupo e fizeram postagens que considerei importantes para o entendimento das interações traçadas dentro do PHC, no período de observação. Dentre estas destaco duas que acompanhei todo o processo desde a gravidez ao nascimento de seus filhos. Eram mulheres que se destacavam nas discussões mesmo quando eu somente participante do grupo e não pesquisadora, eu tive muitas oportunidades de encontrá-las também fora da Internet, em eventos e rodas de conversa sobre maternidade. Vivenciaram o processo gravídico com poucas semanas de diferença, as duas tinham relacionamento estáveis e o apoio da família, uma moradora do bairro Aldeota, e a outra do bairro Itaperi, ambos na cidade de Fortaleza. As entrevistas com elas foram fundamentais para checar minhas impressões e confirmar os dados que apareciam nas suas postagens e comentários.

Também conduzi duas entrevistas com cada uma das moderadoras, separadamente, com um roteiro semi-estruturado. Entrevistei-as em suas casas, em meio às suas atividades e filhos. Foram conversas esclarecedoras, principalmente, sobre o início da comunidade e as atividades próprias da moderação, além de ajudar a conhecer suas habilidades com a interface do Facebook. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, decupadas e analisadas.

Também encontrei algumas mulheres que participam do PHC em rodas de conversas abertas, mensais e gratuitas sobre parto e puerpério, promovidas por uma equipe de assistência ao parto humanizado – Equipe Maiêutica²⁵. Essas rodas aconteciam em dois lugares da cidade de Fortaleza, Praça das Flores e Espaço do Bem Viver, sendo este último um espaço particular, voltado para várias atividades que envolvem o período gravídico. No caso desses encontros, usei um diário de campo não-digital.

²⁵Cf. <<https://www.equipemaieutica.com/>>

Estive observando as discussões no grupo até março de 2017, quando me afastei do campo para iniciar um período de análise dos dados e escrita do texto final da dissertação. Nesse momento da análise, é fundamental afastar-se do campo e permitir que se tenha um período para voltar a todas às anotações do pesquisador. Como explicam Bogdan e Biklen:

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmo tópicos e padrões. Essas palavras ou frases são *categorias de codificação*. As categorias constituem um meio de classificar os dados que recolheu. (BOGDAN, BIKLEN, 1994, p. 221 – grifo dos autores)

A lista de categorias, no caso dessa dissertação, começou ainda na primeira parte de captura das postagens, reconhecendo os temas que mais se repetiam e que mais geravam comentários, curtidas e/ou compartilhamentos no grupo. A principal referência para a observação foi o entendimento e a visão das mulheres integrantes do PHC sobre os acontecimentos ali. Desse modo, duas categorias pareceram fundamentais para análise das relações entre as mulheres do PHC: redes de apoio e processos de aprendizagem para o parto humanizado.

Justamente por ter como referência a visão daquelas mulheres, a categoria de redes de apoio foi tão significativa. No início dessa investigação não esperava que esse tema fosse tão debatido, apesar de já aparecer nos primeiros momentos de entrada em campo. Mas com a análise dos dados capturados nas postagens e nos depoimentos feitos nas entrevistas, verificou-se quão importante foi o grupo, não só para debater a respeito das redes de apoio familiares, mas porque o próprio grupo foi descrito nas entrevistas como uma rede de apoio online importante no caminho para o parto.

Ao contrário, desde o início processos de aprendizagem era uma categoria que se pretendia analisar, mas como na investigação de caráter etnográfico é preciso que o campo apresente os aspectos importantes a serem observados, poderia ter acontecido de esse não ser um ponto relevante. De fato, não houve nenhuma referência direta que se relacionasse com aprendizagem, mas as interações indicaram quais caminhos deveriam ser seguidos.

Observou-se uma dinâmica em que os diálogos que aconteciam no grupo eram cheios de negociações de entendimentos acerca da gestação, parto, pós-parto e primeiros

cuidados com o bebê. Além disso, eram constantes as dúvidas, questionamentos e referências das mulheres aos conteúdos compartilhados.

Tendo organizado um número significativo de captura de postagens e exemplos de diálogos, foi importante identificar os sujeitos para as entrevistas. Durante as entrevistas foi muito revelador pedir que falassem sobre suas próprias postagens e sobre os comentários, compartilhamentos ou reações às postagens de outras integrantes.

Depois desses processos, já afastada do campo e em um segundo momento de análise, houve uma comparação entre as postagens, as entrevistas e falas que foram observadas em encontros presenciais e registradas em diário de campo.

Finalmente o momento da redação do texto final, também se deu em processos. Primeiro uma grande descrição dos dados encontrados, sem subdivisões. Depois uma retomada do referencial teórico e das suspeitas registradas ao longo de todo processo de pesquisa. Só depois de ter uma visão geral, e com o auxílio da orientação, houve uma reorganização do texto, de modo que o leitor possa ter clareza de como se deu as relações e processos observados e analisados no PHC.

5 Grupo PHC: espaço virtual de apoio e aprendizagem

Parto não é limpinho, não é romance. É fluido, é suor, é sangue, é cocô. E isso é o corpo da gente, trabalhando com toda sua competência para trazer uma pessoinha ao mundo.(Integrante do Grupo PHC)

Dentro da luta pelo parto humanizado, o grupo fechado no Facebook Parto Humanizado no Ceará – PHC foca nas discussões no cenário cearense, particularmente nos temas que se desenrolam na cidade de Fortaleza. É comum entre os grupos do Facebook que focam na temática do parto, fazer discussões que englobem uma determinada localidade. Mesmo grupos de apelo nacional, como o *Cesárea? Não, obrigada!*, na verdade focam muito no cenário do Sudeste brasileiro, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo.

No PHC, as duas moderadoras são doulas que seguem o código de ética do DONA Internacional²⁶, que é a mais antiga associação de doulas, com sede nos Estados Unidos. O PHC hoje tem mais de sete mil integrantes cadastrados e as moderadoras dizem prezar pela autonomia e autogestão do grupo. Desse modo, todos os integrantes têm acesso aos conteúdos e podem fazer postagens sem necessitar de autorização pela moderação, mas sempre sendo orientados a respeitar as regras acordadas no início da página.

Durante o trabalho de campo para realizar esta pesquisa se observou duas categorias que apareciam frequentemente nas interações entre os integrantes do PHC: 1) discussões sobre redes de apoio e 2) aprendizagem para o parto humanizado. Este capítulo descreve como as relações que ocorrem no grupo contribuem para a difusão e formação de um pensamento diferente do senso comum sobre gestação, parto e redes de apoio.

5.1 Discussões sobre redes de apoio e parto humanizado

As mulheres e as famílias passam por grandes mudanças psicológicas e sociais com a chegada de um novo membro. Na verdade, bem antes do nascimento, ainda nas primeiras semanas de gestação, o corpo feminino vive um turbilhão de transformações, também associadas a características do ambiente e da fisiologia, especialmente ligadas aos

²⁶Cf. em <<http://www.dona.org/>>. Acesso em 10 dez 2015.

hormônios da gravidez. Segundo Rapoport e Piccinini (2006) contar com relações sociais que possam auxiliar a mulher, e/ou o casal, na passagem por essas transformações é essencial.

Esse apoio influencia o bem-estar da mulher e “facilita uma maternagem responsiva, principalmente sobre condições estressantes, promovendo o desenvolvimento de um apego seguro bebê-mãe” (RAPOPORT, PICCININI, 2006, p.85). Durante a pesquisa, verificou-se que, no Grupo PHC, o tema redes de apoio era frequentemente discutido nas postagens feitas por mulheres e doulas, a partir de pontos de vista diversos. Redes de apoio diz respeito à família, mas não só a ela, o próprio grupo virtual foi destacado como uma importante mecanismo informacional e emocional²⁷ para a boa vivência do parto humanizado.

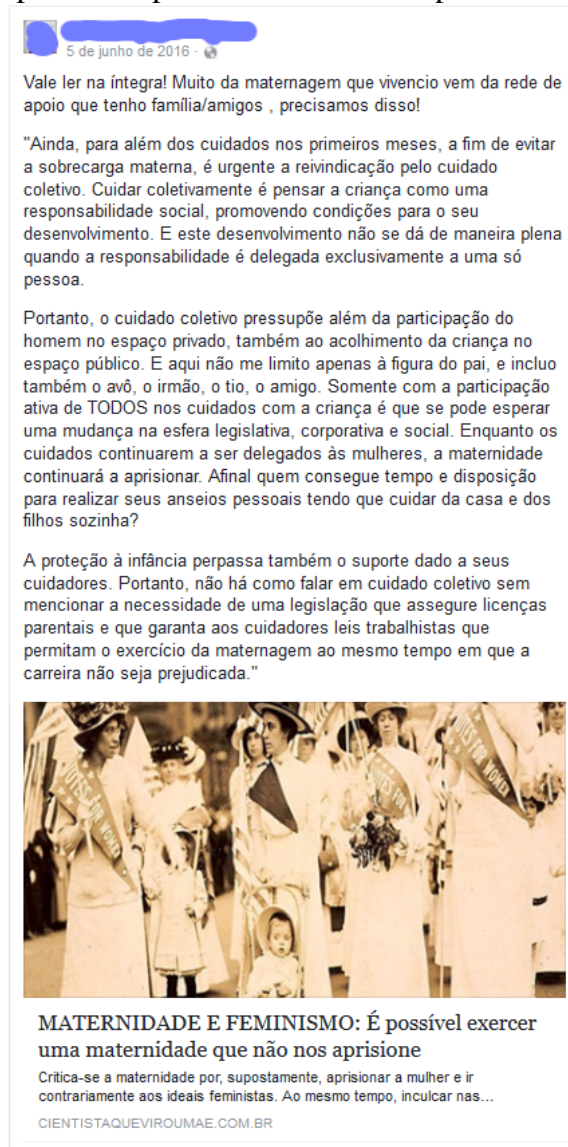
5.1.1 Rede de apoio familiar

No caso do parto, ter apoio, de cunho emocional e prático, fornecido por uma rede de relações, principalmente pelo parceiro, pode influenciar inclusive no desfecho da via de parto enquanto vaginal ou cirurgia cesárea (RAPOPORT, PICCININI, 2006 e QUESADA, 1993). A importância dessa rede de relações é constantemente ressaltada pelas pessoas ligadas à luta pela humanização do parto, sendo um assunto sempre presente nos tópicos de discussão nas redes sociais virtuais e nas rodas de conversa sobre parto e maternidade. Essa discussão foi também recorrentemente observada no grupo PHC, como pode ser visto na postagem do blog “Cientista que virou mãe”²⁸ compartilhado por uma doula.

²⁷Como será discutido no próximo item, Rapoport e Piccinini (2006) mencionam uma classificação do apoio social que distingue seus tipos em instrumental, emocional e informacional. Neste trabalho, verificou-se que o apoio material não ocorre, no Grupo PHC, com a mesma frequência das outras modalidades.

²⁸<http://cientistaqueviroumae.com.br/>

Imagem 04 – postagem do Blog “Cientista que virou mãe” sobre maternidade e rede de apoio compartilhada por uma doula no Grupo PHC



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 15 jun. 2016


Na imagem 04 cabe destaque o trecho: “[...] para além dos cuidados nos primeiros meses, a fim de evitar a sobrecarga materna, é urgente a reivindicação pelo cuidado coletivo [familiar]. Cuidar coletivamente é pensar a criança como uma responsabilidade social, promovendo condições para o seu desenvolvimento”.

O cuidado coletivo familiar de que fala o parágrafo destacado é uma discussão que tem vários vieses com grande apelo quando se relaciona a cuidados com a criança, especialmente se pensarmos o contexto atual em que homens e mulheres têm pedido por uma


paternidade ativa e responsável e por uma sociedade que acolha as crianças nos ambientes públicos.

É uma ideia difundida no PHC que a sociedade não promove uma vivência sadia e equilibrada da mulher que deseja/precisa participar do mercado de trabalho e das atividades domésticas, e esse tema recheia as postagens quando várias mulheres do grupo estão chegando ao fim de suas licenças maternidade e partilham suas angústias com a necessidade de voltar ao trabalho.

Imagem 05 – Depoimento sobre a “ajuda” paterna na criação dos filhos

 **Terry Aki** compartilhou a publicação de **Vinny Gret** 20 de janeiro

Para reflexão!!!

 **Vinny Gret** 19 de janeiro

Se estamos no restaurante e uma das crianças pede pra ir ao banheiro:
 Eu levanto: "Não faz mais que a obrigação!"
 Marido levanta: "Nossa, que paizão!"
 Se ele viaja a trabalho e eu fico com as crianças:
 "Não faz mais que a obrigação. O marido está buscando o sustento e a melhora da família."
 Se eu viajo e ele fica com as crianças:
 "Que tipo de mãe passa três dias longe dos filhos? E que paizão, hein?"
 Se estamos em uma roda de amigos e uma das crianças quer algo pra comer:
 Eu vou: "É a mãe, não faz mais que a obrigação."
 Marido vai: "Coitado do cara, não pode nem conversar em paz... Que paizão!"
 Se as crianças acordaram várias vezes na madrugada e estamos exaustos:
 Eu reclamo: "Teve filho pra que? Reclama demais!"
 Marido reclama: "Coitado do cara, acordou a madrugada toda. Deixa ele dormir um pouco mais, tá cansado."
 Se uma das crianças chora e eu não consigo entender o motivo: "Que tipo de mãe não conhece o próprio filho?"
 Se o marido não entende o motivo: "Ele é homem, não nasceu pra essas coisas. Quer ajuda?"
 Se eu estou com dificuldade em equilibrar casa, trabalho e filhos: "Que tipo de mãe é tão desorganizada?"
 Se o marido não sai pra não me deixar sozinha com as crianças:
 "Coitado do cara, dominado pela mulher! Que paizão!"

Quando as pessoas descobrem que marido e eu dividimos as obrigações em casa e com as crianças:
 "Coitado do cara, a mulher explora!"
 "Eita mulher de sorte! Que paizão!"
 A lista seria infinita...

Enquanto o sacrifício da mãe é normalizado(ser mãe é padecer no paraíso, não?) o pai é visto como ajuda. Como um plus, um bônus.
 A balança é desigual.

É preciso muito pouco pra ser considerado um Paizão.
 E é preciso muito pouco pra ser considerada uma mãe de merda.
 Cadê a coerência, sociedade?

[#TudoEu](#) [#TamoJunta](#) [#MaternidadeReal](#) [#SerMãePodiaSerMaisLeve](#)
[#ChegaDeMãeSobreCarregada](#)

Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em fev. 2017

A responsabilidade do cuidado ainda fica muito relacionada ao papel da mulher. Muitas integrantes do grupo se queixam de como a família, e até outras mães, as colocam nesse lugar de única cuidadora. A ideia que aparece no grupo, representada na imagem 05, é tentar difundir esse cuidado entre todos os membros da família, especialmente com os pais das crianças, mesmo que não companheiros das mulheres.

5.1.2 Laços fortes e fracos – influência nas tomadas de decisões

Como foi visto no capítulo 03, as redes sociais virtuais possibilitam novas formas de interação e sociabilidade (SANTAELLA, 2010; RECUERO, 2010; LEMOS, 2013) que têm, entre outras características, maior fluidez nas comunicações e flexibilidade nas relações.

As relações sociais nessas redes se dão, especialmente, entre dois elementos: atores e conexões (RECUERO, 2010). Sendo as conexões formadas pela interação social de laços fracos ou fortes entre os atores. No caso, a internet é um meio privilegiado para se formar relações de laços fracos e possibilita muitas interações e trocas informacionais.

Nesse contexto, segundo Martino (2015), há uma especificidade nas relações online que se pode destacar a princípio: a interatividade com outras pessoas a partir de uma máquina. No início, a interação no ciberespaço estava subordinada ao uso de computadores grandes e a um acesso altamente dispendioso à internet, o que limitava o impacto das relações online na vida cotidiana.

Hoje, com o advento dos aparelhos móveis, há a possibilidade de estar sempre conectado. Um grupo virtual, por exemplo, pode contar com a participação dos seus membros durante todo o dia, independente das distâncias ou de horários pré-estabelecidos. Isso significa que, se alguém precisar de algum apoio, provavelmente, poderá contar com *um outro* conectado naquele momento, as respostas podem ser mesmo instantâneas.

Diante disso, é interessante ressaltar que essas relações sociais, estabelecidas em outro sentido de tempo e espaço, parecem produzir diferenças no modo como laços fortes e fracos impactam as decisões cotidianas das pessoas. Por exemplo, Kaufman (2012) ensina que são as relações de laços fortes que influenciam uma pessoa na tomada de decisões importantes em sua vida. Em contraste, o que se observou no PHC (que é um grupo virtual que se mantém

a partir de laços fracos) foi que as integrantes baseiam suas escolhas por um parto humanizado, principalmente, nos relatos de experiências vividas por outras mulheres que não fazem parte das suas famílias ou círculos de maior proximidade.

Assim, ao contrário do que ocorre em outros ambientes, constatou-se que esses laços fracos influenciam diretamente as decisões das integrantes do PHC. A postagem abaixo demonstra como as mulheres integrantes desse grupo contam com as experiências umas das outras para fazer escolhas importantes.

Imagem 06 – Sobre as pesquisas de uma grávida na Internet

15 de dezembro às 15:02 · Salvador

Meninas lendo muito sobre parto normal , vi que a posição de costume nos hospitais com a mulher deitada (posição ginecológica) na hora do parto não é legal e dói mais . Vi relatos que de cócoras seja o mais confortável . Nos conte suas experiências !!!!!

33 curtidas 37 comentários

[Curtir](#) [Comentar](#)

Você e outras 32 pessoas curtiram isso.

Ver mais 33 comentários

[User] Pra mim agachar sempre foi o primeiro reflexo também, desde o primeiro pródromo, uma semana antes do nascimento.
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro às 21:47

[User] No expulsivo, foi a minha escolha. Nossa, foi a minha salvação. Não pensei em nada. Só deixei meu corpo mandar e ele me mandou agachar e empurrar. Depois sentei na banqueta, que é bem parecido com a posição de cócoras e pronto. **[User]** nasceu, linda e maravilhosa, ou seja, cheia de saúde e muito amor. 😊👉👉👉
Curtir · Responder · 1 · 16 de dezembro às 16:10

[User] Eu não tenho filhos ainda, mas assisto muito um canal o programa "1 bebê por minuto" (não sei o país ao certo) mas nesse hospital acontece mais partos humanizados e /ou normais e uma posição que eu não sabia e muitas tem é de quatro (4) fi sei se é assi... Ver mais
Curtir · Responder · 2 · 17 de dezembro às 02:15 · Editado

[User] É mais ou menos isso mesmo **[User]**! Somos animais, somos mamíferos. O momento do parto é um dos únicos onde a mulher tem suas ações comandadas pelo neocórtex, parte do cérebro humano. Por isso, sempre que nos encontramos com...

[User] Então realmente deitada é pior . Vi um vídeo de parto no youtube que suei frio de tanta dor que a miner. sentia e não foi humanizado , nenhum carinho nada , altamente brutos e secos . Deus me livre
Curtir · Responder · 15 de dezembro às 16:00

[User] Já quero de cócoras kkkk Mas na banheira fica quase de cócoras né ?
Curtir · Responder · 15 de dezembro às 16:01

[User] Eu fiquei de quatro em cima da maca e pra mim evoluiu mais rápido o TP fui pra posição de "ginecológica" já na hora do **[User]** nasceu e é mesmo bem difícil colocar força nessa posição. Eu não conseguia ficar parada... era em pé balançando as cadeiras... ia pra bola, ia pro chuveiro... acho que por isso foi bem rápido. Ajudou a descer rsrs (acho q foram entre 6 a 8 horas meu TP)
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro às 16:01

[User] Na realidade vc só vai saber a melhor posição na hora. Cada uma tem um jeito q fica a vontade. Eu achava q ia ser de cócoras tbm, mas na hora não foi .
Curtir · Responder · 5 · 15 de dezembro às 16:03

[User] Fiquei de todo jeito! 😊 mas na hora de expulsar, fiquei no banquinho, quase de cócoras e meu GO **[User]** ficou sentado no chão! Com uma lenço em volta dele para eu puxar!;) o lenço era da Doula!
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro às 16:04

[User] Meu médico foi ele tb! Mas ele me deu um lenço amarrado em volta dele pra puxar
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro às 16:43

[User] Igualzinho o meu. Pari na banqueta, a médica sentada no chão, e eu puxando esse lenço ao redor dela que a doula tinha levado (depois soube que esse lenço se chama rebozo mexicano).
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro às 17:49

Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 20 dez. 2016

No caso desta postagem, capturada na imagem 06, a pergunta inicial é sobre as posições do período expulsivo do parto. A pessoa que inicia o diálogo diz que leu muitas informações sobre esse tema, mas quer ouvir as experiências das outras integrantes do PHC. Essa postagem gerou 33 comentários até o momento da captura de imagem e apenas o início da conversa foi aqui registrado. À medida que o diálogo se desenrola, e as experiências vão sendo compartilhadas, a mulher que fez a provocação inicial diz: “Então realmente deitada é pior. Vi um vídeo de parto no youtube que suei frio de tanta dor que a miner. [sic] sentia e não foi humanizado, nenhum carinho nada, altamente brutos e secos. Deus me livre”. E continua, agora brincando: “Já quero de cócoras kkkk Mas a banheira fica quase de cócoras né?”.

Observa-se que a grávida usa esse diálogo, juntamente com outros recursos, como leituras e vídeos no YouTube, para construir elementos que deverão impactar nas suas tomadas de decisões.

Observou-se, desse modo, um contraste entre a teoria descrita por Kaufman (2012) e as relações do PHC. Uma possível explicação para isso, que já foi mencionada acima, aponta para o fato de como grupos virtuais atuais passaram a contar com a participação dos seus membros durante todo o dia, em interações quase instantâneas. Estabelecidas sem as antigas barreiras de tempo e espaço, é possível imaginar que as novas relações sociais nascidas nesse meio acabem modificando o modo como laços fortes e laços fracos levam a decisões sobre a vida.

Outro aspecto importante é que se observou que as trocas que acontecem no PHC são também afetivas²⁹ e geram empatia³⁰, já que as mulheres partilham vivências relacionadas a situações frequentemente parecidas. Como será detalhado no próximo tópico, as mulheres que optam hoje por um parto humanizado, comumente, não se reconhecem nas práticas de parto de suas famílias e, por isso, buscam, em lugares como o PHC, outras mulheres que queiram o mesmo que elas. Isso possibilita que elas passem a se ver como parte de um grupo, ao invés de mulheres isoladas.

Além disso, quando uma pessoa se junta a um grupo virtual, por exemplo, ela o faz, principalmente, com base em uma escolha direta por pessoas que se interessam pelos mesmos assuntos (MARTINO, 2015). Isso é relevante porque o tema em torno do qual gira o Grupo PHC ainda contrasta com o pensamento brasileiro hegemônico, que está inserido no que se denomina cultura cesarista. Portanto, pode-se supor que a mulher que se interessa por um parto humanizado e entra em grupos fechados virtuais sobre o assunto já busca, ali, uma rede de apoio online para uma vivência diferente das ideias dominantes em suas relações de laços fortes.

As redes sociais virtuais não podem substituir as redes sociais que são geralmente compostas pela família da mulher grávida e puérpera. A virtualidade, sozinha, não preenche todas as necessidades que a vida tem. Porém, no tocante ao apoio informacional e emocional, o PHC preenche uma lacuna significativa.

²⁹Este tema será aprofundado no tópico 5.2.5

³⁰Nesse sentido, ver a discussão tratada em torno da imagem 08.

5.1.3 Trocas informacionais e emocionais – o PHC como rede de apoio

Na psicologia, a relação entre doenças psíquicas e a ausência de laços sociais e redes de apoio é destacado na literatura desde mais ou menos a década de 1970 (QUESADA, 1993). Esses conceitos de rede de apoio e redes sociais são vistos de forma ampla e se relacionam a todos os aspectos da vida social e psicológica de um indivíduo. Para Quesada (1993, s/p) “la mayoría de los autores identifican, de una o otra forma, el apoyo social con la relación interpersonal en la que se ofrece o intercambia ayuda de tipo material, emocional o instrumental, que produce sensación de bienestar al receptor”. Além disso, Rapoport e Piccinini (2006) mencionam uma classificação de apoio social com base no tipo de apoio, que pode ser instrumental, emocional e informacional. Verificou-se que, entre essas três modalidades, são os modos de apoio informacional e emocional aquelas que tipicamente alcançam as mulheres no Grupo Parto Humanizado no Ceará, dentro da rede social virtual Facebook.

O grupo, ativo desde 2014 diz, na sua descrição, que é uma comunidade criada para a partilha. Apesar de contar hoje com mais de 7.000 membros cadastrados, o que, em tese, permitiria grande variedade nos assuntos debatidos, as *partilhas* acabam seguindo ciclos em que são trazidos temas semelhantes a cada tempo. Como uma das moderadoras explica, “uma mulher de doze semanas, geralmente, vai ter as mesmas dúvidas, então temos uns ciclos de postagens no grupo de acordo com as grávidas daquele tempo” (Entrevista com doula 1 - moderadora do PHC).

Esses ciclos de temas postados e discutidos são exemplos que representam o apoio do tipo informacional, de acordo com a classificação de Rapoport e Piccinini (2006). As interações informacionais, que representam essa modalidade de apoio, foram descritas pelas mulheres como ponto fundamental para o grupo. Entre as informações trocadas no PHC, percebeu-se que elas podem ser divididas principalmente em dois grupos: informações de caráter científico (distribuídos em tópicos fixos) e os relatos de parto.



Percebeu-se ainda que as postagens de relatos de parto atendem a funções múltiplas, aliando aspectos emotivos e de informação. Para quem escreve o relato, as interações em resposta ao mesmo assumem fortes contornos de apoio emocional, com uma dimensão informacional menor. Já para quem lê o relato, ainda que também esteja presente o

componente emocional, predomina a função de apoio informacional, mesmo porque muitos dos leitores e leitoras estão na expectativa de viver um parto no futuro próximo.

Os relatos de parto são as postagens mais populares na página, recebendo inúmeras curtidas e comentários. Na maioria desses relatos se vê a descrição de que a leitura de relatos anteriores foi importante fonte de informação para a construção de uma ideia de parto e de um plano de parto. Como explica Maria, “A [doula] me passava algumas coisas, me passava matérias por email, mas eu tirava minhas conclusões de acordo com o relato de parto de outras mulheres, né? Absorvendo um pouquinho daqui um pouquinho dali” (Entrevista com Maria).

Esse relato é feito sempre da perspectiva da puérpera. Escrito, geralmente, depois de poucos dias de transcorrido o parto, é também um lugar de desabafo quando coisas aconteceram fora do esperado. É comum ouvir em algumas rodas de conversa sobre partos, mulheres e doulas dizendo que esse relato é a verdade da mulher naquele momento e que essa verdade e a visão daqueles eventos podem mudar ao longo tempo. É importante entender que se esse momento e essa verdade podem mudar, também é importante não julgar rapidamente os profissionais ou os familiares que estão envolvidos no relato.

Imagem 07 - Relato de parto publicado em 30.08.2016

 
30 de agosto às 22:35

Relato do meu parto normal, é grande...

Sou de Recife mas ja acompanho a página há algum tempo. Tudo começou no dia 17/08 quando perdi o tampão, ja estava com 40+3 , comecei a sentir contrações fora do ritmo, no outro dia 18/08 fui para o pré natal pela manhã, e a médica deu o toque e falou que não tinha dilatado nada e que era provável nascer no domingo. Então fui pra casa e a tarde as contrações aumentaram, eram dores horríveis e eu nem imaginava o que estava por vir. Fui na mesma tarde a maternidade Vasco Lucena que é a do meu plano de saúde HAPVIDA junto com minha sogra, após uma hora de espera fui examinada e já estava com 3 centímetros, então o médico me mandou caminhar para ajudar a dilatar, como o hospital não tinha nenhum local para andar, fui no shopping mais próximo a maternidade que fica a uns 500 metros. Passei algumas horas caminhado e as dores so aumentaram e nisso voltamos a maternidade. Chegando lá o mesmo médico me examinou e falou que já podia me internar pois eu ja estava com 5/6 centímetros, em meio ao caos da troca de plantão continuei andando mas pela recepção, eu estava muito tranquila e confiante que tudo daria certo...

Mas me depararei as 20:30 com uma médica terrível que me deu um toque e falou que eu só estava com 4 centímetros, e que meu filho não ia nascer nem hoje, nem de madrugada isso será só para amanhã. Nessa hora minha pressão subiu e eu me desesperei e cai no choro, meu marido foi procurar o chefe do plantão pra informar a arrogância da médica e graças a Deus a chefe era a minha obstetra do pré natal. Então ela me acalmou e fez tudo novamente e eu continuava com 5/6, a médica arrogante pegou meu prontuário e jogou na mesa da minha medica e falou que não faria mais nada por mim... Essa foi a primeira parte da seção de violência obstétrica que eu sofri.

Então todas as enfermeiras de plantão resolveram aderir a mesma postura da médica e eu ouvi quando uma delas falou que eu podia morrer que não ia fazer nada por mim, só pra lembrar que isso era no hospital particular... As horas foram passando e as contrações aumentando, mas eu sabia que toda dor era o sinal que estava mais perto de conhecer meu filho, então sofri minha dor calada, pois sei que no momento não poderia gritar...

Quando se aproximava da meia noite a minha médica resolveu estourar a bolsa para ver se acelerava o parto, depois que estourou senti aquele alívio e ja estava com 8 centímetros, então por vontade própria pedi pra buscar a bola para fazer exercícios, meu marido foi minha Doula nesse momento, pois ele fez muita massagem para aliviar as dores; e minha sogra que tbm estava comigo fazia força junto comigo a cada contração, detalhe a sala de pré parto não tinha um banheiro pois estava em reforma, não tinha um chuveiro pra que eu pudesse me molhar, então comecei a fazer xixi em cima da bola, meus lençóis que já estavam sujos de sangue e muita água da bolsa rompida, foram trocados pela minha sogra pois nenhuma enfermeira quis trocar ou até mesmo perguntar se eu estava bem; mais violência e falta de respeito em um momento único da minha vida, mentalizei por nove meses o parto normal dos sonhos fui contra a família toda que queriam que eu fizesse cesariana li, me empoderei, me vesti de coragem e força divina para trazer meu filho ao mundo, e ao invés de flores só me lançaram pedras... Povo desumano...

Chegando ao tão sonhado 9 centímetros, fui colocada no soro da morte, isso mesmo pois eu só pedia que Deus me levasse... tive até um ataque de loucura pois já não aguentava tanta dor.

Então ouvi a médica dizer: prepara a sala e liga para o maqueiro que já vai nascer, aquilo soou como música nos meus ouvidos, quando olho o maqueiro com cara de coveiro arretado pois tinha sido acordado as 02:30 da manhã para me levar, não havia mais lençóis forraram uma camisola de TNT na maca, e ele foi me levando com tanta arrogância que minha mão ficou presa entre a parede.

Entrando na sala de parto, me depero com mofo na parede, um balde amparando uma água que cotejava do teto, enfim tudo um horror.

Até chegar aos 10 centímetros demorou mais de uma hora, e haja fazer força sem saber fazer, pedi anestesia, mas só aplicação local que não adianta nada, as horas passando e nada de nascer, eu já não tinha disposição nenhuma estava exaustata, a médica deu um pequeno corte e na hora da contração pediu pra enfermeira empurra a barriga pois o bb já tava passando da hora de nascer, fiz a última força e ele nasceu rasgando tudo... só vi o seus pés bem roxinhos, e o brilho nos olhos do meu marido que falava "ele é muito lindo"

Lá estava eu sem força pra nada, nem chorar eu consegui, pensa que acabou? Ainda não!

O sofrimento só estava começando, meu filho nasceu as 04:30 e eu jurava que logo ficaria com ele, mas a minha placenta estava colada, por uma hora tentaram tirar e nada, eu gritava de dor.

Então a médica pediu ajuda e me anestesiaram, e fizeram uma curetagem pra tirar.

Dormi por algumas horas e acordei escutando o meu filho chorar, aí pedi pra enfermeira trazer ele, e ele veio gritando muito e quando ouviu a minha voz simplesmente parou de chorar, aí eu chorei e agradei a Deus por estar viva.

Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 07 set. 2016

No caso dessa postagem acima, os eventos se desenrolaram na cidade de Recife, mas também aqui em Fortaleza acontecem problemas parecidos nos quais as mulheres se sentem violentadas e desrespeitadas e depois vão ao grupo nesse movimento de desabafo. Alguns relatos trazem denúncias contra médicos, hospitais e alguns profissionais ligados ao parto. Nesse caso, as pessoas tendem a se solidarizar com aquela mulher.

Também pode haver muito julgamento sobre as escolhas da “denunciante”, por exemplo, se ela descreve que foi ao hospital nas primeiras contrações, enquanto o que se *ensina* no grupo é que se espere para ir a hospital somente quando houver contrações ritmadas. Julgar as escolhas da mulher, nesse caso, é uma das contradições encontradas em um grupo de apoio ao parto humanizado que prega a sororidade³¹ e protagonismo feminino. Afinal, a princípio a humanização diz que cada mulher deve escolher aquilo que lhe deixa mais segura e confortável, mesmo que não seja o que *aprendeu* durante sua gravidez.

³¹“O conceito da sororidade está fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática deste movimento de igualdade entre os gêneros”. Em: < <https://www.significados.com.br/sororidade/>>. Acesso dia 10/09/16

Durante a pesquisa para a realização dessa dissertação foram observadas várias mulheres que acessavam a página do grupo em busca de um parto com respeito e viam nos relatos mais uma forma de entender como conquistarem esse desejo. Muitas já tinham passado pela experiência de um primeiro parto e relatavam violência obstétrica, ou que foram enganadas com falsas indicações de cesariana, ou que escolheram a cesárea eletiva por falta de informação ou ainda porque “todo mundo faz assim”. A maioria era primigesta, mulher na primeira gestação, e o que tinham em comum era a busca por uma experiência de parto diferente do que diz a cultura de cesárea.

Sobre o apoio emocional, viu-se que o fato do PHC ser um grupo fechado é importante. Especialmente porque, no tipo de mensagem que é escrita, as mulheres demonstram muita liberdade e põem, em alguma medida, intimidades que não expõem na sua linha do tempo pessoal. Uma postagem íntima é possível porque há um acordo, não formalizado, de que os outros membros não vão tirar ali daquele grupo aquelas informações pessoais e divulgar em outros lugares. Só participam daquele grupo pessoas que foram aceitas pela moderação e só elas podem visualizar aquelas postagens. É interessante pensar que as mulheres se sentem protegidas, mesmo que, em tese, qualquer membro ali possa copiar e divulgar qualquer mensagem postada.

No dia 03 de fevereiro de 2017, uma gestante de 30 semanas postou uma foto em que estava nua, o foco da imagem é a barriga. Ela descreve como o corpo fora do padrão passa por muitos julgamentos e reafirma sua alegria consigo mesma.



Imagem 08 – Postagem sobre a relação com o corpo durante a gravidez

Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 03 fev. 2017

Aquela foto e aquele texto foram feitos somente para o PHC, não apareciam na *timeline* dos membros. A postagem tem um propósito específico, desabafar e encorajar outras mulheres que passem por uma situação parecida. Como explica a autora da postagem:

Eu postei ali [e não na minha linha do tempo], porque tem gente que entende, né? Eu não tive medo de não entenderem, mas também não achava que iam se importar tanto. Mas tem um monte de gente que sente igual, né? E não botei na minha linha do tempo porque não queria que meu pai visse, sei lá, queria só desabafar, queria só falar ali. (Entrevista com a autora da postagem)

Nas mensagens que acompanham a foto aparecem algumas pessoas que se sentem da mesma forma e outras que demonstram apoio e empatia a essa mulher. Ela ressalta na entrevista que não quis se expor na sua própria linha do tempo, inclusive, porque não queria que seu pai visse a imagem. Ou seja, como aqui exemplificado, o grupo é visto pelas mulheres como um lugar seguro, no qual elas podem expor algumas intimidades e compartilhar momentos com pessoas vivenciam experiências semelhantes.

5.2 Aprendizagens em rede

O Grupo Parto Humanizado no Ceará é descrito pelas moderadoras como mais um meio para divulgar a luta pela humanização do parto. Essa luta se apoia em três pilares, como já foi dito anteriormente, sendo um deles a Medicina Baseada em Evidências. De modo geral,

os grupos de pessoas que se unem em torno dessa luta são marcados pela produção e divulgação de muita informação. Vê-se como exemplo os blogs de médicos e doulas como, *Estuda, Melania, estuda!* e *Cientista que virou mãe*, além de grupos no Facebook como, *Cesárea? Não obrigada!*. Empoderar-se, para as mulheres, é sinônimo de informar-se. “Aqui [em Fortaleza] não dá para parir sem informação e tem que ter informação de qualidade!” (Fala de uma gestante em roda Maiêutica com tema: “Empoderamento e autonomia na gestação e no parto”, dia 05/02/2017).

As duas principais vertentes de discussão que acontecem nos grupos virtuais são: a teórica e a prática. No que diz respeito às teorias que se relacionam a gestação, parto e pós-parto, os grupos organizam e divulgam os diversos temas que circulam na rede sobre as melhores recomendações (baseadas nos três princípios da humanização) para uma vivência dessas fases da vida. Já de forma mais prática, encontramos muitas postagens que querem saber, principalmente, os nomes dos profissionais humanizados (médicos, doulas, enfermeiras, fisioterapeutas...) e os melhores hospitais. É também por isso que as discussões do grupo são mais focadas em determinadas cidades.

Há uma aproximação da discussão que acontece no grupo com a realidade local. Isso, a princípio, pode se resumir a dúvidas práticas e de acesso a serviços e bens de consumo, mas também aproxima as mulheres umas das outras, até fisicamente, e das suas realidades culturais. As rodas de gestantes que acontecem na cidade de Fortaleza, por exemplo, reúnem muitas mulheres que se conhecem dentro dos grupos de redes sociais virtuais, o que potencializa seu caráter de rede de apoio. Além disso, o apoio afetivo e informacional que são vivenciados no PHC permite, entre outras coisas, que haja aprendizagens para o parto humanizado.

5.2.1 Tópicos fixos – apoio informacional que gera aprendizado

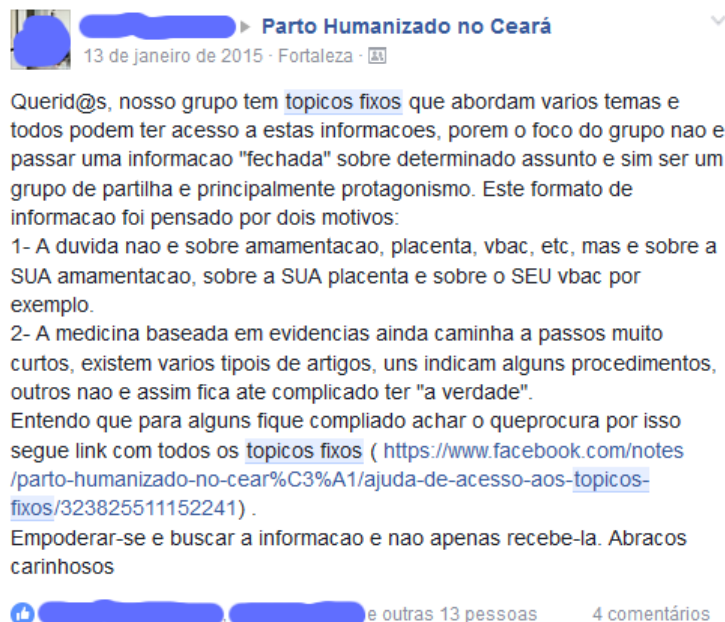
Dentro do PHC, os participantes têm acesso a diversos conteúdos organizados em tópicos fixos³². Uma das moderadoras explica que há intencionalidade na maneira como a informação é organizada no grupo. Ela diz que a intenção do grupo não é dar uma informação “fechada”, o que significa que no grupo não deve ter uma única resposta pronta, mas muitos profissionais e mulheres com suas experiências contribuem com o acúmulo de informação na

³²Cf. em < <https://www.facebook.com/notes/parto-humanizado-no-cear%C3%A1/ajuda-de-acesso-aos-topicos-fixos/323825511152241>>

página e desse modo, permitiria a partilha e o protagonismo feminino que, nesse caso, se relaciona à busca por informações para o próprio parto.

Ela também destaca dois motivos para pensar nessa organização, o primeiro é que as mulheres contribuem com seus questionamentos, na medida em que buscam por respostas nos seus casos específicos, ao invés de dúvidas genéricas. O segundo motivo é que, segundo a moderadora, a medicina baseada em evidências, no caso da obstetrícia, ainda está em construção, por isso, não se pode “falar em uma verdade absoluta”. Sempre há novas pesquisas com indicações atualizadas.

Imagem 09 – Postagem explicando um pouco sobre os tópicos fixos



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela

Os temas que são ali discutidos estão divididos em quarenta e nove assuntos, cujos *links* estão dispostos em um documento que tem o objetivo de auxiliar as buscas. Estes vão desde o tópico de apresentação, passando por exercícios vaginais, violência obstétrica, parto normal x cesárea, reais indicações de cesárea, etc..

Imagem 10 – postagem do documento de ajuda ao acesso aos tópicos fixos

Ajuda de acesso aos topicos fixos

 TERÇA, 13 DE JANEIRO DE 2015

Tópico de apresentacoes <https://www.facebook.com/photo.php?...>

Agenda do mes : <https://www.facebook.com/photo.php?...>

Lista de indicacoes de profissionais> <https://www.facebook.com/photo.php?...>

Taxas de PN x Cesarea (plano Amil e Unimed) <https://www.facebook.com/photo.php?...>

Topico sobre> Parto Humanizado <https://www.facebook.com/photo.php?...>

tópico sobre DPP e parto: <https://www.facebook.com/photo.php?...>

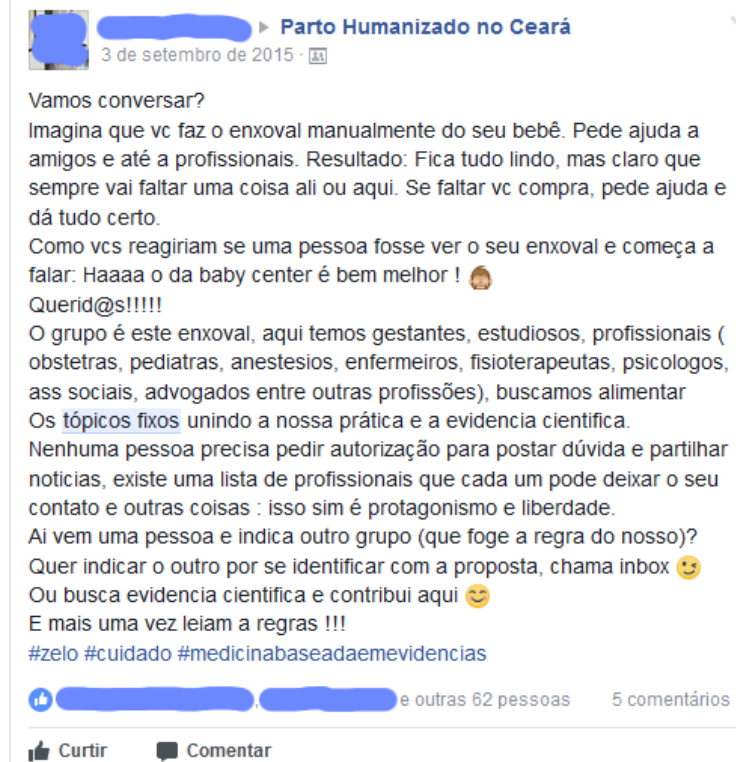
Topico sobre relatos de parto :<https://www.facebook.com/photo.php?...>

Topico sobre: Síndrome de Hellp <https://www.facebook.com/photo.php?...>

Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 07 set. 2016

Os tópicos foram criados pelas administradoras para organizar o grupo de maneira que tudo aquilo que se relaciona com determinado assunto esteja no mesmo “lugar”. Essa dinâmica informacional já era usada em outro grupo que inspirou a criação do PHC (Cesárea? Não, obrigada!) e apesar de parecer uma organização de fácil compreensão, na verdade foi observado, que ela pode ser confusa para quem não tem tanta intimidade com a interface do Facebook. Com frequência se verificou a presença de mulheres nos comentários perguntando como encontrar os tópicos fixos. Além disso, nem todas as pessoas se identificam com essa forma de organização. Na postagem abaixo, a moderadora responde a uma crítica feita em outra postagem, que foi apagada, em que se indica um grupo – Parto Normal Fortaleza (PNF), também no Facebook, e que tem características diferentes.

Imagem 11 – Explicação da doula sobre a organização em tópicos fixos



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em mar. 2016

Essa resposta traz uma crítica discreta ao outro grupo (PNF), no qual há indicação limitada de profissionais, destacando-se o trabalho de uma médica e de uma doula apenas (a doula é única moderadora do PNF). Essa crítica se destaca quando a moderadora do PHC explica que há uma lista na qual os profissionais podem deixar seu contato e que isso caracteriza liberdade e apoia o protagonismo feminino, já que nesse caso a mulher tem uma gama de opções e pode escolher, por motivos objetivos e subjetivos, quem ela preferir para acompanhá-la durante o parto.

Os tópicos fixos servem tanto para buscas como para postagens. Desse modo, se um membro tem alguma contribuição a fazer sobre aquele assunto, de produção própria ou compartilhado de outro lugar, deveria contribuir postando nos comentários do tópico adequado. A moderação, por sua vez, pode usar o recurso de aceitar ou não as postagens dos participantes.

Um dos recursos disponibilizados aos moderadores de grupos no Facebook é poder aprovar as publicações antes de se tornarem públicas, característica de controle que se distancia do espírito colaborativo da Internet (CASTELLS, 1999) como um todo, em que qualquer pessoa passa a ser produtor de conteúdo e novos saberes (CARVALHO *et al.*, 2013; MAIA *et al.*, 2014). Além disso, a informação que circula na rede passa a ser menos

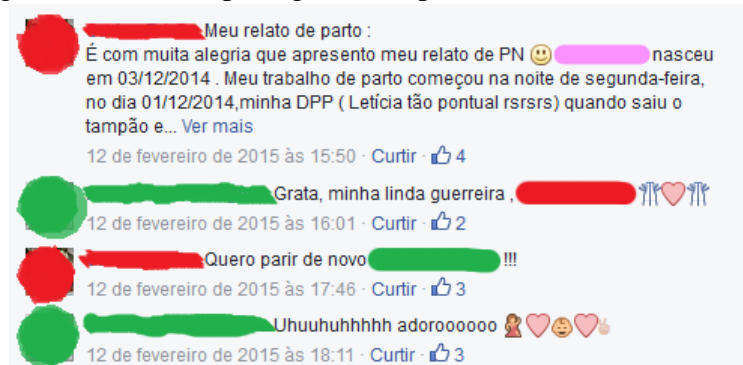
controlada e sim descentralizada e multidirecional (CARVALHO *et al.*, 2013). Não obstante, se uma pessoa tem sempre os seus comentários e publicações barradas, ela pode criar um novo grupo.

Essa é um pouco a história de uma das moderadoras do PHC. A moderadora específica fazia parte de outro grupo no Facebook, que também girava em torno da temática do parto. Ali o excesso de controle e disputas fizeram com que o seu perfil fosse retirado do grupo e por isso ela criou o PHC. Talvez por ter vivido esse episódio e também por acreditar no protagonismo feminino em todos os aspectos da vida, quando criou o PHC ela decidiu que ele seria diferente e que a moderação teria outro papel na administração do grupo.

Sem ter consciência dessa relação com a produção de conteúdo na rede, quando a moderação toma essa decisão garante, dentro daquele ambiente, mais controlado por natureza, uma aproximação do processo de comunicação que muda a relação entre emissor e receptor de informação (LÈVY, 1999), o que ajudou a difundir e sempre renovar os usos da Internet. A possibilidade de qualquer membro do grupo poder postar novos conteúdos e conectar-se a outras fontes na rede é uma característica que ressalta a forma de interação própria do mundo digital em que todos podem se comunicar com todos (TAPSCOTT, 2010).

No caso do PHC, as moderadoras permitem que qualquer postagem entre sem precisar de aprovação prévia. E, apesar de muitas postagens serem feitas fora dos locais pré-determinados (tópicos fixos), elas não são “corrigidas” ou redirecionadas. Isso difere do que acontece em outros grupos no Facebook. Por exemplo, existe um tópico fixo sobre os relatos de parto, o que organizaria a busca e a leitura desse conteúdo, mas se verificou ser comum também encontrar as postagens dos relatos soltos na *timeline* do grupo.

Imagem 12 – Última postagem no tópico fixo sobre relatos de Parto



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 07 set. 2016

A imagem 12 é da atualização no tópico fixo sobre os relatos de parto, do dia 12 de fevereiro de 2015. Contudo, sobre esse mesmo tema, há postagens bem mais recentes no grupo, como uma postagem no dia 30 de agosto de 2016, já mostrada na imagem 07.

Segundo as moderadoras, a proposta para esse grupo é que a moderação funcione como uma organizadora e não como controladora. Não redirecionar uma postagem para dentro de um tópico fixo, está entre as características que fazem as moderadoras afirmarem que neste espaço há autogestão por parte dos integrantes, já que não há uma interferência direta e constante nas ações dos indivíduos.

No entanto, a moderação também cumpre o papel de observar se os acordos do grupo estão sendo respeitados. No alto da *timeline* do PHC, há uma postagem fixa na qual se explica, justamente, seus objetivos e regras. Alguma postagem que não cumpra essas regras pré-estabelecidas pode vir a ser apagada. Segundo uma das moderadoras, a remoção de tais postagens ocorre para que as pessoas possam, em um ambiente *limpo*, encontrar o que precisam e responder uns aos outros.

A proposta da moderação é de um grupo onde haja autogestão, as pessoas vão colocando as dúvidas e o grupo vai se retroalimentando. Quando eu ou [a outra moderadora], a gente percebe que tá fugindo do foco, porque o grupo tem regras e ele tem objetivo, então se sei lá for só um relato de parto falando que foi cesárea, ok! A partir do momento que tem alguém que ta estimulando a fazer uma cesariana eletiva, a gente vai moderar isso, para explicar que aquele não é o foco do grupo, então o foco da moderação é basicamente a gente ta organizando, seja de forma estrutural mesmo, porque as vezes fica três perguntas sobre a mesma coisa, as vezes tem as propagandas que a gente tem que tá lá tirando, então é tentar deixar o espaço limpo parra que o grupo mesmo se autorregule. A proposta é essa. (Entrevista com a moderadora 1)

Apagar uma postagem é realmente algo que acontece, e as moderadoras dizem que não fazem isso sem antes explicar o motivo para o integrante que descumpriu algum acordo. Propaganda de evento pago fora do tópico fixo adequado, desrespeito com outro integrante e incentivo à cirurgia cesárea sem indicação correta, estão entre os exemplos de descumprimento dos acordos que podem levar à exclusão da postagem por parte da moderação.

Apesar da dinâmica potencialmente confusa na organização dos conteúdos dentro do grupo, tanto os tópicos fixos quanto as postagens dispersas na *timeline*, de modo geral, são um auxílio importante no empoderamento e na construção de saberes sobre o parto para as integrantes do PHC.

Tem aqueles tópicos, né? Eu já li a maioria deles, eu sempre tento ir a uma roda da maiêutica, mas acabo nunca indo, mas eu sempre leio bastante. Por exemplo, eu vejo uma informação, uma dúvida de uma grávida, ou de uma mãe já, e vejo que aquilo ali eu posso procurar uma informação, aí eu vejo se tem a resposta, porque quando tem uma dúvida alguém já responde no grupo, e quando eu não entendo bem, ou eu pergunto à [doula], que é o meu contato mais direto, porque eu conheço, ela é a minha doula, ou eu vou no grupo, ou eu também pesquiso. Isso já é um incentivo pra você procurar, né? A dúvida faz você ter aquela curiosidade para você ir atrás do que você quer saber, né? E lá no grupo tem isso, por exemplo, tem uma dúvida que uma mãe tem e outra não tem, né? Mas mesmo assim não sabe o que é, e as vezes isso me ajuda muito. (Entrevista com uma das integrantes do PHC)

Percebe-se, na fala acima de uma das integrantes do PHC, como a interação com o grupo e com essa dinâmica dos assuntos discutidos assume um papel relevante na sua construção pessoal de aprendizagem para o parto. Também está presente nessa fala a indicação de como as dúvidas de outras mulheres podem ser um gatilho para suas pesquisas dentro do próprio grupo e fora dele.

5.2.2 A busca por informação em outros nós da rede

As informações encontradas na Internet são lembradas, por outras mulheres entrevistadas para este trabalho, como importante fonte para o entendimento sobre o parto. Tirar dúvidas em geral, ter exemplos de parto, exemplos de plano de parto, entender algum termo usado pelo médico na consulta de pré-natal, comparar o seu caso com o de outras mulheres, são exemplos de motivos registrados por elas para acessar essas informações.

O caminho de busca por informação não se restringe ao ambiente do Facebook. Durante o trabalho de campo para esta pesquisa pôde-se observar como as integrantes do PHC, entre elas a moderação, grávidas, ou profissionais como doulas e enfermeiras obstetras, postam assuntos interessantes que viram em outros lugares da rede, ou outras páginas do próprio Facebook. De fato, é com muita frequência que as postagens de outras páginas, blogs ou canais no YouTube costumam ser compartilhadas.

A observação das postagens do PHC constatou que um exemplo de tema recorrente entre as pesquisas e postagens são as verdadeiras indicações para a cirurgia cesárea, há muita partilha e conteúdo na página sobre casos de falsa indicação de cesariana. Além disso, há muitas contribuições das mulheres que conseguiram parir normal, mesmo tendo ouvido a sugestão de profissionais para fazer a cirurgia cesárea.

Na repostagem no PHC de uma página do Facebook - HORA P (que também gira em torno de assuntos sobre o parto), pode-se ver a imagem dos primeiros comentários, que já exemplifica como as mulheres tentam apoiar umas às outras para uma tomada de decisão. Note-se que o profissional médico pode fazer uma indicação de cirurgia, mas a mulher pode se negar a fazê-la. Muitas mulheres que passam por uma situação em que não estão seguras da indicação médica, procuram hospitais que possuem atendimento obstétrico de emergência, ali elas podem ser avaliadas e terem uma segunda opinião médica.

No caso da postagem abaixo, a falsa indicação de cesárea é a circular de cordão. As mulheres comentam que tiveram uma experiência positiva de parto, mesmo com circulares de cordão nos bebês e contribuem reafirmando, com suas histórias pessoais, as informações do *post*. O último comentário da imagem traz também um pouco da discussão sobre como os saberes que elas adquirem na preparação para o parto podem ser desvalorizados, justamente, por não fazerem parte dos conhecimentos difundidos pela maioria das pessoas. A mulher diz: “Isso eu já sabia mas como sou nova Quando vou disser isso ou qualquer outra coisa sobre o parto disserem que sou imatura e não sei de nada e e pq tenho 2filhos saudável e de parto normal” (sic). Muitas grávidas dizem que a família e os amigos tentam desacreditá-las durante o processo de quebra com os conhecimentos mais populares e escolha pelas condutas humanizadas do parto e nascimento.

Imagem 13 – Postagem sobre Circular de cordão como indicação de cesárea

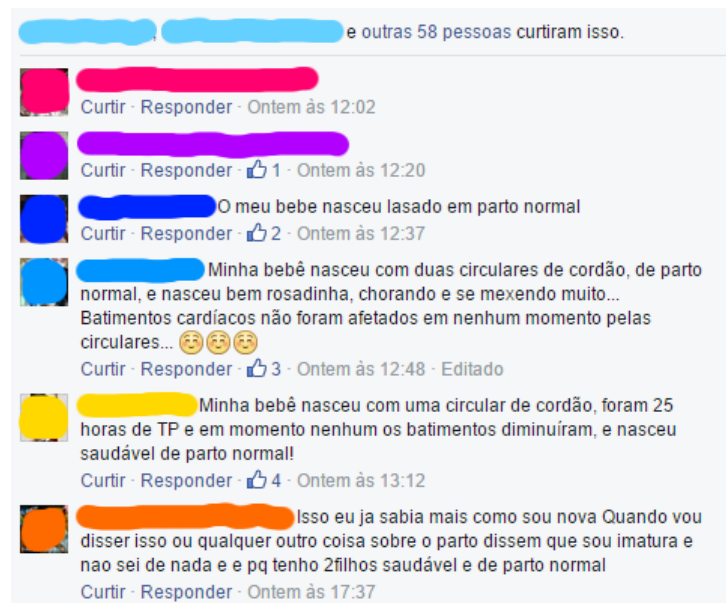
compartilhou a foto de HORA P.
Ontem às 11:49

PORQUE Circular de cordão NÃO é indicação para cesariana!

1. O bebê dentro do útero não respira pela “garganta” e pulmões, não há risco de sufocamento ou enforcamento.
2. O bebê dentro do útero “respira” através do cordão umbilical, que leva o sangue da placenta para o bebê em um fluxo contínuo, (que não pode ser interrompido até o nascimento).
Controlar os batimentos cardíacos do bebê, mostra que ele está recebendo sangue adequadamente.
3. 20 a 40% dos bebês nascem com circular de cordão, sem problemas.
4. Bebês se movimentam dentro do útero, se enrolam e se desenrolam no cordão o tempo todo.
5. Circular de cordão no pescoço é a mesma coisa que no pé ou na barriga.

INFORME-SE
www.lacasaoparto.org HORA P

HORA P 🤔 sentindo-se pensativo.
7 de dezembro às 22:46 · Florianópolis



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 09 dez. 2016

Na cultura atual, a maioria de mulheres e pessoas leigas entende que quando o bebê tem circulares de cordão ainda no útero da mãe, na hora do nascimento essas circulares podem sufocá-lo e até levar a criança a óbito. Pode-se notar que os comentários na imagem frisam o quão saudável estava o bebê ao nascer, mesmo com circulares de cordão. A circular de cordão é frequente, e suas consequências para a saúde do bebê controversas entre os médicos. Apesar dos estudos científicos que comprovam a não indicação para a cesariana³³, muitos obstetras, mesmo diante de um quadro clínico que não traga risco evidente, optam pela terminação cirúrgica da gestação de forma eletiva (antes de iniciado o trabalho de parto).

Outro exemplo de conexão com nós da rede que versam sobre a humanização do parto, se concretiza na imagem abaixo. Ela registra o compartilhamento de uma postagem do canal do YouTube “Paizinho, vírgula!”³⁴, que discute temas da criação com apego e disciplina positiva e é comandado pelo *blogger* e *youtuber* Tiago Queiroz, que se apresenta como pai.

³³<https://estudamelania.blogspot.com.br/2012/08/indicacoes-reais-e-ficticias-de.html>

³⁴Cf. <https://www.youtube.com/channel/UC_nsjAbH0G1hCSDafFxIgVw>

Imagem 14 – Postagem de uma moderadora recomendando o blog “Paizinho vírgula”

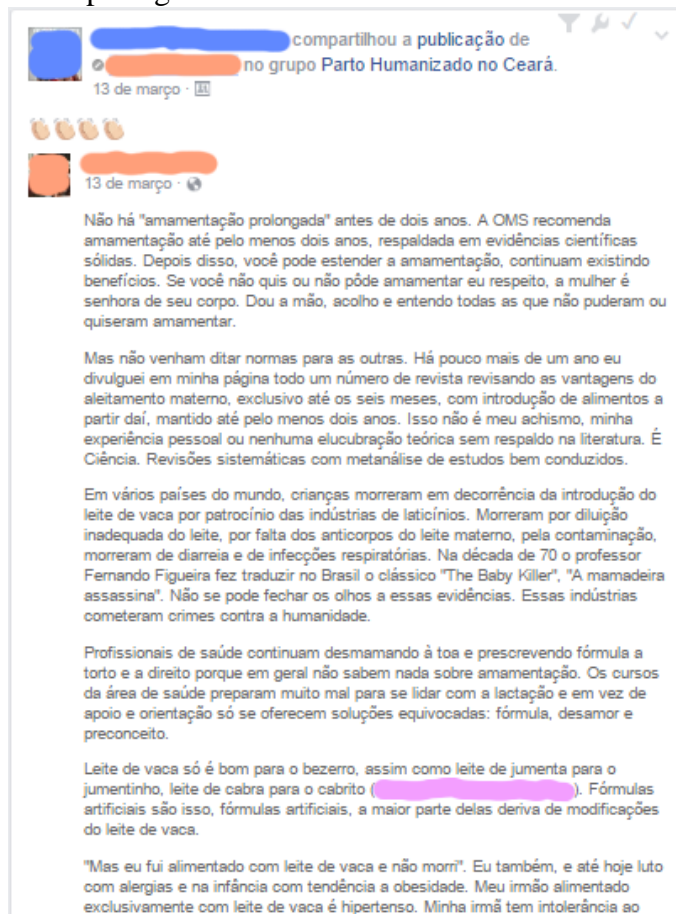


Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 08 set. 2016

Vê-se que o assunto *criação dos filhos* é bem popular dentro do PHC, apesar de ter outros grupos específicos sobre esse tema, nos quais estão também mulheres que migraram do PHC após o nascimento de seus filhos. Outra página bem popular é a da médica Dra. Melênia Amorim, muito conhecida na Humanização e que, entre outros assuntos, faz postagens sobre mitos e informações defasadas a respeito do parto e primeiros cuidados neonatais. Essa médica também tem um blog que sempre é recomendado para leitura quando aparecem dúvidas diversas.

No exemplo abaixo, uma das moderadoras compartilha uma postagem em que a médica critica usar termo *amamentação prolongada* com crianças antes dois anos, já que a recomendação da Organização Mundial da Saúde – OMS é de amamentação exclusiva até seis meses e complementar com alimentação até pelo menos dois anos.

Imagem 15 - Parte de postagem da Dra Melânia Amorim falando sobre amamentação



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 14 dez. 2016

São vários os canais que se comunicam, há muitos outros exemplos, como portais de vídeo e fotografia de parto, reportagens de portais de notícias, pesquisas relacionadas ao assunto do parto ou violência obstétrica, e tudo que puder ser compartilhado e que pareça importante para um dos mais de sete mil membros do PHC.

Navega-se por esses nós, sob a lógica da cibercultura, informando-se sobre diversos assuntos ligados à humanização. Este trabalho identificou que esses vários canais da rede contribuem ativamente para difundir conhecimentos acerca da assistência humanizada ao parto e ao nascimento que foram esquecidos (como no caso dos saberes experienciais) e/ou silenciados (como no caso da medicina baseada em evidências, que nem sempre é considerada pela opinião médica predominante). Disso tratará o ponto que segue.

5.2.3 Aprendizagens ampliadas: A descolonização de saberes sobre o parto no Grupo PHC

Como já discutido, a priori os saberes que se relacionam ao parto, que antes eram familiares, femininos e transmitidos dentro das relações de mães e filhas, passam a ser médico-hospitalar e – no início da história da medicina – primordialmente masculino. Processo que excluiu ou desconsiderou os saberes e as experiências advindas de outras matrizes. Isso se ressalta pela luta e ativismo pela humanização do parto, como explicam as autoras Luz e Gico:

O ativismo pela humanização do parto se contrapõe aos saberes hegemônicos configurados na base da atual organização global da economia capitalista, o neoliberalismo, que, entre outros pontos, se caracteriza pela produção contínua e persistente de uma diferença epistemológica que não reconhece a existência, em pé de igualdade, de outros saberes, e que por isso se constitui, de fato, em hierarquia epistemológica, gerando marginalizações, silenciamentos, exclusões ou liquidações de outros conhecimentos. (LUZ; GICO, 2017, s/p)

A construção da ideia da saúde ocidental fragiliza o protagonismo feminino nessas relações, especialmente entre parturiente e equipes hospitalares, e a reconstrução de saberes femininos em torno dos temas ligados à humanização do parto vão dando visibilidade ao conhecimento que é construído em uma ordem diferente da hegemônica. Importante ressaltar que nessa luta há uma valorização do conhecimento advindo das experiências vivenciadas por cada mulher, associadas à medicina baseada em evidências.

Falar em medicina baseada em evidências pode soar contraditório quando estamos argumentando em favor de construção de saberes para além da colonialidade. No entanto, a medicina obstétrica evoluiu baseada muito mais no controle do corpo feminino e na busca por uma (pseudo) segurança, do que nas pesquisas e evidências de que os procedimentos adotados eram de fato benéficos para o binômio materno-fetal (ODENT, 2003; DINIZ, 2015). Um exemplo é a posição de litotomia ou ginecológica, o *parir deitada*, que é uma posição que favorece o domínio do corpo da mulher por parte do médico – masculino no início da medicina. Nesse caso, o que as pesquisas demonstram é que a melhor posição para o período expulsivo são as posições verticalizadas, como em pé ou de cócoras, por exemplo.

Diante dessa disputa entre os saberes, as redes sociais virtuais funcionam como um filtro e um aglutinador das informações dispersas pelo ciberespaço. Várias são as comunidades no Facebook, blogs ou canais no YouTube que organizam e difundem saberes

acerca da humanização do parto e cuidados com o bebê. Estes são lugares que buscam difundir informações simultaneamente seguras e diferentes daquelas encontradas na maioria dos consultórios médicos.

Desse modo, o PHC se constitui como um espaço informal de trocas de saberes sobre o parto, no qual as mulheres buscam aprender novas condutas e possibilidades diferentes do que diz a voz mais predominante sobre este tema. O entendimento recorrente na cultura brasileira hoje, e ocidental de modo geral, assume, em regra, a cirurgia cesárea como a principal via de nascimento, supondo ainda que ela seja uma opção de baixo risco.

Luz (2014) explicita que a cultura em que vivemos, além de naturalizar a cirurgia cesárea, vê o parto normal sem violência como exótico, primitivo e até selvagem. A autora considera, ainda, que essa visão é alimentada pela divulgação de um discurso médico-hospitalar na grande mídia e que trazer à tona saberes destoantes dessa visão está na base da luta pela humanização:

Ao sustentar um discurso medicalizado, pautado pelo interesse das grandes corporações farmacêuticas e de equipamentos médicos (OLIVEIRA et al., 2009; LUZ, 2006, 2010a), a imprensa massiva contribui para a produção cultural da ignorância sobre o parto como evento fisiológico, não patológico, tornando ausente o direito da mulher de escolher como e onde quer dar à luz, especialmente no que concerne a práticas mais humanas e holísticas. (LUZ, 2014, p. 37)

As narrativas construídas pelos atores nas redes sociais virtuais são vistas como uma resposta ao conteúdo difundido pela mídia de massa. Grupos como o PHC podem contribuir para *mostrar e consolidar* saberes de outras matrizes que foram esquecidos ou discriminados, ajudando, assim, a recuperar o protagonismo da mulher no que diz respeito ao parto e nascimento.

Neste quadro de grande disputa de saberes, como já apontado, a preparação das mulheres para o parto vem se modificando. O acesso a outras matrizes de conhecimento, especialmente por meio da Internet, tem fomentado a luta pela humanização e o protagonismo feminino por meio da difusão de informação de qualidade. A partir disso, os grupos em redes sociais, como o PHC, funcionam como um repositório qualificado de informação, onde as mulheres e também profissionais se agrupam para trocas experienciais, afetivas e científicas.

A preparação da mulher para o parto, por meio de pesquisas, ocorre principalmente em função do momento fisiológico do parto em si, mas abrange também os

cuidados com o bebê e puerpério. Antes mesmo do acontecimento real, existe uma preparação e um acontecimento no mundo das ideias. O plano de parto representa isso. A construção desse plano permite que a mulher olhe para uma série de pontos, como por exemplo, quais as necessidades que ela imagina que terá enquanto está em casa com as primeiras dores, o que ela quer comer e beber na hora do trabalho de parto, quais movimentos gostaria de fazer, se quer ter liberdade de ficar em qualquer posição na hora de parir, além de pautar quais são os primeiros cuidados que ela gostaria que seu bebê recebesse.

Ou seja, essa mulher grávida constrói, a partir de informações – advindas de grupos virtuais, pesquisas científicas discutidas no ciberespaço, consultas no pré-natal, trabalho de doulas, rodas de gestantes, experiências de outras mulheres, etc. – um ideal de parto e nascimento, que, mesmo tendo espaço para o imprevisto, são ainda idealizações.

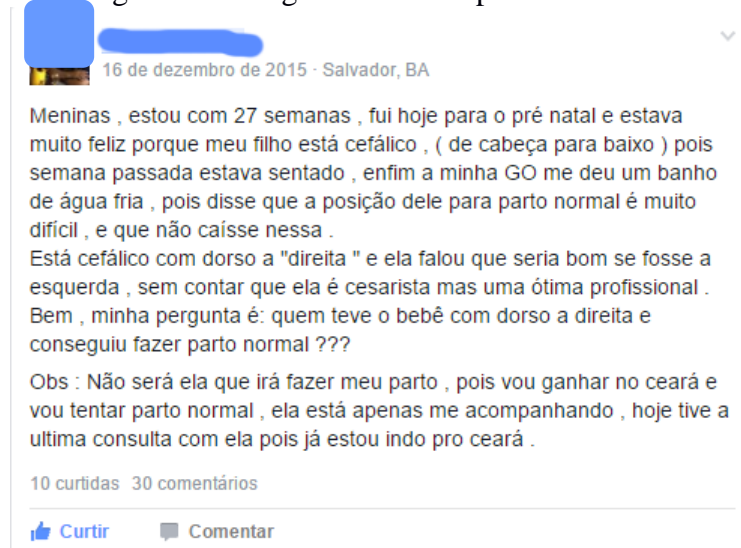
O ato de escrever um plano de parto e refletir detidamente sobre tantos assuntos que giram ao redor do nascimento e dos primeiros cuidados com o recém-nascido é uma novidade. As mulheres estão voltando sua atenção para assuntos que eram deixados inteiramente nas mãos da equipe médica. Hoje, elas se informam sobre os procedimentos técnicos, os seus direitos e todas as suas opções.

Eu sabia desde o começo da possibilidade de ir para uma cesariana, mas eu queria ir para uma cesariana mesmo por um motivo real, necessário. Eu **tanto conversava com a [doula], como eu pesquisava na internet, sobre os motivos da cesárea, pra eu rebater** os motivos que a minha primeira médica tava me dizendo. [Primeiro] era pressão, porque teve um dia que eu cheguei lá muito estressada do trabalho, e a minha pressão deu muito alta. Aí eu ficava monitorando minha pressão três vezes ao dia. Manhã, no almoço e de noite. Mandava via whatsapp para ela ver que foi um episódio x. Depois ela começou a falar do meu peso, sendo que na gravidez eu só engordei o Logan. Eu engordei depois que eu tive ele, mas na gestação eu engordei só o menino. E aí depois foi circular de cordão, e eu dizia que circular de cordão não era motivo, e sempre que ela vinha com alguma coisa, eu jogava no google, mas eu procurava sites que me passassem confiança para poder saber que o que eu estava falando não era nenhuma asneira, porque a gente já viu que até miopia era motivo de cesariana na internet. (Entrevista com Marta – Grifo nosso)

Esta pesquisa identificou que muitas mulheres integrantes do PHC dizem nos seus relatos que se sentem enganadas pelos médicos, que no pré-natal eles não respondem suas dúvidas, não conversam sobre parto normal, não explicam como elas devem agir quando chegar a hora e, quando vai chegando o fim da gestação, querem marcar o dia da cirurgia. Quando questionados, os médicos, muitas vezes, dão explicações que podem não ser verdadeiras indicações para a cesariana, como se vê no trecho da entrevista acima e em outros pontos desse trabalho. Por isso as mulheres vão ao grupo questionando a opinião médica,

pedindo indicação do que podem fazer, e, por vezes, pedem ajuda para consegui mudar de médico no último trimestre.

Imagem 16 – Pergunta sobre a opinião médica



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 15 jul. 2016

Este é um exemplo de como o grupo virtual PHC pode filtrar e aglutinar saberes que são de uma ordem diferente da mais difundida. Elas se posicionam de uma maneira diferente diante dos saberes médicos, as gestantes não tomam a opinião profissional como a verdade absoluta que não possa ser questionada, mas buscam, em outros meios, novas informações que respaldem as indicações que recebem.

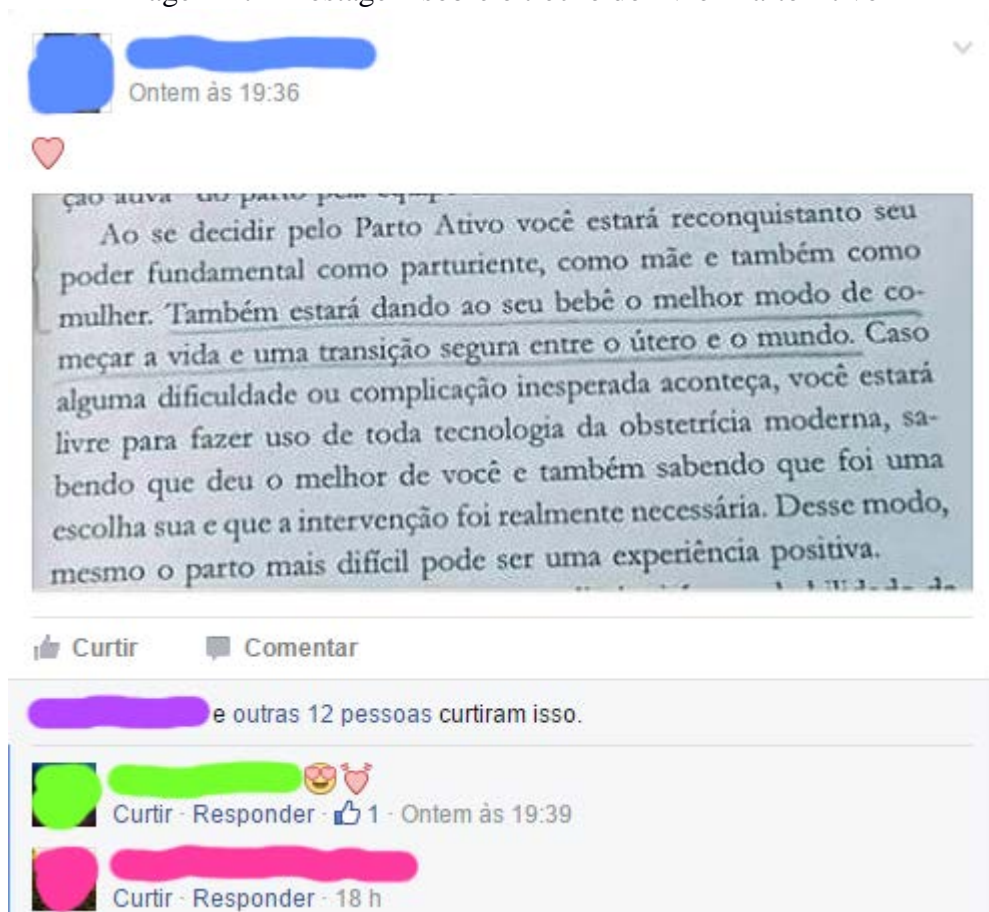
Recuperar o protagonismo da mulher no nascimento é um dos principais objetivos de um movimento feminino que cresce a cada dia no Brasil pelas teias das redes sociais. São mulheres que se articulam, movidas por uma grande contrariedade e insatisfação com relação à institucionalização do corpo feminino e à violência obstétrica, com o objetivo de mostrar e consolidar novas alternativas de assistência obstétrica, transformando ausências em presenças, invisibilidades em visibilidades. (LUZ, 2014, p. 37)

As redes sociais virtuais contribuem imensamente neste processo quando articulam mulheres que se informam e têm experiências mais empoderadas. Deixando claro, que para o movimento de humanização, empoderar-se também pode ser visto como tomar decisões informadas sobre as suas verdadeiras opções. Isso significa que não são empoderadas apenas as mulheres que tem parto por via vaginal, na banheira, em casa, e cujos filhos mamam até quatro anos de idade. O que se observa nas postagens e no diálogo no PHC é um

movimento de não se prender somente aos saberes da medicina obstétrica. Ao contrário, essas mulheres, quando recebem uma indicação da qual desconfiam, questionam-na com base em outras matrizes de saber.

Nesse processo de construção e valorização de novas matrizes, algumas afirmações sobre o corpo e os saberes femininos foram se transformando em “grito de guerra” e se espalhando entre as gestantes. *Toda mulher sabe parir, todo bebê sabe nascer!* É uma dessas frases que se convertem em ensinamentos e vão se repetindo nos grupos de parto humanizado. Assim, esta pesquisa pode afirmar que o grupo PHC, de modo geral, foca em *devolver* à mulher o protagonismo do seu parto e as possibilidades de escolhas de acordo com cada história particular, evitando que os procedimentos hospitalares desnecessários de rotina sejam aplicados, se distinção, a todas as parturientes.

Imagem 17 – Postagem sobre o trecho do livro “Parto Ativo”



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 20 fev. 2017

A postagem acima, trecho do livro “Parto Ativo”, frisa justamente a ideia de reconquistar o poder fundamental de parturiente, mãe e mulher. E para isso, essas mulheres

contam umas com as outras, especialmente com as experiências umas das outras. Esses saberes e conhecimentos que se adquirem a partir da experiência vivencial são muito valorizados pelas integrantes do PHC, As histórias particulares de cada uma constroem, juntas, um banco de dados sobre quase todos os assuntos ligados à humanização. O que se vê é que, pela descrição feita no grupo, a falta de informação leva à falta de autonomia da mulher nas escolhas sobre o seu parto. Muitos relatos de violência obstétrica, que são feitos no PHC, estão diretamente relacionados a essa falta de autonomia.

Quando foi mais para a metade [da gestação], eu fui perguntando se [a ginecologista] fazia parto normal. E ela respondia: “faço, faço”. Mas desconversando.

Quando foi chegando mais para o final ela dizia que quem decidia não era eu nem era ela, mas a condição da gravidez que ia decidir. [...] Aí foi se prolongando. Quando foi no final da gestação eu sentia muita dor no quadril, então era uma coisa que toda consulta eu estava falando. Quando foi, mais ou menos, na 37ª semana, eu acho, ela já falou que a gente já ia pensar em marcar. Aí quando foi para a consulta [...] ela já disse. Aí foi a forma que ela foi lidar com a situação. Ela disse que eu estava morrendo de dor. Se eu ia querer ficar sentindo dor. Se eu ia querer passar mais um final de semana grávida. Ela propôs, 24/09/2012, mas eu queria uma semana depois, dia primeiro de outubro. “Mas você vai passar mais um final de semana sentindo dor? E se você tiver alguma coisa no final de semana? E se eu não encontrar anestesista? Não é fácil encontrar anestesista. Aí vai que você vai para o hospital e não tem um anestesista para lhe dar anestesia”. Então foi a primeira coisa que tive medo. Meu Deus, realmente, no final de semana. “Eu garanto minha equipe no dia tal, mas se eu for marcar...” Foi uma coisa, que na hora me deixou com medo. Aí falou também da questão da dor. Parece também que ela ia viajar lá para o dia 05, ou seja, outubro. Acho que ela não queria esperar tanto. Aí pronto, eu deitei na maca, ela foi me examinar. Aí disse: “olha, está vendo, ele está muito encaixado”, que seria ótimo, né? “Ele tá muito encaixado”. Aí chamou meu marido, “venha cá! Pegue aqui, você tá sentindo a cabeça? Isso aqui é a cabeça do bebê, ele tá muito encaixado! Se esse cordão for pequeno, como é, quando eu for puxar e o cordão for pequeno? A gente tem que marcar esse parto logo! Vamo marcar para segunda-feira”. Aí eu falei: “Segunda-feira eu não quero, não quero”. Aí ela: “Por que você não quer segunda-feira?”. Disse que não queria dia 24, não gosto dessa data e não quero. Ela disse logo que não era motivo, que a data é linda, vamos marcar dia 24, não sei o quê. As pessoas que nascem no dia 24 são ótimas. “Vai ser no dia 24!”. Aí eu já estava chorando muito, aquele desespero. Aí foi quando ela disse: “Fique à vontade, se você quiser procurar outro médico, você procura.” Aí eu com 38 semanas, numa quinta-feira, a mulher querendo marcar para segunda. Como é que eu ia atrás de outro médico? Com todas essas questões de nascer. Aí me deu muito medo, né? (Entrevista com integrante do PHC)

O dia 24 de setembro é um dia depois do aniversário dessa mulher, ela não queria que a cirurgia fosse nessa data por motivos subjetivos. Importante dizer que mudar a data nesse caso não traria prejuízo nenhum à saúde de mãe ou de filho. A médica não respeitou o seu desejo, esse fato que pode parecer simples, desencadeou uma vivência muito difícil no seu puerpério. Essa mulher ainda relaciona esse episódio ao desafio que é comemorar o aniversário do filho até hoje.

Com a valorização de outros conhecimentos acerca do parto, ele deixa de ser visto somente como um evento biológico e fisiológico, mas passa a se considerar também seus aspectos cultural e social. São todos esses vieses que precisam ser considerados na hora de tomar decisões. Existem questões subjetivas que podem levar uma mulher a desejar ter uma cesariana, por exemplo, e nem por isso ela estará deixando de ter um parto humanizado, aliás, ela estará exercendo o seu protagonismo e, quando bem informada, pode escolher o que lhe fará maior bem.

Neste trabalho não se afirma que todas as mulheres do grupo passam por um processo de empoderamento ao serem influenciadas pelas informações que ali circulam. No entanto, nota-se que a dinâmica de trocas, seja apoio ou informação, dentro do PHC se voltam cada vez mais em direção a essas ideias de agência da mulher baseada em evidências científicas e considerando todos os aspectos do evento parto. Pode-se afirmar que as resignificações do parto são experiências pessoais e coletivas, na medida em que novos discursos se constroem, com base nas informações adquiridas, nos diálogos travados dentro do grupo.

5.2.4 Diálogos no grupo virtual – a construção de novos saberes

Como vimos, ao longo dessa dissertação, são diversos os temas que passam por esses diálogos construídos no PHC. Um exemplo de como essas construções coletivas ajudam as mulheres a ressignificar as ideias mais comuns sobre parto é sua relação com a dor. A dor foi muitas vezes discutida pela medicina que, em determinado momento histórico, viu-se com o dever salvífico de livrar a mulher de uma das consequências do pecado original (DINIZ, 2005) e é um dos motivos, recorrentemente, apresentados para a escolha do tipo do parto. Escolher o parto normal, muitas vezes foi apresentado às mulheres como uma escolha pela dor, cheia de sofrimento.

Um fator muito comum na escolha do tipo de parto seria a dor da expulsão da criança durante o parto normal (TEDESCO et al., 2004). Lopes et al. (2005) afirmam que o medo de escolher o parto normal não se prende somente ao medo de dor, mas também com fantasias da morte. A dor está ligada com a ansiedade e a ansiedade incrementa a dor. **Entretanto, a dor do parto tem uma finalidade, pois o bebê aparece para justificá-la, recompensando a mãe pelo esforço.**

Para Faúndes e Cecatti (1991), deve-se deixar claro que uma cesárea não significa a ausência de dor e que o parto vaginal pode ocorrer com pouca ou nenhuma dor. Lopes et al. (2005) afirmam que muitas gestantes acabam tomando o parto como um momento negativo, um motivo disso é a preocupação com a dor, principalmente com a dor do momento de expulsão. O parto com dor seria considerado uma má

experiência, já que as crenças populares relatam que o que é bom não inclui dor. (SALVANI, 2010 – grifo nosso)

Quando o movimento pelo Parto Humanizado começou a ganhar força e atingir as mulheres, a questão da dor entrou em pauta e ganhou novo significado. A observação dos diálogos travados no PHC demonstra que as mulheres estão em busca de uma reconciliação com a dor. Afinal, como ressaltado acima, *a dor do parto tem uma finalidade, pois o bebê aparece para justificá-la, recompensando a mãe pelo esforço*. O discurso, que antes sugeria a cirurgia cesárea para fugir da dor, vai se modificando. Verifica-se um grande número de postagens sobre esse tema, com frases ou imagens que remetem a essa discussão. Por exemplo, tem-se a figura que segue, postada no dia 25 de janeiro de 2015, que diz: “Chuva, apesar de tudo, é só chuva, não é dor, também, tempo ruim. Só é dor. A menos que você resista, porque então ela se torna uma tormenta – The I Ching”.

Imagem 18 – Mensagem sobre a dor

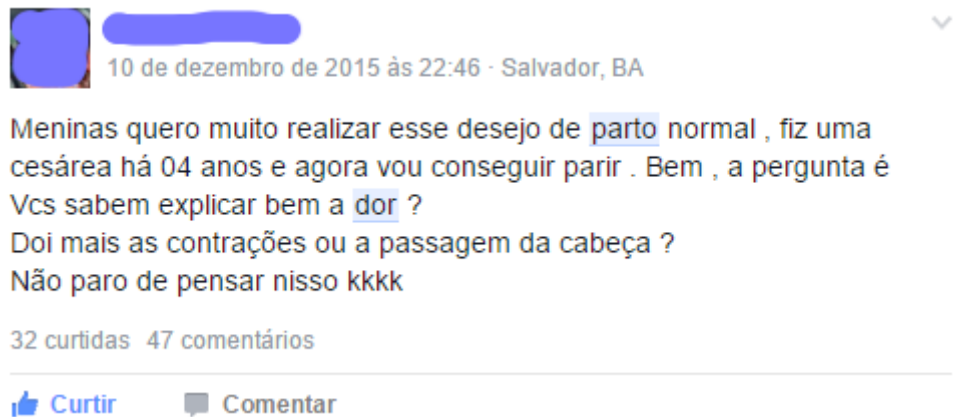


Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 25 jan. 2015

Essa frase é um convite ao enfrentamento da dor, e que combate a ideia da cirurgia cesárea como alternativa ao parto normal dolorido. O sentido da dor, que traz um filho como recompensa, vem sendo estimulado com frases como: “cada dor significa que estou mais próxima do meu filho”, “a dor é inevitável, o sofrimento é opcional”, “a dor serve para orientar a mulher na hora do parto”, “a dor é amor”.

Na imagem número 19 se vê a pergunta direta de uma grávida sobre a dor do parto normal. A mulher que inicia o diálogo no *post*, já tinha passado por uma cirurgia cesariana, desejava um parto normal, e quer entender como é a dor do parto, na perspectiva das outras mulheres do grupo.

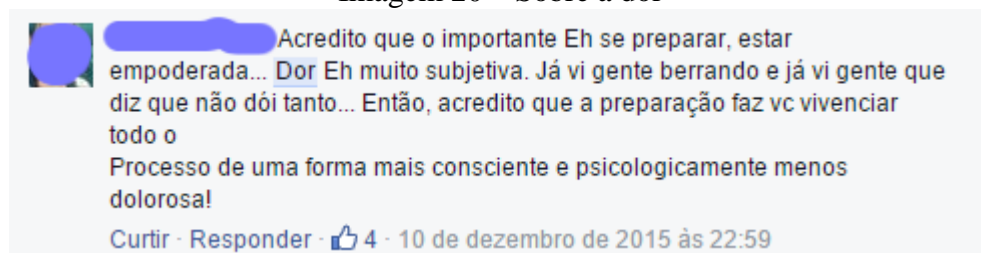
Imagem 19 – Sobre o desejo de um parto normal após cesárea



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 15 dez. 2015

Ela pergunta se as outras mulheres sabem “explicar bem a dor”, e afirma que “não para de pensar sobre isso”. A partir da pergunta direta se inicia um diálogo que, em partes, parece uma negociação entre entendimentos diferentes e, às vezes, uma disputa entre as defensoras do parto normal e as defensoras da cirurgia cesárea. Entre as diferentes respostas, alguns comentários tratam desse tema com cuidado, para não afugentar a grávida do parto normal, por medo da dor, como se vê abaixo na imagem 20.

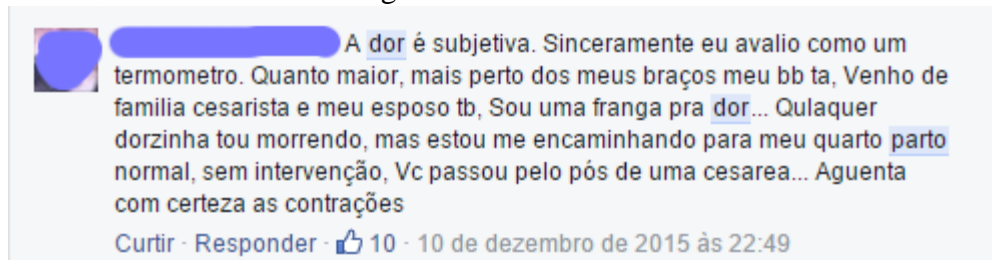
Imagem 20 – Sobre a dor



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 15 dez. 2015

Empoderar-se, para essas mulheres, é argumento fundamental, a dor é vista como particular e fruto também de experiências emocionais e a preparação para este momento esperado, entre contrações e expulsivo, é mais do que física. Algumas falam sobre como a dor da cirurgia cesárea é muito pior, o que reflete uma reclamação constante entre as mulheres, de que a ideia da cirurgia sem dor é falsa, porque a dor que você não sente durante o trabalho de parto, sente pior na recuperação.

Imagem 21 – Sobre a dor 2



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 15 dez. 2015

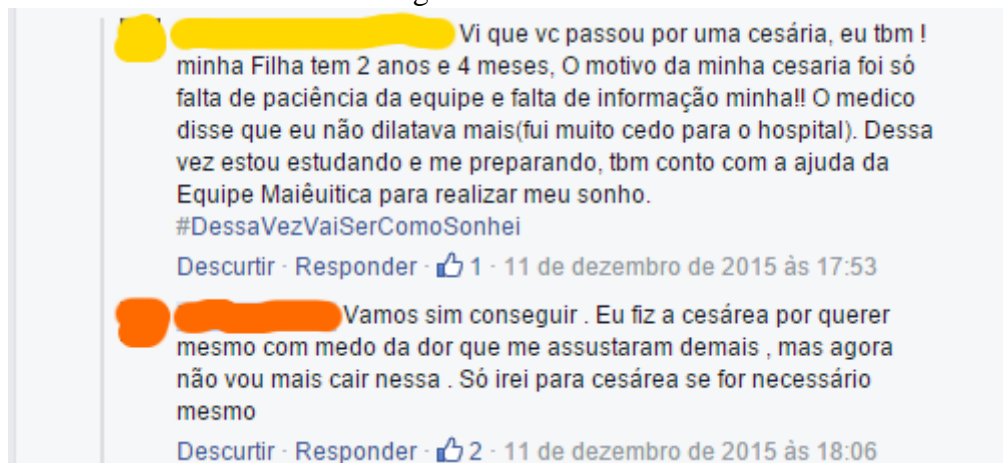
Aqui nesse caso, na imagem 21, o que foi argumentado em favor da escolha pelo parto normal, parece ter um efeito contrário, porque outras mulheres, que já passaram pela cirurgia cesárea, inclusive aquela que fez pergunta original, respondem que não sentiram dor alguma. O que inicia um debate mais acalorado. Uma delas complementa perguntando a quantidade de remédios usadas para mascarar as dores do pós-parto cirúrgico:

Quantos remédios vc tomou no pós da cesárea? Eu não tomei nenhum e passei os piores 15 dias de minha vida, uma dor sem tamanho.

Em abril tive minha segunda filha, parto natural e zero dor no pós parto. O momento em que mais senti dor, durante o tp, foi na fase de transição. Sentia claramente a bacia se abrir e só massagem na região resolvia. O expulsivo doeu, mas não como na fase de transição. Depois que nasceu, a dor acabou.

Depois os comentários voltam a ser mais amistosos, e passam a ser menos uma disputa sobre a escolha mais dolorosa e sim partilhas e trocas de experiências pessoais, como visto na imagem 24. Em resposta a um comentário de uma grávida que também tem uma cesárea anterior, a primeira mulher que fez o *post* admite que teve medo da dor na primeira gestação e por isso fez a cirurgia cesariana.

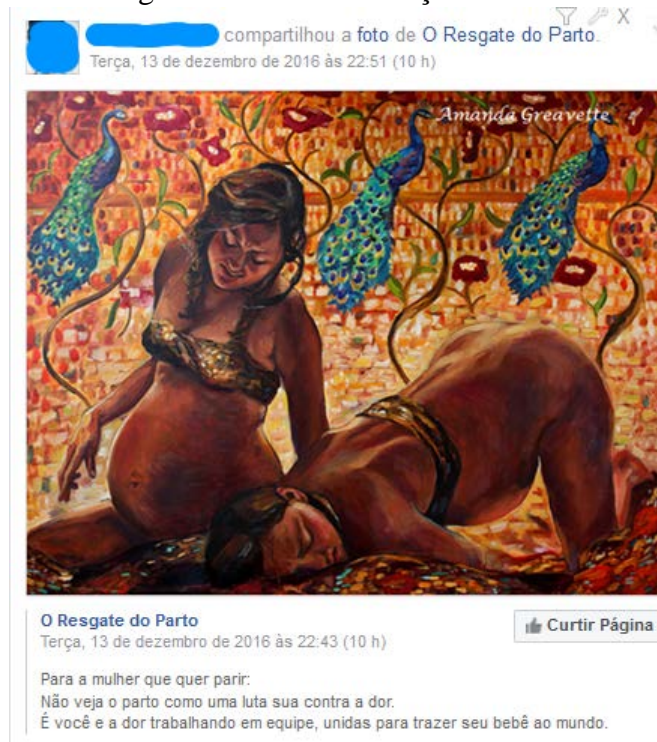
Imagem 22 – Cesáreas



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 15 dez. 2015

Na imagem 22, uma delas diz que teve pouca paciência da equipe e falta de informação na primeira gestação, a outra que foi assustada, justamente pelo argumento da dor, mas agora fará diferente. Na repostagem abaixo, da página *O Resgate do Parto*, há também uma menção ao enfrentamento da dor. A ideia de que as contrações dolorosas não precisam ser encaradas como momentos contra os quais se deve lutar, mas que elas podem ser vistas como parceiras, já que são sinais de que o corpo está trabalhando para o nascimento.

Imagem 23 – Sobre a relação com a dor



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 14 dez. 2016

Esse pensamento da luta contra a dor foi muito difundido por uma assistência médica que queria resguardar o corpo da mulher do sofrimento do parto (DINIZ, 2005; ODENT, 2013). E, em meio a essas transformações, a via de nascimento sempre aparece como o principal ponto de discussão. A dor é forte argumento na hora de fazer a escolha pela via de parto. Para evitá-la muitas mulheres ainda optam pela cirurgia.

Contudo, posto que o PHC se posiciona de forma contrária a uma cultura excessivamente cesarista, mulheres que fizeram a opção pela cirurgia podem sentir-se envergonhadas e com medo de sofrer represálias. Segundo algumas participantes do PHC, as mulheres só voltavam ao grupo para fazer seus *relatos de parto* quando tinham seus bebês de

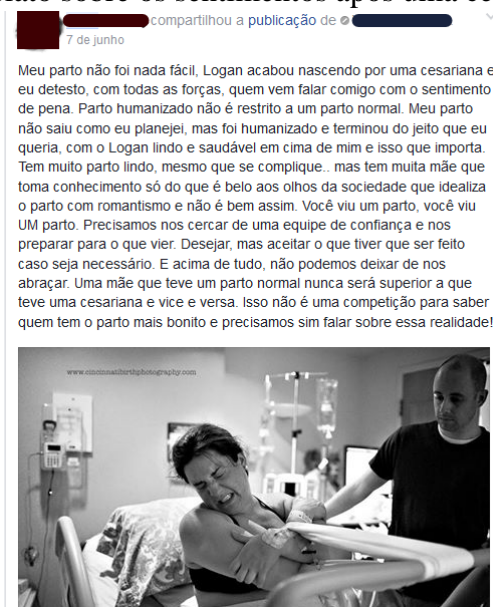
parto normal. Assim, se o desfecho da sua história fosse uma cirurgia cesárea, mesmo que necessária, e não eletiva, era raro que essa mulher permanecesse ativa no grupo.

Hoje isso tem se transformado pelas práticas de trocas das integrantes do PHC. Marta, por exemplo, sente-se um pouco responsável por essa mudança no grupo, quando expõe que seu parto foi planejado para ser normal, mas, por motivos reais, acabou sendo uma cesárea intraparto.

Porque até então no grupo do parto humanizado, eu posso até tá errada porque pode ter havido um relato e eu não ter olhado, mas eu nunca tinha visto um relato de uma cesárea humanizada na qual a mulher se sentisse bem depois de tipo: “porra, eu lutei com todas as forças, se eu não fosse pra cesárea...”. Eu nunca tinha visto uma publicação de que uma mulher terminasse bem depois de ter ido pra uma cesariana, sabe. Eu disse: “não, eu vou mudar isso”. Eu quero mudar isso não só por mim porque eu to muito bem resolvida podia me fechar no meu casulo, etc, mas eu sempre tive vontade de fazer [...] E aí quando eu vi esse extremismo de uma coisa que não era pra ter extremos, né? Eu disse: “cara, eu vou tentar de alguma maneira ajudar”. E aí foi quando eu comecei a expor a minha história, pra poder a ajudar mulheres que eu sei que estavam na mesma situação que eu e não aceitava muito bem isso. (Entrevista com Marta)

Expondo sua história e postando denúncias de discriminação com a cirurgia cesárea necessária por parte de mulheres, Marta abre espaço para um diálogo de crescimento sobre os entendimentos e respeito às escolhas das mulheres. Nesse sentido, pode-se ver na imagem 24 uma postagem feita por Marta, poucos dias depois do parto, que demonstra exatamente como ela dialoga a respeito das várias reações das pessoas sobre sua cirurgia cesárea.

Imagem 24 – Relato sobre os sentimentos após uma cesariana intraparto



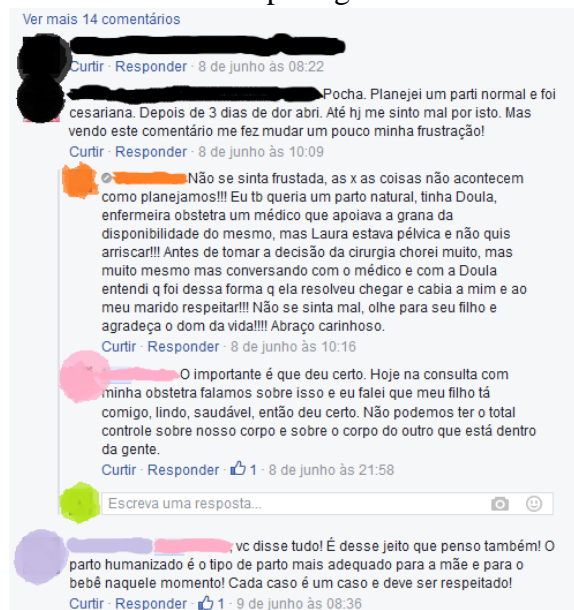
Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 20 jun. 2016

Ao contrário do que era o mais comum no PHC, a experiência pessoal de Marta resultar em uma cesárea intraparto, foi justamente o que fez com que ela ficasse muito mais ativa no grupo. Observou-se que ela fez poucas intervenções no grupo enquanto grávida. Isso mudou quando, no puerpério, Marta leu uma postagem que afirmava que aquelas que fizeram a cirurgia cesárea *não pariram*. A partir desse gatilho, Marta vivencia um período bem ativo no grupo, no qual tenta ajudar outras mulheres que talvez não se sentissem bem com comentários negativos sobre a cesariana. Como se vê abaixo:

[E uma postagem] que a menina apagou, (ou foi a moderadora que apagou ou foi a menina que apagou), mas a menina tinha deixado bem claro que **mulheres que tinham tido cesariana não era pari**. E aí você pega isso para uma pessoa que tá bem resolvida e ok... eu olhei aquilo e pensei: “doida!”, mas você pega uma mulher que está recém parida, que tentou um parto normal, foi para uma cesariana, que não está legal, ou que tá com dpp [depressão pós parto], e ela lê aquilo, aquilo faz mal para ela. (Entrevista com Marta – grifo isso)

Em um dos comentários na postagem do relato de parto de Marta, outra mulher diz: “Planejei um parto normal e foi cesariana. Depois de 3 dias de dor abri. Até hoje me sinto mal por isto. **Mas vendo este comentário me fez mudar um pouco minha frustração!**”. Dizer que “abriu” é uma forma pejorativa usada para falar das mulheres que pedem por cesariana durante o trabalho de parto, nesse caso a própria mulher fala de si usando esse termo. Esse episódio é mais um que exemplifica como o diálogo no grupo influencia os entendimentos e o respeito às escolhas das mulheres. E elas continuam:

Imagem 25 – Comentários na postagem destacada na imagem 06



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 20 jun. 2016

Outra resposta ressalta que para a humanização do parto, é importante respeitar o mais adequado para mãe e bebê naquele momento e, por isso, cada parto deve ser encarado como único. “Vc disse tudo! É desse jeito que penso também! O parto humanizado é o tipo de parto mais adequado para a mãe e para o bebê naquele momento! Cada caso é um caso e deve ser respeitado!”.

Essas construções que as mulheres fazem juntas geram aprendizado e dão suporte às suas decisões para o parto e pós-parto. Citando Dotta e Giordan, os autores, apoiados em estudos clássicos como os de Vygotsky, afirmam que o aprendizado acontece nesse diálogo, mediado pelos signos e permeado por uma luta de poder, mesmo no ambiente virtual com suas especificidades:

Quando falamos, necessariamente nos apropriamos das palavras de outrem para fazê-las nossas. Esse processo não ocorre, todavia, de maneira insensata ou leviana, há, sim, uma disputa pelos significados. Bakhtin [1981] afirma que o falante povoa as palavras dos outros com sua própria intenção, isto é, submete-as às suas intenções [BAKHTIN, 1981, p. 294]. [...] Aceitar, recusar e negociar o sentido das palavras leva à compreensão e à construção de significados, isto é a interação verbal. No diálogo virtual, os agentes da comunicação precisam apropriar-se da linguagem utilizada para essa comunicação. Isso significa que esse tipo de diálogo ganha características diferentes de outros tipos devido ao contexto em que ocorre. (DOTTA e GIORDAN, 2007, s/p)

No caso dos estudos de Dotta e Giordan, eles consideram o ambiente virtual de aprendizagem planejado para a Educação a Distância, o que não nos impede de reconhecer o diálogo que acontece dentro de grupos virtuais como o PHC e como esse mesmo diálogo é ponto central nas conexões que geram reflexões acerca do parto. Como discutido no capítulo teórico, Kaufman (2012), considera as redes sociais em geral, e não só as com fim específico para a aprendizagem, como potencializadoras e facilitadoras do acesso à informação difusa pelo ciberespaço. Nesta pesquisa se reconhece esse movimento próprio do diálogo, “aceitar, recusar e negociar”, entre os participantes do PHC. Tal movimento, como se viu nos exemplos acima, gera falas completamente novas, entendimentos novos, ou mesmo recusas em mudar de posicionamento.

Nesse movimento próprio do diálogo pode-se firmar que há aprendizado. Pode-se ainda, relacioná-lo com a autoria interativa dialógica, como observa Martins (2014). As formas de autoria são transformadas pelas características e possibilidades de interatividade da rede. Portanto, a autoria dialógica se dá no exercício e construção dos diálogos, próprios da

interação diante de um texto principal (como o já citado relato de parto de uma cirurgia cesárea necessária). As respostas, opiniões, repostagens, testemunho de experiência própria, e muito mais que pode ser compartilhado naquele *post*, são as reconstruções dialógicas e autorais que junto com o texto original constroem um novo texto mais complexo e diferente.

Essas construções textuais chegam a gerar um entendimento totalmente novo que é ressignificado para muitas mulheres que vão participar daquele diálogo ou que só vão lê-lo. Para Dotta e Giordan, “a apropriação do discurso do outro se dá na medida em que o sujeito recria, reinterpreta, reconstrói a idéia alheia, para torná-la própria e significativa” (DOTTA e GIORDAN, 2007, s/p).

Como mais um exemplo desse movimento do diálogo dentro do grupo PHC, pode-se observar a repostagem de uma reportagem do blog *Vila Mamífera*³⁵ intitulada: “Precisamos falar sobre cocô no parto”. O *post* é do dia 01 de setembro de 2016 e até o dia 11 de setembro de 2016 recebeu 75 “curtidas”, 8 “haha” e 3 “amei”, além de muitos comentários.

Imagem 26 – Postagem dia 01/09/16 sobre o tema polêmico *fazer cocô na hora do parto*

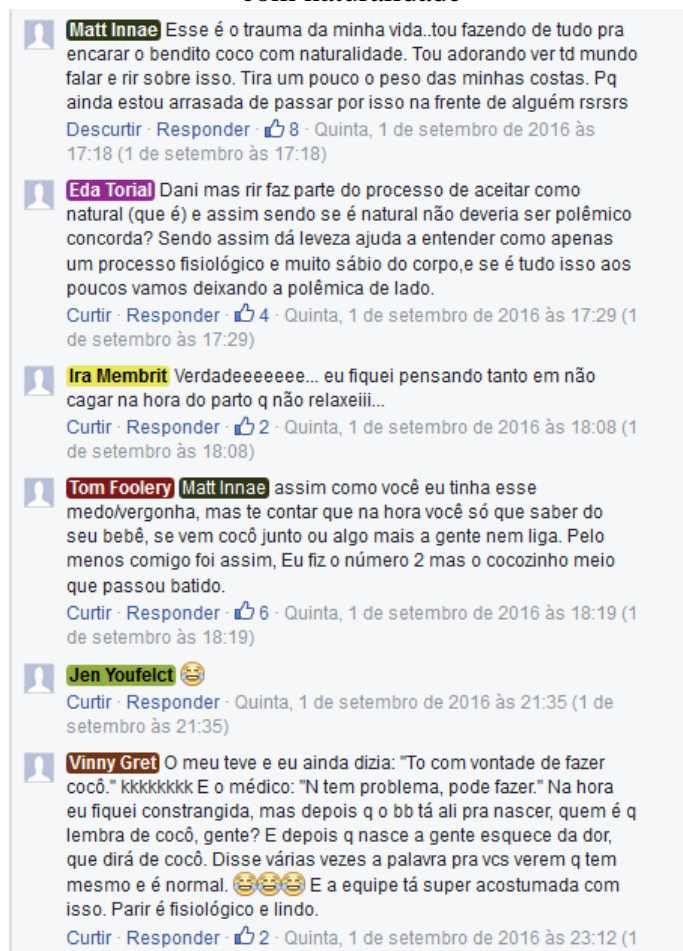


Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 11 set. 2016

³⁵Cf. em <<http://vilamamifera.com/olharmamifero/precisamos-falar-sobre-coco-no-parto/>>

No começo dos comentários da imagem 27 as mulheres responderam rindo (“kkkk”) e se descrevendo como “cocô free”, expressão usada para dizer que expeliram fezes durante o trabalho de parto, mas não na fase expulsiva, ou seja, enquanto o bebê está passando pela vagina. Esse tema é descrito como difícil e tabu por alguns comentários, outros elogiaram o ato de compartilhá-lo, justamente, para que se quebre o tabu, como se vê na imagem seguinte.

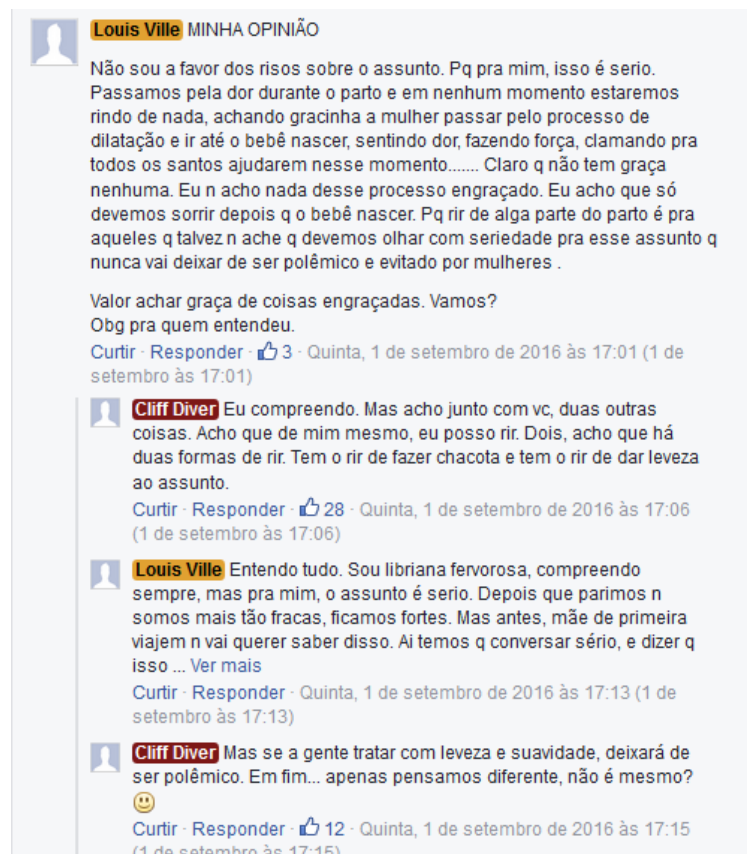
Imagem 27 – Mulher comentando sobre a importância de encarar as fezes no trabalho de parto com naturalidade



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 11 set. 2016

Há também quem critique o tom do diálogo, que se segue com a maioria dos comentários tendendo a risos e exposição de si e suas experiências com as fezes durante o parto. Uma das mulheres faz um comentário sobre as risadas quando tratando desse assunto. No início do seu comentário ela escreve, na imagem 28, em letras maiúsculas: “MINHA OPINIÃO”.

Imagem 28 - mulher comentando que não gosta da postura de estarem rindo de um assunto sério



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 11 set. 2016

Outra responde que se pode rir de si mesma e tratar o assunto com leveza para que ele deixe de ser tabu. Em certo momento das trocas que vão se travando ao redor do tema, uma terceira usa a palavra “nojo” em seu comentário e pergunta pela lavagem intestinal que se pode fazer nos hospitais: “Mas gente, não fazem mais a famosa lavagem intestinal? Que nojo!”, a esse comentário específico segue-se 27 respostas, vistos nas imagens abaixo.



Imagem 29 – diálogo entre mulheres que respondem à pergunta sobre a lavagem intestinal
 Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 11 set. 2016

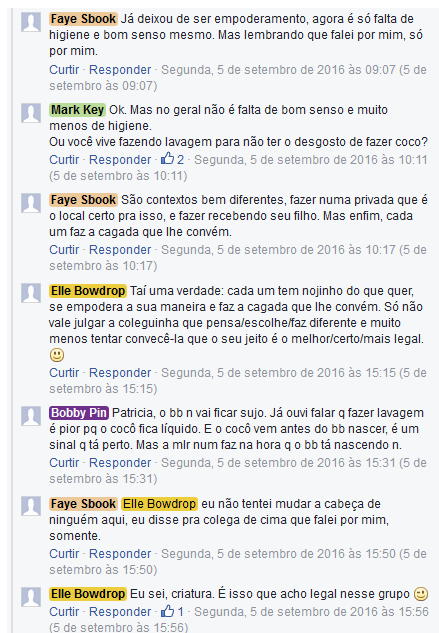


Imagem 30 – continuação do diálogo entre mulheres que respondem à pergunta sobre a lavagem intestinal.

Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 11 set. 2016

Uma das 27 respostas à pergunta sobre lavagem intestinal concorda e escreve: “nojoooooooooooo mto nojo kkkk”. Depois se segue um diálogo entre duas interlocutoras, a que fez o primeiro comentário e outra que a responde dizendo que a equipe médica e de assistência ao parto devem estar preparadas para as possíveis fezes da parturiente. Ressalta,

ainda, que a lavagem só pode ser feita com a autorização da mãe e não se deveria fazer isso por conveniência do médico.

Na sequência, a primeira mulher diz que não seria por conveniência do médico, mas sua mesma e, ainda, “não ia querer receber meu filho, literalmente na merda. Estão passando de todo limite do empoderamento, hein...”. Em resposta, a segunda mulher termina sua fala perguntando: “Mas o que te leva a estar nesse grupo de Parto humanizado?” e “Não estou sendo grossa nem irônica, de verdade queria mesmo só entender?”. A primeira mulher, que fez o comentário sobre a lavagem intestinal, pergunta se precisa concordar com tudo o que as outras dizem para estar no grupo PHC e afirma que isso “não é empoderamento, mas falta de higiene e bom senso mesmo”.

Esse exemplo é interessante, entre outros motivos, porque em um dos comentários uma mulher diz que vê que o grupo tem “o intuito de humanizar o parto e desmistificar algumas coisas como ser nojento cagar ao parir”. São embates diferentes que aparecem em vários diálogos. Até as palavras chulas que são usadas, podem ter um significado que corrobora com a ideia de desmistificar, quebrar tabu, “falar sobre o que não se fala”.

Outra também comenta sobre a conveniência médica. Esse assunto sempre aparece nas postagens dos mais diversos temas, já que violências obstétricas e procedimentos que são rotineiros nos partos foram pensados para a conveniência da equipe de atendimento (DINIZ 2005), como a própria cirurgia cesárea eletiva, que organiza a agenda médica e não deixa a equipe à mercê da espera fisiológica. Quanto ao caso das fezes em si, a própria reportagem trazida no *post* esclarece:

As pesquisas disponíveis apontam que a lavagem intestinal (enema) não diminuem de fato as chances de eliminação durante o nascimento, nem a incidência de contaminação fecal durante o parto, enquanto que muitas vezes causa dor e angústia considerável para a mãe em trabalho de parto (Romney e Gordon 1981; Whitley e Mack 1980).

Além disso, a expulsão de fezes durante o trabalho de parto/parto parece não aumentar as taxas de infecção: em um estudo de 274 mulheres aleatoriamente escolhidas (com enema e sem enema), nenhuma diferença nas taxas de infecção foi encontrada (Romney 1981). (Kalu Brun, 19 jan 2016 – Blog Olhar Mamífero)

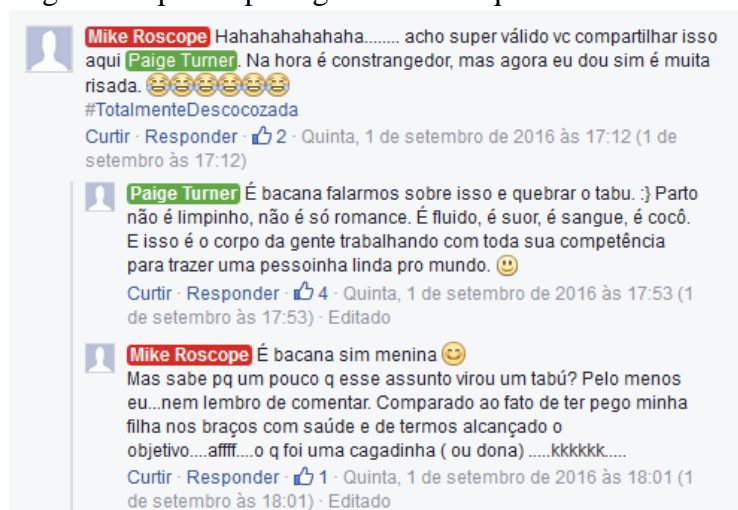
Mesmo um assunto que pode parecer de pouca importância diante do nascimento de uma vida, como o cocô, é na verdade um símbolo do tamanho da violência contra a autonomia. O corpo feminino é subjugado a tal ponto, que essa mulher, que não está incapaz durante o ato de parir, é tão silenciada que não pode opinar sobre as necessidades fisiológicas

do seu corpo, em nenhuma medida. Desse modo, Luz destaca sobre as políticas corriqueiras de internação:

Por meio do cerimonial de internação, que inclui separação da família, remoção de roupas e de objetos pessoais e ritual de limpeza com enema [lavagem intestinal] e jejum, a mulher foi simbolicamente despida também de sua individualidade, autonomia e sexualidade. O parto deixou de ser privado, íntimo e feminino, e passou a ser vivido de maneira pública, com a presença e interferência de outros atores sociais. (LUZ, 2014, p.78)

Essas rotinas de internação são questionáveis e consideradas, em grande medida, parte do pacote de violência obstétrica. Quando esses temas são discutidos por mulheres, com certa intimidade, afinal estão em um grupo que é majoritariamente feminino, os muitos saberes circulam, entram em conflito e podem resultar em outra postura ou conhecimento. E as respostas, em diálogo, vão de achar o cocô nojento, a risadas descontraídas, como se vê nos comentários abaixo:

Imagem 31 – Mensagem de apoio à postagem inicial e que resume a maioria dos comentários



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 11 set. 2016

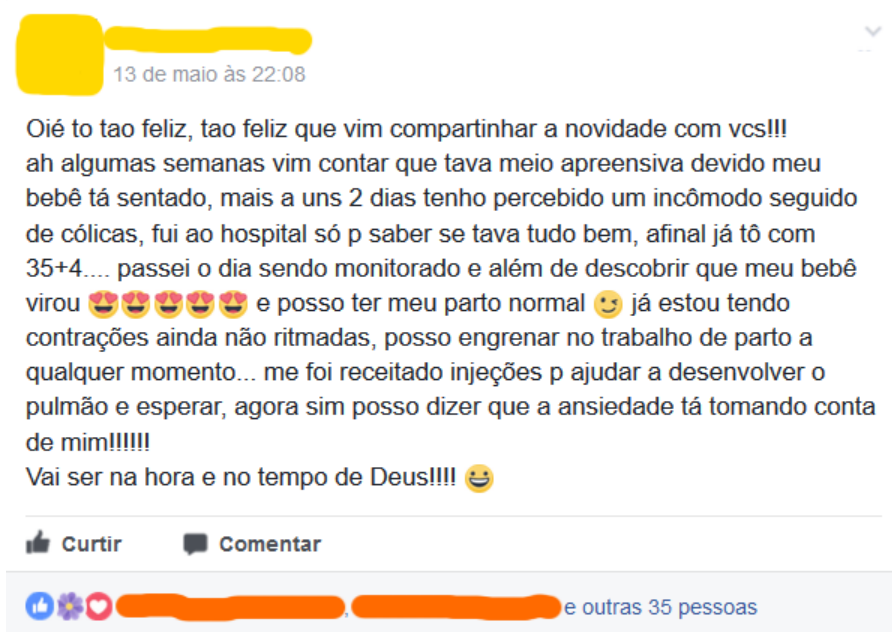
Tabu se refere à proibição de um ato qualquer. Ora, como se pode proibir um corpo de expelir fluídos durante um parto? *Parto não é limpinho, não é romance. É fluido, é suor, é sangue, é cocô. E isso é o corpo da gente, trabalhando com toda sua competência para trazer uma pessoinha ao mundo.*

5.2.5 Afetividade nos processos de aprendizagem para o parto humanizado

Observando essas trocas de conhecimentos encontrados no PHC e dispersos na rede, pela ótica da aprendizagem, percebe-se que, além do conteúdo em si, há uma troca que é da ordem da afetividade. A afetividade é muitas vezes desconsiderada pelo pensamento racional ocidental cartesiano. Assim, a racionalidade médico-hospitalar, geralmente, não se atenta aos sentimentos da parturiente e não os consideram importantes para o processo de nascimento.

Vê-se no grupo trocas das partilhas de histórias pessoais, sejam de angústias vividas em seus momentos presentes, sejam de alegrias ou de lembranças retomadas, que ajudam a construir novos discursos ou demonstram empatia com as histórias descritas. Na postagem abaixo uma mulher vem ao grupo para compartilhar uma alegria.

Imagem 32 – Sobre as alegrias que se vivem fora da rede



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 13 mai. 2017

Quando uma mulher vem ao grupo para contar o que pra ela é uma conquista, uma alegria, uma tristeza, uma angústia, isso representa uma troca afetiva. Aquela mulher se sente acolhida e segura com esse grupo de pessoas que entendem o que ela passa, pelo menos na sua perspectiva. Essa afetividade fortalece os laços entre o grupo e é vista como fundamental para que a aprendizagem ocorra em qualquer lugar, inclusive no espaço virtual, o que se vê explicado por Serra:

Em comunidades colaborativas de aprendizagem, virtuais ou de tijolos, as manifestações afetivas podem ter significados que ultrapassam as diferenças culturais, sociais ou, ainda, tecnológicas já que, para Williams (1997), existe a possibilidade de eu me sentir tocada sinceramente e emocionalmente por um relacionamento desencadeado no ciberespaço. [...] Charlot (2000, p. 54) adverte que a educação, como produção de si por si mesmo, só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda. Rheingold (1998) chama a atenção para a possibilidade de uma relação nada superficial construída em comunidades virtuais. Para ele, estamos gradativamente nos transferindo de relações do tipo *face-to-face* para relações do tipo *heart-to-heart* porque os sentimentos fluem tão rapidamente em rituais virtuais quanto em situações presenciais, com muitos dos componentes sociais envolvidos. Isso porque, segundo o autor, nas comunidades virtuais, as pessoas fazem exatamente as mesmas coisas que fazem nas suas vidas reais; a única diferença, diz Rheingold, é a de que no ciberespaço deixamos nossos corpos para trás. (SERRA, 2005, s/p)

Mulheres reunidas em torno de um mesmo interesse, onde se sentem seguras e confiantes, compartilham informações de diferentes fontes e discutem sobre aquilo que leem e sobre o que sentem. Elas constroem, juntas, um entendimento sobre o que esperar e as escolhas que podem fazer para uma boa vivência da gestação, parto e pós-parto.

Desse modo, o grupo PHC pode ser considerado um ambiente propício ao aprendizado quando, em um mesmo espaço, organiza conteúdos de diferentes fontes e experiências de vida diversas. Isso possibilita acesso a uma importante discussão sobre o parto, o que permite a descolonização de saberes das mulheres integrantes do grupo.

No contexto atual, considerando a importância da cibercultura, aprender é cada vez menos localizado, mais difuso e descentralizado, é também formar conexões e padrões de informações úteis (SIEMENS, 2004), e isso se pode fazer de forma coletiva, por desejo pessoal em comunidade virtual, mesmo que lá não haja objetivo específico para aprendizagem.

Neste trabalho, foram mapeados vários momentos que costumam ocorrer na vivência trilhada pelas integrantes do Grupo PHC. No início da gravidez (ou logo após a entrada no grupo) as mulheres predominantemente “escutam”/leem. Elas, por exemplo, buscam informações nas experiências familiares, em conversas com doulas e em consultas à equipe médica. Também costuma haver pesquisa e leitura sobre assuntos diversos, em artigos, envios de blog, postagens de outras mulheres no grupo, relatos de parto, etc..

Aos poucos, a participante vai se inserindo nas conversas e discussões do grupo, inicialmente como uma leitora, posteriormente de forma mais diversificada. A observação dos diálogos revelou que o contato com postagens, opiniões e testemunhos, incita, na participante,

movimentos de aceitação, recusa ou negociação (DOTTA e GIORDAN, 2007). A cada movimento, entendimentos, significados e discursos vão sendo construídos, destruídos e modificados. A partir de todas essas vivências, as mulheres passam a se engajar na montagem de seu plano de parto, quando têm oportunidade de fazer escolhas e tomar decisões com base no seu aprendizado, conforme evidenciado nos itens acima.

Finalmente, depois do nascimento do filho, as mulheres voltam à rede para postar o relato do próprio parto e partilhar experiências. Nesse momento, muitas adotam uma postura mais ativa, compartilhando frutos do seu aprendizado e colaborando na construção do grupo em favor de outras mulheres.

5.3 Duas histórias sobre a busca pelo Parto Humanizado no PHC

Durante o trabalho de campo para a realização desta dissertação as histórias de duas mulheres pareceram significativas sob a perspectiva de observar os caminhos de aprendizagem sobre o parto. Elas serão chamadas de Maria e Marta, para resguardar suas identidades. As duas estavam grávidas pela primeira vez, jovens com menos de trinta anos, com relacionamentos estáveis, e durante os nove meses de espera, escolheram contratar a disponibilidade médica³⁶ e equipe de doula e enfermeira obstetra. Essas escolhas não são baratas, e à primeira vista, podem parecer fruto de uma condição financeira estável e privilegiada no cenário cearense de grande desigualdade. Porém, é importante ressaltar que dentro desse movimento pela humanização, muitas mulheres levantam a importância de escolher pagar uma equipe ao invés de investir no enxoval do bebê, por exemplo. Fala-se muito sobre as “futilidades” das compras e que, muitas vezes, não se investe no que é de fato importante. Não se está aqui, inocentemente, desconsiderando a importância do fator econômico nessas escolhas, contudo, esse não foi um ponto de análise levantado.

Maria e Marta tiveram filhos com pouca diferença de tempo, as duas já tinham se encontrado outras vezes pela cidade por terem amigos em comum, e se aproximaram durante a gravidez no Grupo PHC, em rodas de conversa sobre parto e porque escolheram, por coincidência, a mesma equipe de doula e enfermeiras para acompanhar seus partos.

³⁶O pagamento da taxa de disponibilidade médica no caso de parto normal é controverso e motivo de muita discussão por parte das gestantes e da justiça. Cf. <<http://www.maesdepeito.com.br/para-justica-taxa-de-disponibilidade-e-forma-de-medico-coagir-gestante/>>. Acesso dia 15 de maio de 2017.

Além disso, elas foram mulheres ativamente presentes no PHC durante o período em que foi realizado o trabalho de campo para essa pesquisa. A análise do campo verificou que essa participação de ambas se assemelha ao caminho trilhado pela maior parte das integrantes do grupo. No início da gravidez ou da entrada no PHC observam mais, leem, buscam informações, observavam as dúvidas de outras grávidas. Depois do parto passam por um momento mais ativo, partilhando suas experiências e colaborando mais com a construção do grupo.

A história de ambas divergiu quando entraram em trabalho de parto. Maria progrediu para a via vaginal e Marta precisou de uma cirurgia cesariana. A forma como Marta lidou com esse desfecho, também é bem significativa para este estudo, porque ela já trazia essa possibilidade de uma cesárea necessária no plano de parto e a cirurgia foi feita com cuidados que mantiveram o protagonismo feminino e a atenção humanizada nos primeiros cuidados com o bebê.

As suas histórias familiares também são parecidas, não havia muitas conversas sobre gravidez e parto antes de estarem grávidas e mesmo quando anunciaram a chegada de um neto, a forma de parir não era um assunto. De modo geral, conversando com várias mulheres grávidas durante as observações, viu-se que elas não traziam lembranças felizes no histórico de parto familiar e faziam esse caminho de procurar fora da família outras possibilidades de construção.

[...] na minha família o histórico de parto não é um histórico feliz. É um histórico negativo. A minha mãe me teve com fórceps, ela me teve muito nova, ela não tinha apoio nenhum familiar. Nem apoio do meu pai, né? porque foi um relacionamento casual bem rápido. Foi um namoro bem no começo quando ela engravidou. E aí foi uma experiência negativa pra ela. E, no parto, ela não teve orientação da equipe do hospital [...]. E ela não teve forças no dia, pelo que ela me contou. Não comeu, e aí ela não teve sinais de trabalho de parto, foi pro hospital sem sinais de trabalho de parto e aí deu entrada no hospital, tipo sem nada. Eu aqui ok [bebê no útero com sinais normais] e já aplicaram ocitocina nela, sabe. E aí acontecia uma coisa muito rápida e ela não tinha força pra fazer e os médicos: “faz força, faz força, faz força”. Bem rápido. Eu tô falando bem rápido o que foi que aconteceu. E aí fizeram um fórceps, botaram um ferro, e tal. E ela sofreu demais. E pelo que ela me conta eu acho que ela teve uma depressão pós-parto no começo. (Entrevista com Maria)

Esse histórico de muitas intervenções médicas como, isolamento da parturiente, impedir que se alimente ou beba líquidos, e outras, é explicado por pesquisas que reconstituem o modelo de assistência ao parto no Brasil (DINIZ, 2001 e 2005). Mulheres que tenham nascido nas décadas de 70, 80 e 90, provavelmente, vão ouvir relatos de suas mães muito parecidos com o que ouviu Maria. E se tiveram uma experiência muito dolorosa no

parto normal, as mães das gestantes, provavelmente, vão desaconselhar o parto vaginal e sugerir a cirurgia cesárea.

Minha outra tia que me criou também. Ela disse, pelas histórias que ela contava também, que o filho dela era muito grande, que ela sofreu demais e que o parto é isso mesmo, sofre, dói. E aí quando eu tava grávida, eu não tinha nenhuma outra pessoa da minha família que teve filho próximo pra eu ter uma referencia mais atual, né? (Entrevista com Maria)

A cirurgia cesárea foi vista por muitas pessoas como a possibilidade de se fugir desse sofrimento inevitável. E que só era uma escolha para mulheres que pudessem pagar, fora do Sistema Único de Saúde, por isso também tão desejada e quase um símbolo de *status*.

Na família de Marta, tanto a mãe como a sogra diziam que o parto normal era melhor devido à recuperação depois, mas não houve um apoio emocional para a escolha do parto normal. Uma conversa mais profunda e sincera sobre o parto só aconteceu depois do nascimento do neto.

A minha mãe, disse que o parto normal era a melhor escolha, e também [conversei] com a minha sogra e ambas disseram que o parto normal era a melhor escolha por causa da recuperação. Mas quando eu conversei com a minha mãe sobre o parto dela, e eu só tive coragem de conversar com minha mãe como tinha sido o parto dela quando [meu filho] nasceu, e aí a gente entende porque o pessoal fica com receio. Porque a minha mãe foi amarrada, na minha mãe colocaram ocitocina sem ela pedi, é o sorinho do alívio que ela diz, empurraram a barriga dela [manobra de kristeler], cortaram a minha mãe [episiotomia]. E ela fala isso com uma normalidade, porque na época dela isso era normal, ela fala assim sem nenhuma dor, e aí eu acho que o receio dela era justamente disso, que eu sofresse isso. Porque por mais que ela não tenha consciência, porque ela só teve consciência quando eu disse, “mãe, a senhora sofreu violência atrás de violência”. E aí, por mais que ela não tivesse consciência de que aquilo era uma violência, ninguém quer ver sua filha amarrada, com a barriga empurrada, tendo a vagina cortada. Ninguém quer, então o receio dela era justamente isso, [mais] uma questão de proteção, do que repulsa pelo parto normal. (Entrevista com Marta)

O que se nota é que mesmo que haja um discurso sobre os benefícios do parto normal, a família apoia pouco as escolhas que são muito diferentes das que foram feitas pelas avós materna e paterna. Há uma falta de entendimento sobre a ambiência dos hospitais e sobre a assistência preconizada pela OMS e pelo Ministério da Saúde, que é diferente da assistência prestada ao parto até década de 90, mais ou menos. E a falta de informação também gera um preconceito quando se fala de parto humanizado, pensa-se que é o “parto na banheira”, “parto da Gisele Bündchen”, que não é “pra qualquer uma”.

Na falta de referência e apoio dentro da família, as gestantes buscam informação e apoio em outras redes. No caso de Maria e Marta, o fator idade também foi importante na

formação de suas redes de apoio, porque suas amigas mais próximas não tinham passado pela experiência da maternidade, e assim, o PHC e outros ambientes virtuais foram preenchendo esse espaço.

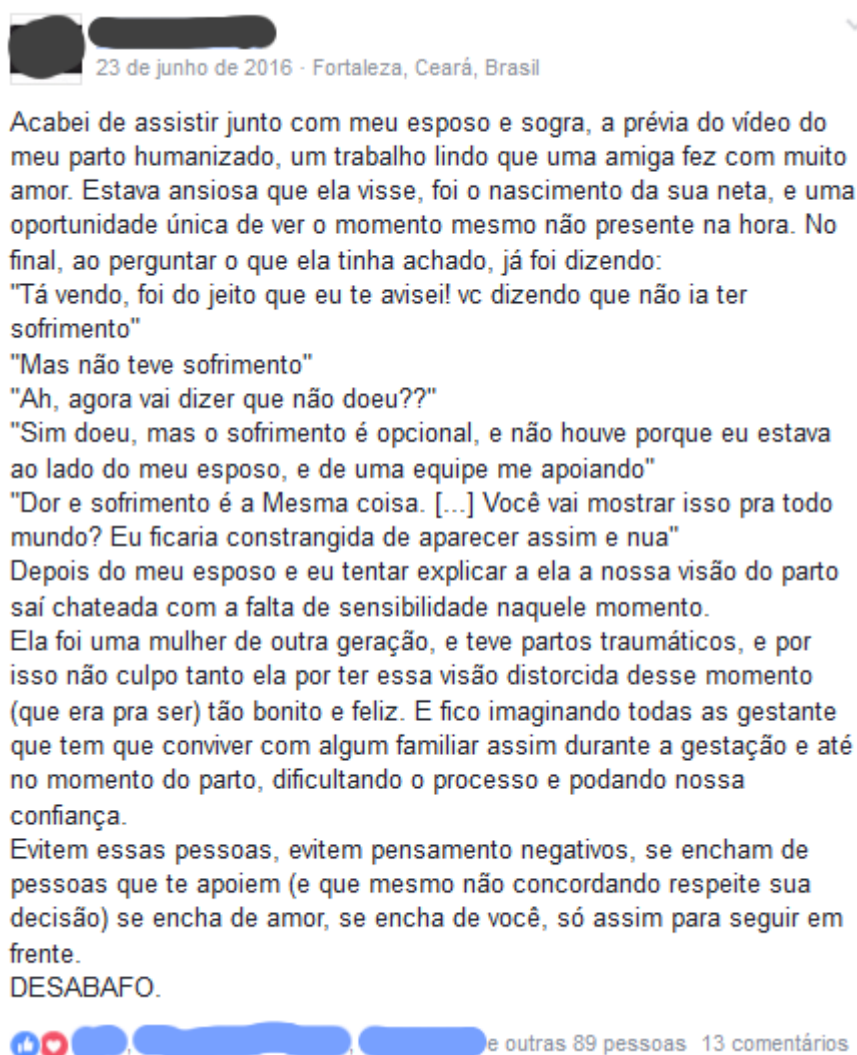
[No PHC] são mães, são todas as pessoas que estão ali que tão passando por algum período próximo do seu ou o mesmo período ali ou um pouco antes ou um pouco depois. **São as pessoas que passam pelo universo mais próximo do seu.** Num tem a sua família, né? Que é bem a margem disso, que tá só ali acompanhando. Tem os seus amigos, mas dificilmente vai ter uma pessoa que tá nesse período. Tinha só mesmo como referência a [amiga do Facebook que postava sobre o assunto de parto e maternidade]. Não lembro assim de ter outra amiga mais próxima. (Entrevista com Maria – grifo nosso)

A empatia no grupo aparece como fator fundamental para que as mulheres se sintam acolhidas nesse ambiente, “são as pessoas que passam pelo universo mais próximo do seu”, isso faz com que sintam que existem pessoas que querem o mesmo que você. A família pode ser vista com um complicador na busca pelo parto, justamente, por não entender ou não concordar com os planos do casal. Marta, por exemplo, afirma que não sofreu violência por parte da equipe de profissionais, mas por parte da família sim.

Eu costumo dizer que a minha equipe foi maravilhosa. A violência que eu sofri foi através da família. Moro com os meus pais. Não tinha como eles não saberem [que eu estava em trabalho de parto]. Depois de mais de um dia de contrações, já no hospital, minha sogra entra perguntando quanto era a cesárea que ela pagava. Depois que o Logan nasceu o [meu marido] foi bombardeado de acusações. De como ele deixa isso acontecer comigo. Que isso ia acabar em cesárea mesmo e só a gente e equipe não viam isso. Triste, né? Depois disso, decidimos que quando nosso próximo filho vier, vamos estar na nossa casa. E mesmo que eu tenha que ir pra outra cesariana complicada, a família só vai saber quando o neném estiver nos meus braços. (Entrevista com Marta)

O parto de Marta foi hospitalar e a família chegou ao hospital antes do parto acontecer, e tinha acesso ao local onde o casal estava. Essa falta de entendimento com a família pode se estender também pelo pós-parto, e não só da família, mas é comum que as pessoas, em geral, questionem as escolhas humanizadas de uma grávida e de uma mãe. Ainda sobre essa relação familiar, Maria fez uma postagem, na imagem 33, contando a reação da sogra às suas escolhas para o parto:

Imagem 33 - Postagem sobre a reação da sogra ao vídeo de parto de Maria



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 20 jan. 2017

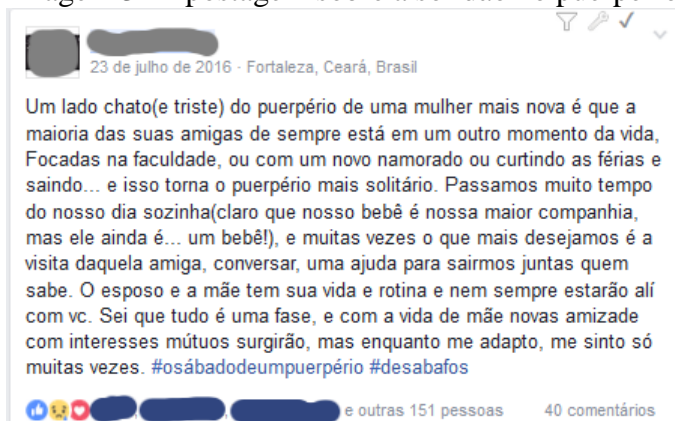
É muito comum que as parturientes não queiram a presença das mães e das sogras, algumas só avisam depois que o bebê nasce e isso se relaciona com a ideia de que a família não entende ou não apoia as escolhas do casal. Para algumas pessoas vai ser clara a influência do grupo nas suas decisões. O PHC se constitui um grupo de apoio que valida escolhas diferentes das feitas pela sua família e/ou do seu companheiro.

[O grupo] me deu essa segurança pra ir. Quando você vê que outras pessoas também conseguem e você também consegue, né? Então se você acha que só... não, eu que sou a diferente que vou querer parir ali, fazer força e botar. Se você não tiver informação, não tiver base, não tiver outras pessoas ao seu redor pra te ajudar e te dar força e você se espelhar, você não vai muito pra frente. Vai ter uma hora que você vai dar um cagaço e: "eu quero ser sedada". E aí o grupo me deu essa força, deu essa base mais sólida pra eu ir até o final. Me ajudou 100%. (Entrevista com Maria)

Depois do parto a necessidade de uma rede de apoio continua ou até aumenta. Nesse momento a família se faz presente nas questões práticas, mas emocionalmente as puérperas continuam contando com a presença daquele grupo virtual que se fortaleceu durante a gestação. A vida social de uma mulher recém parida é muito afetada, o bebê demanda atenção vinte e quatro horas por dia e a amamentação pode ser um processo difícil. As imagens de mulheres lindas e seus recém-nascidos são uma ilusão que não correspondem em nada com a realidade.

Passado um pouco esse período mais intenso do começo da nova vida, as puérperas voltam ao PHC para dar os seus relatos e participam de forma mais ativa do grupo, também porque, às vezes, é um dos poucos lugares onde ela pode *ir para encontrar pessoas*, como descreve Maria na imagem 34.

Imagem 34 – postagem sobre a solidão no puerpério



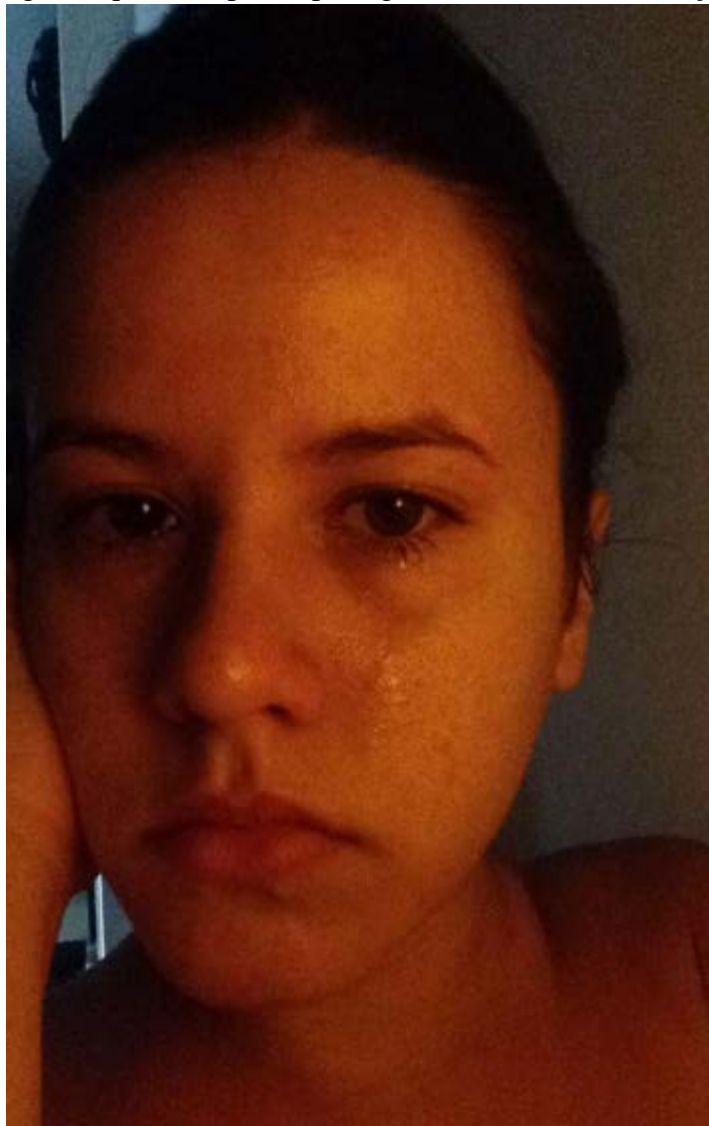
Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 25 jan. 2017

As amigas estão vivendo outros momentos e isso que era visível na gestação, no puerpério fica ainda mais marcante. As mudanças emocionais e psicológicas que acontecem no pós-parto fazem essa solidão ser emocionalmente muito pesada.

[...] a gente se sente só. No meu grupo de amigos, eu tenho amigas que são mães, mas as crianças já estão com dez anos, então elas já retomaram as suas vidas. Mas no meu grupo mesmo, que frequenta aqui em casa eu fui a primeira a ter filho. E querendo ou não é uma rotina diferente. E do grupo de amigos do [meu esposo] ele não foi o primeiro a ter filho. Então já é um pessoal que entende mais. E aqui em casa por mais que esteja sempre com gente, a gente se sente só porque é só você e o bebê. Aquele “ser humaninho” que você nem conhece direito dependendo de você 24h por dia. E aí você acaba se sentindo só. Eu costumo dizer que a maternidade fez um filtro nas minhas amizades. Ficou só quem realmente vale a pena. (Entrevista com Marta)

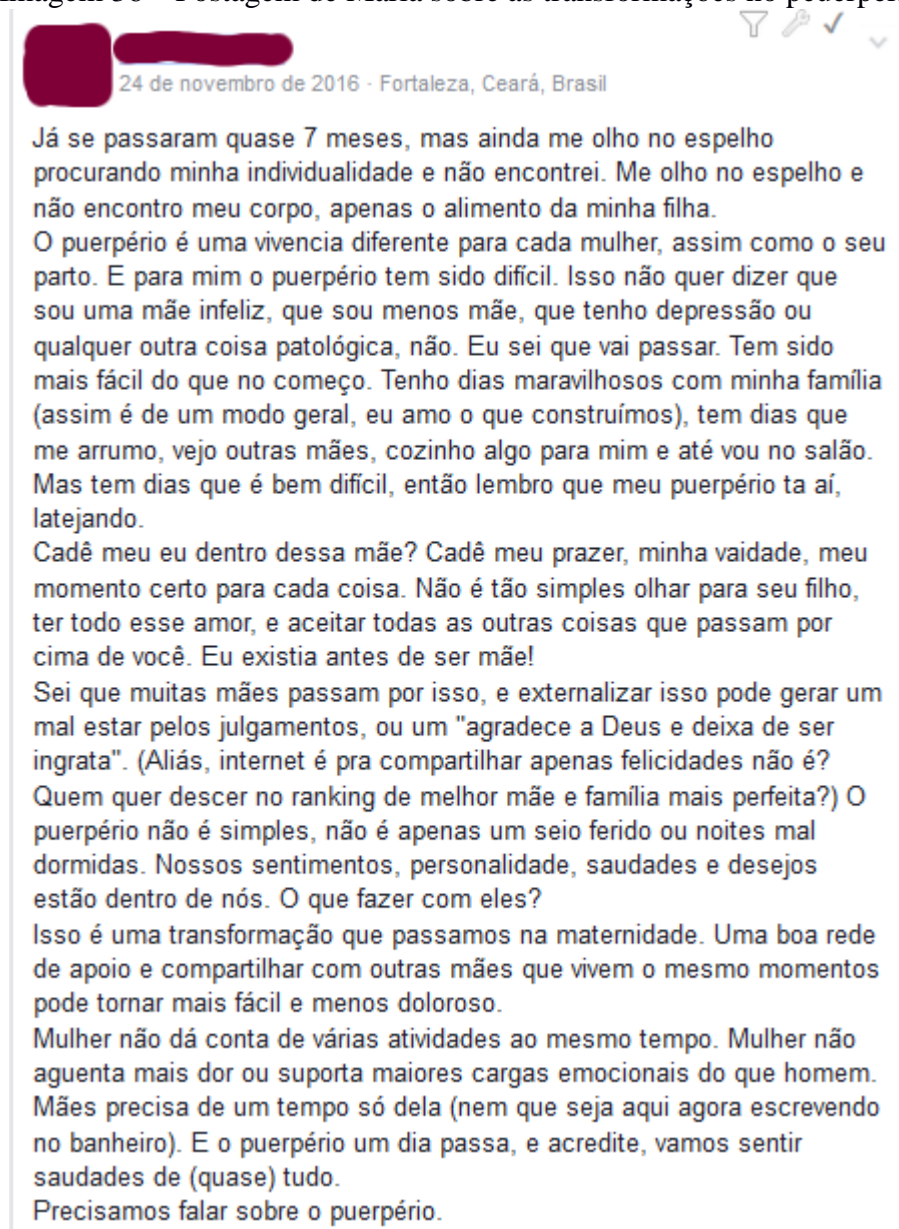
Outra postagem de desabafo, no período do pós-parto, feita por Maria gerou uma grande repercussão no PHC entre as mulheres que também tinham parido há pouco tempo, inclusive com Marta.

Imagem 35 – Fotografia que acompanha postagem sobre as transformações no puerpério



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 25 jan. 2017

Imagem 36 – Postagem de Maria sobre as transformações no puerpério



Fonte: Grupo PHC na rede social Facebook – captura de tela em 25 jan. 2017

Essa postagem, que se vê na imagem 36, fez com que outras mulheres também expusessem suas dores e conflitos, a partir disso surgiu a sugestão de um grupo no WhatsApp, “mães do humanizado” e logo várias se mostraram interessadas em participar e assim estreitaram ainda mais os laços tendo mais um lugar de encontro, especialmente, lugar de encontro durante as mamadas da madrugada.

Todas as histórias que vimos costuradas neste capítulo formam um quadro onde há embate entre conhecimento científico, medos, mitos, senso comum, práticas enraizadas, outros saberes, experiências pessoais, etc.. Diversas matrizes de conhecimento que, muitas

vezes, opõem-se radicalmente e estão em conflito em um contexto de relações marcadas pelo poder. As mulheres grávidas estão ali entre essas muitas disputas, entre a voz médica, da família, de outras grávidas, das doulas, do companheiro, cada personagem desses com um papel específico nessa relação. Em meio a todas essas vozes, o que parece acontecer, em medida diferente para cada mulher, é que o protagonismo feminino “ajuda a fazer diferente”. Mas diferente do quê? Diferente de um cenário em que essa mulher não aparece, e todas as outras vozes são ouvidas mais alto do que a voz dela, do que os desejos dela sobre o próprio corpo.

No caso da medicina obstétrica, como já explicitamos em outros pontos do texto, muitos conhecimentos foram incorporados às práticas médicas sem que pesquisas adequadas fossem realizadas (ODENT, 2003). A luta pela humanização prima pelas pesquisas mais atualizadas, tendo na divulgação da informação de qualidade uma de suas armas contra as más práticas na assistência ao parto e ao nascimento. Assim, muitos blogs, sites e grupos em redes sociais são usados para divulgar pesquisas atuais e difundir conhecimento acerca das condutas mais seguras para o binômio mãe-bebê.

Além disso, a valorização da partilha da experiência pessoal de cada mulher, principalmente com os relatos de parto, auxilia na construção de um novo modo de planejamento para o nascimento que faz pensar, refletir, conversar e aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que questões ligadas aos sentidos do feminino vêm ganhando notoriedade em uma vivência da cibercultura e de renovadas relações sociais virtuais, este estudo qualitativo, de caráter etnográfico, analisou as interações e práticas tecidas no Grupo Parto Humanizado no Ceará, em funcionamento no site de rede social virtual Facebook. De acordo com o objetivo inicial, as observações permitiram compreender como essas práticas podem articular processos de aprendizagem em rede sobre o parto humanizado e formar uma rede de apoio online para mulheres.

Durante esta pesquisa, detectaram-se especialmente duas categorias destacadas para análise que surgiram repetidas vezes nas interações entre os integrantes dessa comunidade: de um lado, discutiu-se sobre a importância das redes de apoio para o Parto Humanizado, com destaque para o próprio PHC. Além disso, travaram-se muitos debates relacionados a processos de aprendizagem para o parto humanizado.

Quanto à primeira categoria, o tema das redes de apoio foi frequentemente discutido no Grupo PHC, em postagens feitas por mulheres e doulas, e a partir de pontos de vista diversos. As redes de apoio mais mencionadas nas interações foram as famílias das gestantes e o companheiro/pai da criança.

Com relação à família, foi destacado nas discussões que a maioria delas não tem uma vivência de parto normal respeitosa que lhes dê ferramentas para atuar como uma rede de apoio informacional e emocional para a escolha feminina pelo parto humanizado. Já com relação ao companheiro da mulher ou pai da criança, as postagens mais frequentes versavam sobre a “ajuda” ou corresponsabilização na criação dos filhos.

Além disso, a análise das relações entre as mulheres do grupo permitiu concluir que o próprio grupo se constitui uma rede de apoio online, o que, por vezes, foi expressamente mencionado nas entrevistas realizadas nesta investigação. No caso, verificou-se que as mulheres do Grupo PHC foram beneficiadas tanto com apoio informacional quanto emocional, enquanto o suporte material foi menos comum. As postagens mais populares na página – os relatos de parto – cumprem função dupla, apresentando caráter predominantemente informacional para quem lê e responde, mas de forte apoio emocional para quem escreve.

Foi também relevante constatar que, embora o PHC seja um grupo virtual construído e mantido a partir de múltiplos laços fracos em torno de um tema, a combinação de apoio informacional e emocional nele presente se mostrou particularmente capaz de orientar decisões de integrantes do grupo. Em especial, o compartilhamento de relatos, evidências científicas e experiências pessoais foram influentes nas tomadas de decisão sobre o parto e sobre os cuidados com os filhos recém-nascidos.

Em contraste, Kaufman (2012) considera que seriam as relações de laços fortes, como as existentes entre familiares e amigos íntimos, aquelas que poderiam realmente influenciar uma pessoa nas escolhas importantes em sua vida. Nessa perspectiva, o Grupo PHC parece um caso com certas particularidades, como mencionado acima. Seria salutar, em estudos futuros, investigar em que medida e sob quais circunstâncias essa característica pode ser vista em outras redes de laços fracos virtuais ou redes sociais presenciais.

Uma tentativa de explicação considera que as interações, muitas vezes instantâneas, possibilitadas pela mobilidade, nas comunidades virtuais atuais, permitem superar antigas barreiras de tempo e espaço. Essa característica de interatividade quase instantânea permite que os membros de um grupo virtual estejam sempre em contato, mesmo que as relações que ali ocorram sejam, em sua maioria, de laços fracos. Por isso, é possível imaginar que as novas relações sociais na cibercultura modifiquem a maneira como laços fortes e laços fracos levam à tomada de decisões.

Também é preciso lembrar que a industrialização do parto em nossa sociedade já naturalizou a ideia de que as decisões importantes sobre o nascimento não deveriam estar nas mãos da própria mulher e de seus laços fortes, mas deveriam ser deixadas em mãos médicas. Essa transferência do parto para as mãos de terceiros fez com que atualmente muitos dos laços fortes nas redes das gestantes (família e amigos próximos) estejam completamente despreparados para dar qualquer conselho que não seja “faça o que o especialista disser”.

Assim, resumindo essa primeira categoria, o Grupo PHC se constitui em uma efetiva rede de apoio, destacando-se como um importante mecanismo informacional e emocional para a boa vivência do parto humanizado. Embora não pretenda substituir o suporte das relações familiares e dificilmente assuma contornos de uma rede de apoio material, o grupo impacta fortemente as tomadas de decisão de seus membros acerca da gravidez, parto e pós-parto e cuidados com o bebê dentro dos princípios da humanização.

O segundo destaque da presente investigação foi a observação das experiências de aprendizagem no Grupo PHC. Esse assunto tem inegável ligação com a mencionada dimensão informacional do apoio fornecido pela comunidade aos seus integrantes, mas pode aqui ser visto numa perspectiva mais ampla.

Aprender é formar conexões e padrões de informações úteis (SIEMENS, 2004). A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação, que levou ao nascimento da cibercultura, tem tornado esses processos cada vez menos dependentes de barreiras geográficas, de modo que o aprender se torna mais global, descentralizado e partilhado.

Hoje, a partir de um desejo pessoal, o aprender pode também ocorrer em comunidades virtuais, de forma colaborativa, mesmo que o objetivo específico das interações lá vividas possa não ser educacional no sentido formal dessa experiência. De fato, esse caminho para o aprendizado tem sido trilhado cada vez mais no ciberespaço. Assim, embora não tenha a educação como a sua finalidade expressa, o Grupo PHC também se revelou como um local privilegiado para a vivência de práticas comunicacionais que resultam em processos de aprendizagem em rede.

O grupo PHC agrega conteúdos de diferentes fontes e experiências de vida diversas num mesmo espaço. Essa multiplicação de conteúdos e histórias particulares de cada participante gera um grande banco de dados sobre parto e humanização que está ao alcance dos seus membros. Contudo, mais do que uma biblioteca, a análise descortina o Grupo PHC como um dinâmico ambiente virtual no qual várias das relações e vínculos no grupo contribuem para a formação de novos saberes sobre temas como redes de apoio, gestação, parto, pós-parto, e cuidados com o bebê.

De fato, a partir da análise das interações vivenciadas pelos integrantes ativos do grupo, cabe afirmar que, quase sempre, ocorrem experiências de aprendizagem ligada às temáticas do parto humanizado. E, cada vez mais, as mulheres fazem um caminho que inclui as suas experiências familiares, a pesquisa de conteúdos com respaldo científico, os relatos de parto de outras mulheres e as informações que adquirem com as doulas e equipe médica. Com base em todas essas vivências, as mulheres montam o seu plano de parto e, depois do nascimento de seus filhos, voltam para compartilhar seu aprendizado na rede ajudando outras mulheres a também entender que têm o direito de ser protagonistas de suas histórias.

Identificou-se ainda que, para muitas das mulheres do grupo, experienciar essas trocas de saberes e aprendizagens foi visto como um catalisador para o empoderamento. Pode-se afirmar que a rede emocional e informacional encontrada no PHC fortalece a agência sobre si das mulheres. Ou seja, tendo acesso à informação de qualidade e conhecendo suas possibilidades de escolha, mulheres podem fazer a opção segura por um parto humanizado.

Desse modo, a partir de uma autoria dialógica e de relações da ordem da afetividade, o grupo Parto Humanizado do Ceará se constitui uma rede de apoio emocional e informacional, ligando diversos nós na rede e formando um ambiente seguro para encontrar e debater informações sobre o parto humanizado. Tudo isso permite a descolonização de saberes sobre o parto e a aprendizagem.

Para além deste estudo, ao contemplar minha trajetória pessoal enquanto mulher, pesquisadora, mãe tentante e doula, percebo que o PHC foi, também para mim, uma comunidade de apoio e um lugar onde aprendi muitas coisas. Eu nunca engravidei e não tinha pessoas próximas a mim com quem conversar sobre parto. Minha mãe, sempre muito reservada, faleceu quando eu ainda tinha 17 anos e nem pensava em ter filhos. Não tive nenhum ensinamento familiar sobre gestação ou parto.

O PHC me ensinou muito. Quando entrei no grupo, um mundo totalmente novo se abriu. Antes de fazer o curso de doulas, no segundo semestre de 2015, – e mesmo depois – o grupo foi fundamental para me ajudar a entender onde conseguir informação de qualidade. Não sabia, por exemplo, que se pode recusar a maioria dos procedimentos de rotina em um hospital e que muitos sequer são benéficos para o trabalho de parto.

Eu nunca tinha ouvido falar na maior parte das pessoas “famosas” no mundo da humanização, muito menos sobre medicina baseada em evidência. Foi no PHC que conheci Michel Odent, que ouvi falar sobre o “Renscimento do parto – o filme”, que conheci a Dra. Melânia Amorin, por exemplo. E, mais do que qualquer teoria, foram os relatos de parto e as partilhas das mulheres, felizes ou tristes, que me emocionaram e fizeram nascer, em mim, o desejo de travar discussões como as que permearam esta dissertação.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Caderno de campo digital: antropologia em novas mídias. **Horizontes Antropológicos**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 21, p. 273-289, 2004.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazio Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP. Papyrus Editora, 2005.
- ALLEGRETTI, S. M. M.; HESSEL, A. M. D.; HARDAGH, C. C.; & SILVA, J. E. D. Aprendizagem nas redes sociais virtuais: o potencial da conectividade em dois cenários. **Revista Contemporaneidad, Educacion y Tecnologia**, São Paulo, v. 01, n. 2, 2012. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34520949/pucsp_2012.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1467667421&Signature=HWdoRpBHUnpYEWcQaAoZy5nfyk%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAprendizagem_nas_redes_sociais_virtuais.pdf> Acesso em: 18 mai. 2016.
- ALVIM, Luísa. Impossível não estar no Facebook! O nascimento das bibliotecas portuguesas na rede social. **Cadernos BAD**, Portugal, n.1/2, p.14-26, 2011. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/737>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- BRASIL. MINISTÉRIO DAS MULHERES, DA IGUALDADE RACIAL E DOS DIREITOS HUMANOS. SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **BALANÇO 2015 Ligue 180: uma década de conquistas! Central de Atendimento à Mulher**. 2015. Disponível em: <www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2016/03/SPM_Ligue180_Balanco2015.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2017.
- BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRAGA, Carla Sousa. **Uso de material didático hipermediático pelo aluno: análise de uma experiência de educação semipresencial na Universidade Aberta do Brasil e Universidade Federal do Ceará**. 2012. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do antropólogo**. Brasília; São Paulo: Paralelo Quinze; Editora da Unesp, 1998.
- CARVALHO, Rodrigo Lacerda. *et al.* A cibercultura e os MOOCs: análise da interação dos alunos em duas experiências no Brasil. **Revista EDaPECI**, Sergipe, v. 13, n. 2, p. 200-215, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: A era da Informação Economia, sociedade e cultura**. V.1. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que ecoam: feminismo e mídias sociais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei - MG, v. 11, n. 1, p. 214-224, 2016. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017>. Acesso em: 23 mar. 2017.

COUTO, Edvaldo Souza; SOUZA, Joana Dourado França de; NASCIMENTO, Sirlaine Pereira. Grindr e scruff: amor e sexo na cibercultura. *In: SIMPÓSIO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE*, 2013, Salvador. **Anais...** Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/13n1_grindr_49464.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n.3, p. 627-637, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300019>. Acesso em: 03 dez. 2015.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Entre a técnica e os direitos humanos: possibilidades e limites da humanização da assistência ao parto**. 2001. Tese (doutorado) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<file:///C:/Users/Goretti/Downloads/Tese%20de%20Doutorado%20limita%C3%A7%C3%B5es%20e%20possibilidades%20da%20humaniza%C3%A7%C3%A3o%20no%20parto.PDF>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

DOTTA, S.; GIORDAN, M. O papel do diálogo em educação a distância. *In: ENCONTRO NACIONAL DE INTERAÇÃO EM LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL*, VIII, São Paulo, 2007(a). **Anais...** São Paulo: USP, 2007(a).

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação: contributo do facebook no contexto das comunidades virtuais de aprendentes**. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, 2011. Disponível em: <http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

FORNARI, Lucimara *et al.* A campanha# primeiro assedio no twitter: estudo na perspectiva de gênero e geração. *CIAIQ2016*, Porto, v. 2, 2016. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/viewFile/835/821>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades - Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

GRUPO PARTO HUMANIZADO NO CEARÁ. Grupo fechado na rede social Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/266603320207794/>>. Acesso em: 03 set. 2015.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Práticas ciberativistas, agência social e ciberacontecimentos / Cyberactivistic practises, social agency and cyberfacts. **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, n. 45, 2015.

JUNQUEIRA, Eduardo S.. Professoras de escolas públicas brasileiras e agência: A experiência de um projeto de aprendizagem, com ferramentas da informática, desenvolvido nos Estados Unidos. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 29., 2006, Caxambu. **Anais...** da 29 Reunião Anual da ANPED, 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT14-2024--Int.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

KAUFMAN, Dora. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia**, São Paulo, n. 23, p. 207-218, jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/5336/7580>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

LEMOS, André. **Cibercultura**, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEITE, Cristiane Luiza Köb. *et al.* A aprendizagem colaborativa na educação a distância on-line. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA*, 12, 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABED, 2005. Disponível em: <http://www.nce.ufrj.br/ginape/iga502/Material_aulas/Aprendizagem%20colaborativa%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia.pdf>. Acesso em: 20 nov.2015.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÈVY, Pierre. **Inteligencia coletiva por una antropología del ciberespacio**. Organización Panamericana de la salud – unidad de promoción y desarrollo de la investigación y el centro latinoamericano y del Caribe de información em ciencias de la salud. Whasshinngton, DC, 2004. Disponível em: <<http://inteligencia colectiva.bvsalud.org/public/documents/pdf/es/inteligenciaColectiva.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

LIBÂNEO, José C.. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação. *In: LIBÂNEO, José C.; SANTOS, Akiko. (Org.). Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade*. Campinas (SP): Alínea, 2005, v. 1, p. 19-62.

LISBOA, Eliana Santana; COUTINHO, Clara Pereira. Comunidades Virtuais: Sistematizando Conceitos. **Revista Científica de educação à distância**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, jul. 2011. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/search?q=rehuna>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

LUZ, Lia Hecker; GICO, Vânia de Vasconcelos. As redes sociais digitais e a humanização do parto no contexto das Epistemologias do Sul 1/Digital social networks and the humanization of childbirth in the context of the Epistemologies of the South. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2017.

LUZ, Lia Hecker. **O renascimento do parto e a reinvenção da emancipação social na blogosfera brasileira**: contra o desperdício das experiências. 2014. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Disponível em: (<<http://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/sele%C3%A7%C3%A3o%202016/Docfoc.com->

MALINOWSKI_Argonautas-Do-Pacifico-Occidental-Os-Pensadores.pdf.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2015.

MAIA, D. L. *et al.*. Formação de professores que ensinam matemática no contexto da cibercultura: Estudo de uma escola UCA. **HOLOS**, Rio Grande do Norte, ano 30, v. 4, p. 450-462, 2014. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2017/pdf_80>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MARCELO, Ana Sofia. **Internet e novas formas de sociabilidade**. 2001. Tese (mestrado) – Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MARQUES, Raquel de Almeida. **Ciberativismo em defesa do parto humanizado e da descriminalização do aborto**: as diferenças na defesa dos direitos reprodutivos. 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARTINS, Beatriz Cintra. **Autoria em rede**: os novos processos autorais através das redes eletrônicas. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2014.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. Sexta parte: As técnicas do corpo, p. 399-422. Disponível em: <http://monoskop.org/images/b/bb/Mauss_Marcel_1935_2003_As_tecnicas_do_corpo.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.

MEDEIROS, Lidiele Berriel de. **Rotas de fuga no ciberespaço**: Itinerários de mulheres em busca do parto desejado. 2014. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128047/000973989.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 ago. 16

MERCADO, Luis Paulo. Pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 30, p. 169-183, 2012.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. Novas tecnologias na educação. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p.1-10, Cnted- UFRGS, dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14173/8102>>. Acesso em: 15 out. 2016.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; GOMES, Luiz Fernando; SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Netnografia**: Considerações Iniciais para Pesquisas em Educação. **QUAESTIO**, Sorocaba, SP, v. 13, n. 2, p. 185-202, nov. 2011.

ODENT, Michel. **O camponês e a parteira**: uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto. São Paulo: Ground, 2003.

ORTNER, Sherry B.. Conferências de Sherry B. Ortner. *In*: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. (Org.). **CONFERÊNCIAS E DIÁLOGOS: SABERES E PRÁTICAS ANTROPOLÓGICAS**. 2007. **Anais...** Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 17-45. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/conteudo/livros/ConferenciaseDialogos.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 20, n. 42, July/Dec. 2014. Disponível em: <scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832014000200015&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 fev. 2016.

PINTO, Virginia Bentes *et al.* "Netnografia": uma abordagem para estudos de usuários no ciberespaço. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS. IX, 2007. Ponta Delgada. **Anais...** Ponta Delgada, 2007. p. 79-95, 2007. Disponível em <<http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM90.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro, 2005, p.107-130. Disponível em: <www.antropologias.org/rpc/files/downloads/2010/08/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ci%C3%A2ncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf> Acesso em: 07 jun. 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RIFIOTIS, Theophilos (*et al.*). **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

RODRIGUES, Bruna. “Meu Corpo, Minhas Regras”: Direito ao Corpo e Narrativas Feministas nas Redes Sociais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, XXXIX, 2016, São Paulo, SP, 2016. **Anais...** São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2241-1.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. E-Compós. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, p. 2-22, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.com.br/e-compos>> Acesso em: 02 jun. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *In*: Epistemologias do Sul / Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses (org). São Paulo: Cortez, 2010.

SERRA, Daniela T. S. **Afetividade, aprendizagem e educação online**. 2005. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_SerraDT_1.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

SILVANI, Cristiana Maria Baldo. Parto humanizado: uma revisão bibliográfica. 2010. Trabalho de conclusão (especialização) - Faculdade de Medicina, Curso de Especialização em Saúde Pública, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28095/000767445.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação e mídia clássica. 5 Ed. São Paulo. Edições Loyola, 2010.

SIEMENS, G. **Uma breve história da aprendizagem em rede**. *Online*. Versão Preliminar da Tradução Colaborativa da Escola-de-Redes realizada por Jaqueline de Camargo, Luiz de Campos Jr. e Mariana Corrêa de Oliveira, 2010. Disponível em: <<http://escoladeredes.net/group/bibliotecadoconectivismo>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SIEMENS, G. **Conectivismo**: uma teoria de aprendizagem para a idade digital. *Online*. Tradução Bruno S. Leite, 2004. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/66317606/Conectivismo-uma-Teoria-Para-a-Era-Digital>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SOARES, M. J. Proposições e controvérsias no conectivismo. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, Loja, Ecuador, v.16, n.2, p. 9-31, 2013.

TAPSCOTT, Don. A inteligência está na rede. **Revista Veja**, São Paulo, n. 2212, 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/a-inteligencia-esta-na-rede-entrevista-com-don-tapscott/>> Acesso em: 24 abr 2015.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2010.

TIMES, Verônica Rodrigues. **O discurso de humanização do parto em blogs de ativismo materno**. 2014. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TORNQUIST, Carmen Susana. **Parto e poder**: o movimento pela humanização do parto no Brasil. 2004. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86639/207876.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerários da Pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

QUESADA, Cristina V. Redes sociales: Un concepto con importantes implicaciones en la intervención comunitária. **Intervención Psicosocial**, v. 2, n. 4, p. 69-85, 1993.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-246.

_____. Don Quijote y los molinos de viento en América Latina. **Revistas de Investigaciones Sociales**, San Marcos, v. 10, n. 16, p. 347-368, 2006. Disponível em:

<<http://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/sociales/article/view/7030>>. Acesso em: 10 dez. 2016.